

CRÔNICAS DO INSÓLITO

MARSON ALQUATI

&

JAQUELINE TONIN ALQUATI

SUMÁRIO

Pág. 03 – O ESPÍRITO DE STONEHENGE

(Márson Alquati)

Pág. 34 – O HOSPEDEIRO

(Márson Alquati)

Pág. 41 – PACTO PARA O LANCEIRO NEGRO

(Márson Alquati & Jaqueline Tonin Alquati)

Pág. 62 – A LENDA DA FADA DO DENTE

(Jaqueline Tonin Alquati)

Pág. 71 – O GUARDIÃO DO SHEOL

(Márson Alquati)

Pág. 79 – SAMANTA

(Márson Alquati & Jocir Prandi)

Pág. 86 – SÍNDROME DE AFRODITE

(Jaqueline Tonin Alquati)

Pág. 92 – O LEGADO ANUNNAKI

(Márson Alquati)

Pág. 109 – O RITUAL DA PRINCESA

(Jaqueline Tonin Alquati)

Pág. 116 – PROJETO GÊNESIS

(Márson Alquati)

O ESPÍRITO DE STONEHENGE

Márson Alquati

Planície de Salisbury, Inglaterra, nos dias atuais...

— Como vocês podem ver – a guia da excursão explicou. – *Stonehenge*, que do inglês arcaico traduz-se como: “*stan*” = pedra e “*hencg*” = eixo, é um monumento megalítico, supostamente da Idade do Bronze. Ele foi denominado pelos saxões de “*Hanging Stones*” ou “*pedras suspensas*”. O monumento todo é composto por setenta blocos de arenito de aproximadamente cinquenta toneladas cada um e que medem, em média, cinco metros de altura, dispostos em uma formação circular, de modo a constituírem vários círculos menores e concêntricos. Fato que lhe conferiu inúmeras referências, em cantos e escritos medievais antigos, como “A Dança dos Gigantes”. Existem diversas lendas e mitos acerca de sua construção, creditados muitas vezes aos povos da antiguidade, porém jamais comprovados. Uma das opiniões mais populares surgiu com John Aubrey que no Século XVII, muito antes do desenvolvimento dos métodos de datação arqueológica usados hoje em dia, foi quem primeiro associou este monumento e outras estruturas megalíticas da Europa aos antigos Druidas. Mas, na realidade, os Druidas só apareceram na Grã-Bretanha em algum momento após o ano 300 a.C., mais de um milênio e meio depois que a datação por carbono-14 sugere que os últimos círculos de pedra foram erguidos e os lintéis assentados. Entre as décadas de 1950 e de 1960 foram conduzidos diversos estudos acurados em *Stonehenge*, nos quais se chegou à conclusão de que o lugar inteiro foi erigido com a finalidade de se permitir a observação de fenômenos astronômicos específicos como os solstícios de verão e de inverno, os equinócios, as fases da lua, e os movimentos dos astros e dos corpos celestes, o que propiciava aos seus construtores uma exata noção temporal, indicando-lhes os dias mais propícios aos seus rituais e determinando, com exatidão,

os ciclos agrícolas. Outra curiosidade sobre *Stonehenge* é que uma série de estudos arqueoastronômicos acabou revelando as extraordinárias habilidades matemáticas e de engenharia arquitetônica dos seus primitivos construtores que, cerca de dois mil anos antes da formulação oficial do *Teorema de Pitágoras*, já incorporaram, em seus círculos de pedra, os conceitos e o valor do “*PI*”. E não devemos nos esquecer de que, sempre no dia 21 de Junho, o Sol nasce com perfeita exatidão sob a pedra-eixo central do círculo principal, indicando o auge do solstício de verão...

E enquanto a esforçada guia explanava sobre as ruínas britânicas ao pequeno grupo de turistas que a acompanhava, um vulto etéreo os observava de longe, envolto em sombras.

Ninguém ali podia vê-lo, pois se tratava de um fantasma: o espírito guardião de Stonehenge que, mais do que isso, era um prisioneiro das ruínas megalíticas.

Aproximou-se do grupo a tempo de escutar as últimas palavras da guia.

— Resumindo: *Stonehenge* ainda hoje continua sendo um indecifrável mistério do nosso passado, que parece desafiar as forças do tempo e da natureza, bem como as pretensões dos que procuram descobrir o seu verdadeiro significado. Mesmo que nós passemos o resto das nossas vidas interrogando estes formidáveis gigantes de pedra tosca que agora contemplam os seus irmãos derrubados, a nossa curiosidade jamais será plenamente satisfeita ante o vasto silêncio que os envolve...

O espírito sorriu de forma enigmática ao ouvir aquilo.

Pouco depois surgiram os primeiros sinais do crepúsculo, e a excursão, a última do dia, finalmente deixou o monumento a sós com o seu imortal protetor.

Ah, ele sim, conhecia a verdadeira história do lugar, uma vez que a sua própria existência se encontrava intimamente ligada aos místicos círculos de pedras.

Ao cair da noite, como fazia todos os dias, tentou por mais uma vez ultrapassar os limites do fosso externo, no entanto a inexpugnável barreira mística e invisível que

o aprisionava ao lugar impediu-o de prosseguir além.

Continuava encarcerado, preso ao antigo “*Templo do Céu*”. Encarcerado devido aos seus pecados e iniquidades.

Por conta dos crimes que cometera em vida, ele permanecia condenado a vagar, até o *Fim dos Tempos*, solitário e infeliz, por entre aqueles gigantes de pedra que, por sua vez, delimitavam as fronteiras entre a dimensão dos vivos e a dos mortos.

Foi então que, acabrunhado e arrependido, ele sentou-se sobre uma pedra de tonalidade azul que havia servido de altar no centro do santuário megalítico. E deixou a sua mente voar de volta ao passado. O seu passado.

E, como em uma espécie de filme 3-D, ele reviveu cada um dos acontecimentos que inevitavelmente o conduziram àquela fatídica condição...

II

Condado de Wiltshire, milhares de anos atrás, tantos que o próprio tempo já não é mais capaz de ostentar recordações daquela época...

Havia dois anos que Varek ultrapassara a barreira da infância e se tornara um homem, de modo que o jovem trazia no peito e no rosto as marcas tribais de sua nova condição, sob a forma de tatuagens. Vestia uma túnica de pele de urso e tinha o cabelo longo e entrançado, atado em um rabo de cavalo com uma fita de couro de boi. Ele carregava consigo um arco de teixo, com pontas de osso e com uma corda de tendão equino untada com gordura suína e bem esticada. Do seu ombro pendia uma bolsa cheia de flechas ornamentadas com penas multicoloridas.

Mas, ao contrário daquilo que se poderia supor, Varek não se encontrava a caçar animais silvestres para ajudar na alimentação da tribo.

A sua intenção era outra, bem menos nobre...

Durante todo aquele dia, ele havia perseguido o “alvo” pela floresta, ocultando-se em meio às folhagens e entre os frondosos carvalhos para não ser visto.

Ao cruzar por uma clareira na mata, Varek percebeu que o céu começava a ficar carregado de nuvens negras; e que relâmpagos riscavam o horizonte distante. Sinal de que em breve choveria. Portanto, ele precisava se apressar.

Foi quando, ao transpor um pequeno córrego de águas cristalinas e muito frias e adentrar a segunda clareira que ficava além deste, surgiu a oportunidade ideal.

O homem que Varek vinha espreitando havia acabado de abater um gordo javali. No momento, estava abaixado sobre a presa, a fim de arrancar a flecha de seu dorso. E o melhor: o “alvo” se encontrava absolutamente sozinho.

Varek afastou as ramagens e saiu das sombras.

Ao enxergá-lo, o outro sorriu-lhe animado.

— Salve irmãozinho! Veja que javali enorme eu apanhei! Hoje teremos um belo banquete na tribo...

Varek nada disse. Limitou-se a retirar uma flecha de penas negras da bolsa que trazia às costas e a posicionou no arco de teixo, esticando a corda ao máximo.

Garthall, o caçador, encontrava-se tão ocupado com o javali que não percebeu a manobra do seu irmão mais novo. E só quando o rapaz já se encontrava a menos de quatro passos de distância foi que a ficha do caçador caiu.

Garthall se virou. E encarou, incrédulo, a flecha apontada para si.

— Por Dagda... O que significa isto, Varek? – indagou perplexo, tateando o chão em busca do próprio arco, ao concluir que a intenção do mais jovem não era de baixar a arma e sim de dispará-la.

Tarde demais.

Varek soltou a flecha. A seta silvou, atingindo o alvo com violência e fazendo com que o atônito Garthall fosse lançado para trás, caindo de costas sobre o javali

ensanguentado. A flecha enterrou-se profundamente no abdome do homem, ficando com apenas um palmo da haste de madeira visível.

Sem conseguir olhar nos olhos do irmão ferido, Varek adiantou-se e chutou para longe o arco e a aljava dele.

Naquele preciso instante, um trovão ensurdecedor fez estremecer céus e terras, prenunciando o temporal que estava chegando.

Garthall gemeu de dor, logrando erguer-se corajosamente de joelhos.

– N-não entendo, Varek... Por quê? – interpelou ao mais novo.

– Eu não aguento mais viver sob a sua sombra, irmão! – Varek desabafou com lágrimas nos olhos. – Você sempre foi o melhor em tudo... O queridinho de todos... O preferido de nosso pai... E as coisas só pioraram depois da morte do velho. Por ser o primogênito, você herdou a chefia da tribo, enquanto eu tive que me contentar com um mero posto de caçador. Desde então, é você quem detém toda a riqueza da tribo, enquanto eu mal tenho o que comer e o que vestir. E não bastasse tudo isso, ainda me roubou Jenna, a mulher que eu sempre amei, desde que éramos crianças, tomando-a como sua esposa. Com a sua morte, querido irmãozinho, eu serei o novo chefe. E tudo o que me foi negado até agora, me será restituído!

– Não faça isso, Varek... Os deuses o castigarão! – murmurou o moribundo.

– Nada temo, pois busco apenas justiça, de modo que os deuses nada têm que ver com isso! – Varek cuspiu, já posicionando uma segunda flecha no arco de teixo, apontando e retesando-o.

– Pelo amor de Dagda! V-você enlouqueceu, Varek... Desarme o seu arco e eu prometo esquecer esse disparate... – Garthall ainda tentou dissuadir o irmão.

Varek não o ouviu. E a segunda flecha cravou-se na jugular de Garthall no exato instante em que a tempestade os alcançou.

III

A chuva se tornava cada vez mais forte, criando enormes poças lamacentas por todo o terreno. O que dificultava a tarefa de Varek, pois ele lutava contra a lama para escavar, com as mãos, um buraco com tamanho e profundidade capazes de ocultar o cadáver do irmão. Quando se deu por satisfeito, dirigiu-se ao defunto e decepou-lhe as mãos, os pés e a cabeça usando uma rústica machadinha com lâmina de sílex, pois segundo a tradição de seu povo, dessa forma o espírito do morto não teria condições de se vingar dele no futuro, uma vez que não teria como andar e nem como portar armas.

E então arrastou o que sobrou do corpo esquartejado, enterrando na vala recém aberta. As extremidades, Varek enterrou bem longe dali, uma separada da outra, em quatro buracos menores; e a cabeça foi oculta aos pés do mais alto e sagrado carvalho da floresta de Nemeton.

Ao completar o serviço, o assassino voltou à clareira, colocou o javali abatido por Garthall nas costas e retornou à aldeia.

O seu irmão tinha razão: naquela noite haveria um belo banquete na tribo.

IV

Várias luas se passaram.

Naquela noite, uma nova tempestade despencou sobre a aldeia de Wiltshire. O vento soprava forte e inclemente, enquanto os relâmpagos iluminavam o firmamento, rasgando céus e nuvens; alguns descendo até à Terra, a fim de atenuarem, mesmo que apenas momentaneamente, as trevas que haviam tornado o mundo escuro como breu. Os trovões rugiam ferozes. E a chuva despencava violenta e algoz sobre Wiltshire, de

modo que todos na aldeia se refugiavam em suas tendas ou cabanas.

Os deuses urravam e choravam. E aos homens cabia apenas temê-los.

Com o inexplicável sumiço de Garthall, o conselho dos anciãos se reuniu para decidir os rumos da tribo para o futuro. E depois de muita discussão, chegou-se à única solução possível: Garthall foi dado como morto; e Varek, como seu único irmão de sangue e herdeiro legítimo, deveria assumir o posto de chefe da tribo, assim como ele poderia, caso desejasse, reclamar para si os pertences do morto. Inclusive Jenna, a encantadora esposa deste.

Varek mal podia esperar para poder tomar posse de tudo o que pertencera, em primeira instância, ao pai e depois ao irmão mais velho. Todavia, o maior prêmio, o mais cobiçado de todos, pelo menos para ele, seria possuir a bela e doce Jenna.

Ansiava loucamente pelo momento de poder tomá-la como esposa e então poder dispor dela como bem entendesse. Mas, segundo as tradições da tribo, isso somente aconteceria depois que ele fosse legalmente empossado no lugar do irmão como chefe guerreiro da aldeia.

Para o deleite de Varek, a cerimônia de posse foi marcada para dali a três luas, coincidindo com as festividades do “*Samhain*” ou “*Grande Festa dos Mortos*”, como o evento também era conhecido.

V

Três luas depois, ao pôr do sol do “Samhain”...

A “*Festa dos Mortos*” normalmente era celebrada no princípio de Novembro, e marcava o início da hibernação da Natureza. Ao contrário do que acontecia com a “*Festa do Imbolc*”, celebrada quase sempre nos primeiros dias de Fevereiro, e na qual era comemorado o recomeço da vida após a hibernação do inverno.

Naquela época os colossais círculos de pedra que hoje formam *Stonehenge* ainda não existiam. Em seu lugar havia um templo rústico, composto por algumas fileiras de enormes postes de carvalho, fincados no solo e dispostos em anéis concêntricos ao redor de uma clareira aberta da floresta de Nemeton, ao sul da aldeia. Neste antigo templo, erigido pelos ancestrais do povo de Varek, eram realizados todos os tipos de cerimônias, desde rituais de morte e funerais, casamentos, ritos de passagem, de sexo, de cura, festas de colheitas e celebrações astronômicas, até consagrações e sacrifícios de sangue aos deuses.

Naquele ano, porém, em paralelo às comemorações e rituais já tradicionais do “*Samhain*”, se daria a posse de Varek como novo líder guerreiro da tribo de Wiltshire.

Ele mal cabia em si de tanta felicidade. Estava ansioso para tomar posse do que agora seria seu por direito, principalmente a nova esposa...

Aos primeiros sinais do crepúsculo solar, enormes fogueiras foram acesas por todo o terreno em torno do templo. A tribo se reuniu em volta dos anéis concêntricos formados pelos troncos de carvalho, cantando e dançando de forma ritmada ao redor dos mesmos. Mas seguindo a tradição, ninguém ousava adentrar os limites do templo propriamente dito, que só podiam ser pisados pelos sacerdotes e líderes guerreiros da tribo.

Assim que a festa começou, uma espécie de licor destilado, produzido com mel e ervas alucinógenas, passou a ser distribuída, em larga escala, entre os presentes. Em pouco tempo, os mais fracos começaram a gritar ensandecidos, visto que passaram a ter alucinações; alguns se tornaram belicosos, puxando briga com quem estivesse por perto; ou sentiram-se subitamente doentes, vomitando tudo o que haviam ingerido durante o dia; e outros ainda, os mais fracos para a bebida, simplesmente se deixaram cair de costas na relva úmida e adormeceram embriagados. Porém, a grande maioria permaneceu dançando e cantando em contemplação ao redor do antigo “*Templo do*

Céu”.

Com a chegada da noite, os sons de chifres de bois soprados anunciaram o início dos rituais sagrados. O povo silenciou. Encerraram-se as danças e os cânticos. E os sacerdotes da tribo, em fila indiana, adentraram o templo pela “*Porta do Sol*”, voltada para o nascer do astro-rei.

Eles vestiam túnicas de pele de raposa sobre os corpos cobertos com pasta seca de greda lavada, o que lhes conferia sinistros desenhos aos rostos. Ossos e caveiras de pequenos animais pendiam dos pescoços, sob a forma de macabros colares. Alguns dentre eles, os mais importantes, tinham os cabelos e as barbas compridas cobertos com lama vermelha ressecada e portavam horrendos cajados esculpidos a partir de ossadas humanas, com caveiras de bebês que haviam morrido ao nascer ou falecido ainda nos primeiros dias de vida, no topo. Em suma, eram figuras aterrorizantes que impunham medo e respeito ao povo.

Eles desfilaram pelos anéis de postes e se posicionaram em torno do altar central do templo. Então entraram dois rapazes arrastando um vitelo de aparência saudável, tenra idade e branco como a neve, destinado à oblação aos deuses.

Melathor, o líder sacerdotes de Wiltshire, adiantou-se aos demais, gritando alto para que todos o pudessem escutar:

— Estamos aqui reunidos nesta noite para saudarmos a Dagda, o deus-chefe; a Ossian, o velho; à Brigit, a deusa do amor; à Epona, a deusa dos cavalos; a Belenos, o reluzente e todos os demais deuses que regem o nosso mundo e os nossos destinos. E para que recebamos as bênçãos do “*Samhain*”, devemos conceder-lhes a tradicional oferenda de sangue...

Naquilo, os dois rapazes arrastaram o vitelo até o altar montado no centro exato dos anéis concêntricos de troncos de carvalho. Com certo custo, deitaram-no de lado e o imobilizaram, amarrando-lhe as patas. Ao terminarem, se afastaram.

Melathor abaixou-se por atrás do altar e quando se ergueu novamente, brandiu acima da cabeça uma pesada clava de madeira, em substituição ao cajado de fêmur humano com caveira de bebê que normalmente usava.

O povo nem sequer atrevia-se a respirar, ansioso para com o que viria a seguir.

O sacerdote urrou e uivou como um lobo faminto, enquanto girava a clava ritual em torno de si mesmo. E então, de repente ele estacou, com a arma segura pelas duas mãos e em posição vertical, acima da cabeça.

O povo preparou-se para o grande momento.

E Melathor arrojou a clava violentamente para baixo, esmagando o crânio do vitelo com um único golpe. Um ruído seco e solitário foi o único som que se ouviu. O sangue espirrou no sacerdote, salpicando-lhe o rosto e o peito.

Para o regozijo geral dos tensos espectadores, o vitelo morreu instantaneamente, sem demonstrar sofrimento e sem emitir qualquer som, o que significava, segundo a tradição milenar da tribo, um excelente presságio, um nítido sinal de que os deuses haviam aceitado o sacrifício.

Satisfeito, Melathor ergueu novamente a clava em direção aos céus, agora rubra de sangue.

— Os deuses nos sorriem! — exclamou entusiasmado. — Eles aprovaram a nossa oferenda, o que significa que teremos um ano inteiro de fartura pela frente! Que as nossas colheitas serão fartas! Que a caça e a pesca serão abundantes! Que não haverá escassez de água! Que a doença não atingirá o nosso povo! E que os nossos valorosos guerreiros obterão muitas vitórias perante os nossos inimigos!

O povo comemorou aliviado, reiniciando a dança e os cânticos. Alguns gritavam em êxtase. Outros se abraçavam emocionados. E generosas doses do forte licor de mel foram emborcadas, embriagando ainda mais os habitantes do vilarejo, que agora sim tinham motivos de sobra para celebrarem o “*Samhain*”.

Ignorando a euforia que os cercava em todas as direções, Melathor acenou para Varek, juntando novamente o seu cajado do chão sob o altar, mas sem se desfazer da clava ritual ensanguentada. Ele passara a ostentar um em cada mão.

De repente Melathor ergueu e cruzou-os acima da cabeça.

Novo silêncio. Nova letargia. Nova tensão quando o povo de Wiltshire entendeu que finalmente era chegada a hora de seu novo chefe ser empossado.

O pretendente ao título adentrou o círculo interno de postes de carvalho, altivo e soberbo, de cabeça erguida, olhar triunfante e ricamente enfiado em uma túnica de lã de ovelha, pronto para ser investido na função mais nobre e importante da tribo.

Em um ato meramente simbólico, todavia repleto de significado intrínseco, o sacerdote-mor ajoelhou-se diante de Varek, apoiado em seu cajado. Entregou-lhe a clava ensanguentada e beijou seus pés, proclamando-o novo líder da tribo Wiltshire.

Dando prosseguimento ao ritual, o segundo sacerdote mais velho e importante da tribo avançou e, fazendo uma reverência ao novo chefe, abotoou-lhe o manto de leão que anteriormente pertencera ao seu pai e mais recentemente ao irmão de Varek. *O Manto Sagrado de Nemeton*, que identificava os chefes guerreiros da aldeia desde o princípio dos tempos.

Varek aguardou até que o homem terminasse a tarefa e igualmente se prostrasse aos seus pés para prosseguir com os trâmites rituais, berrando alto e claro, de forma que todos pudessem escutá-lo:

— Há alguém dentre vocês, dentre o meu povo, que deseje ocupar o posto de chefe da tribo que neste momento me é concedido por direito de herança? Se houver, rogo para que me desafie agora e me enfrente em combate... Ou cale-se para sempre!

Silêncio absoluto. Ninguém se manifestou.

Varek sorriu satisfeito.

Passados alguns minutos, Melathor ergueu-se de pé e apontou para Varek:

— Saúdem o vosso novo chefe, habitantes de Wiltshire!

Como em um passe de mágica, o povo saiu da letargia e o aclamou.

Instantaneamente uma nova dança teve início, regada com novas doses de licor de mel e muita cantoria.

Varek sentia-se realizado. Afinal de contas ele conseguira: era agora o novo chefe guerreiro da tribo! E nem mesmo os deuses poderiam negar-lhe a fortuna que acabara de conquistar...

Mas como tudo na vida tem o seu preço, a alegria do assassino recém empossado também estava fadada a sucumbir.

Subitamente algo inesperado aconteceu. E, a partir de então, o mundo de Varek virou de ponta cabeça. E tudo mudou.

Um forte e repentino trovão, maior do que qualquer outro que Varek já tinha escutado, ribombou no céu estrelado, fazendo o chão tremer e silenciando o povo pela terceira vez.

Naquilo, Varek sentiu uma pontada aguda no peito, ao passo que tudo ao redor do assassino escureceu por alguns segundos. Quando ele se recuperou, olhou em volta e, perplexo, percebeu que havia algo errado.

O mundo, novamente mergulhado em profundo e tenso silêncio; se apresentava agora, aos seus olhos, opaco e em tons de cinza.

A impressão que Varek tinha, ao perscrutar o santuário e além deste, em todas as direções, era a de que o próprio tempo havia estagnado, pois nada mais se movia. Todos, até onde recém empossado chefe era capaz de enxergar, exceto ele próprio, se encontravam paralisados, imobilizados por efeito de alguma incompreensível força invisível, como se tivessem sido petrificados ou congelados, transformados em meras estátuas. Nem as folhas dos enormes carvalhos, nem os pássaros, nem os animais da floresta ou o seu povo, incluindo-se aí Melathor e os sacerdotes, mostravam sinais de

vida. Até a brisa que tradicionalmente embalava as noites da aldeia havia cessado.

Varek escutou um segundo trovão, ainda mais ensurdecedor do que o anterior, e que fez tremer o solo sob todo o condado a ponto de quase fazê-lo perder o equilíbrio. Atraído pelo estrondo, ao levantar o rosto para o céu, o assassino vislumbrou um raio de luz deslizar por entre as estrelas, varando as nuvens escuras e despencando em sua direção.

Isto o levou a concluir, assustado e atônito, que os deuses ancestrais de seu povo deveriam estar por trás de tudo aquilo. E que, por alguma razão desconhecida, eles agora desciam à Terra, para ter com ele.

Dito e feito... Segundos depois, a conclusão de Varek revelou-se acertada. E ele não teve tempo de pensar em mais nada.

O relâmpago explodiu bem no centro do altar-mor localizado entre os postes de carvalho do círculo interior. O vitelo ensanguentado, ainda esparramado sobre a mesa cerimonial, reduziu-se a milhares de pedaços de carne chamuscada, mesclados com estilhaços de madeira de todos os tamanhos.

E do clarão cegante que se seguiu à explosão, emergiram cinco seres luminosos.

Eram eles: Dagda, Belenos, Ossian, Epona e Brigit.

VI

Varek não conseguia acreditar nos próprios olhos. Diante dele se encontravam os deuses dos seus ancestrais. Por um breve instante ele ficou em dúvida se aquilo era de fato real ou um mero fruto de sua fértil imaginação.

E o recém empossado chefe indagou-se sobre as razões de eles terem descido da morada celestial ao templo.

Teriam vindo para saudá-lo em seu novo cargo? Se assim fosse, seria algo inédito

na história de seu povo, uma vez que nunca antes um líder local recebera as bênçãos dos deuses de forma tão pessoal e direta. Ou estariam ali por alguma outra razão?

Sem saber direito como reagir diante de tal situação, Varek seguiu o exemplo do resto do seu povo: prostrou-se de joelhos, abaixando a cabeça, congelando todos os movimentos e sustando, inclusive, até mesmo a respiração.

Um misto de sentimentos conflitantes dominava-o, variando entre perplexidade, medo e euforia pela dádiva que julgava prestes a receber diretamente dos deuses.

Com o canto do olho, observou que o povo em geral, assim como os sacerdotes e o resto do mundo, permanecia estático e em assombroso silêncio.

E então os cinco celestiais se aproximaram de Varek, ao que uma voz diáfana, alta e apavorante, ecoou por entre os postes de carvalho de todo o templo.

– Varek, filho de Marleth... – Dagda, o maior entre os deuses, pronunciou-se. – Hoje fostes aclamado líder da tribo de Wiltshire, contudo não sois merecedor de tal honra!

Estupefação e incredulidade tomaram conta do recém empossado. Não era bem isso o que ele esperava escutar.

Foi quando um pensamento sombrio percorreu-lhe a mente... E Varek sentiu um sobressalto terrível ao lembrar-se de Garthall. De como matara o irmão.

O assassino fez menção de erguer-se e contestar as palavras do deus, ao que este lhe dirigiu um olhar feroz.

– Detenha-te mortal! Hoje aprenderás que os deuses não são como cães; e por isso não devem ser ignorados. Cometestes um crime hediondo e deves pagar por ele!

– Ou, por acaso, tu o negas em nossa presença? – Ossian interpelou-o, tomando a frente da conversa. – Assassinaastes friamente o teu irmão Garthall, por motivos vis e torpes, impulsionado por mera inveja e ambição, ou não?

– E-eu não... – Varek tentou contra argumentar.

— Cala-te vil criatura! – Belenos adiantou-se. – Jamais tentes nos enganar! Ou aprenderás da forma mais dura que existem chicotes maiores e muito mais poderosos que o teu! Aquieta-te em tua insignificância ou fulmino-te agora mesmo!

Varek estremeceu, encolhendo-se de pavor.

Os cinco deuses posicionaram-se em círculo a sua volta; e ele sentiu o poder que exalava de seus avatares etéreos.

— Varek de Wiltshire, filho do valoroso Marleth e irmão do nobre Garthall, se cá estamos, é exclusivamente para aplicar-te a justiça divina... – declarou Ossian.

— A justiça divina devida aos fraticidas... – acrescentou Dagda.

— Ou seja, cá estamos para julgar-te pelo execrável crime cometido contra o teu irmão Garthall... – Belenos se fez escutar.

— Para condenar-te por esse mesmo crime... – complementou Epona.

— E para punir-te por ele! – finalizou Brigit.

VII

A punição de Varek se deu imediatamente após os cinco deuses, autoinvestidos na inquestionável posição de juízes universais, o considerarem culpado do assassinato do irmão.

Mas foi Dagda, o deus dos deuses, quem proferiu a sentença condenatória:

— Varek de Wiltshire, eis a nossa sentença: irmão que mata irmão não merece perdão! Assim sendo, por unanimidade, condenamos-te a pagar eternamente pelo ato criminoso que cometeste contra Garthall!

Belenos, o radiante, continuou:

— De agora em diante, até o *Fim dos Tempos*, serás privado de tudo o que tens, incluindo-se a vida e a liberdade...

E Epona concluiu:

— De modo definitivo, para que nunca mais sejas capaz de fazer mal a outro ser vivo. De agora em diante, nem sequer serás capaz de se comunicar com estes...

Varek tremia de medo, arrependido. Porém arrependera-se tarde demais, tendo em vista que o mal já tinha sido feito e agora não era mais passível de ser desfeito.

Assim que a sentença foi proferida, Ossian se adiantou e esticou a mão.

No mesmo instante, Varek sentiu o peito comprimir-se como se estivesse sendo esmagado por uma prensa. Ato contínuo, o chão desapareceu sob os seus pés. E uma onda de dor lancinante percorreu-lhe o corpo, que agora flutuava no ar, sustentado por uma força invisível e poderosa.

O assassino de irmãos tentou escapar e não foi capaz. Tentou gritar por piedade e não conseguiu. Tentou se livrar da pressão no peito e da dor lancinante e igualmente foi incapaz. Sentiu-se empalidecer. O brilho dos olhos desapareceu e o corpo inteiro subitamente amoleceu, transformando-se em um pedaço de carne descartável e sem vida, no mesmo instante em que ele deu o último suspiro. Era a agonia da morte. Ou melhor, a agonia de ter a alma violentamente arrancada do seu invólucro carnal sem ter de fato morrido.

De repente, tudo o que Varek era ou foi, simplesmente deixou de ser.

Mas, para o seu completo espanto, ele continuava consciente e lúcido, embora não mais dispusesse de um corpo físico. Então, tão repentinamente como começou, a dor no peito desapareceu. Por um instante, sentiu-se livre e leve como uma pluma. E permitiu-se flutuar no vazio, de olhos fechados. Deixou-se levar, aproveitando cada fração de segundo do deslumbre que geralmente sobrevém à morte da matéria; e que precede o renascimento da alma no mundo astral.

As recordações dos pecados, no entanto, logo o fizeram acordar para a nova e dura realidade, negando-lhe o direito de usufruir da paz que apenas justos de coração

conhecem após a desencarnação.

Confuso, Varek abriu os olhos e perscrutou ao redor.

Os deuses não estavam mais lá. Havia sumido.

Teria ele sonhado tudo aquilo?

Bastou um olhar para baixo, para o próprio corpo sem vida e estirado no chão do templo para Varek certificar-se que não.

Assombrado, reparou que não estivera sonhando. Ele ainda flutuava livremente no ar, de um lado para o outro, entre os anéis interiores e os exteriores do templo. Entrementes, o santuário agora se encontrava completamente deserto, assim como a clareira em volta. À exceção dele, ninguém mais se encontrava lá. Melathor, os demais sacerdotes, a doce Jenna e o povo, seguindo o exemplo dos deuses, também haviam desaparecido.

— Pela luz de Belenos... — Varek murmurou cada vez mais confuso. — Para onde foram todos?

E foi neste momento que, de alguma forma inexplicável, ele compreendeu que se encontrava agora em um tempo posterior ao seu divino julgamento. Um momento de clarividência, em que o atônito Varek percebeu que o mundo a sua volta readquirira as cores originais e os múltiplos sons da floresta haviam retornado aos seus ouvidos.

Ainda confuso, dirigiu-se ao perímetro do último anel de troncos e tentou cruzá-lo. Mas foi bloqueado por uma espécie de campo de força místico e invisível. Tentou novamente, no lado oposto do templo. O resultado foi idêntico. Mais uma vez foi impedido de ultrapassar os limites externos do santuário pela barreira energética que mais parecia uma parede maciça intransponível.

Varek tentou sair inúmeras outras vezes, em pontos distintos do círculo exterior, entretanto obteve sempre o mesmo resultado. Exausto, acabou desistindo do intento e resignou-se com a sua malfadada sorte.

Acabrunhado, ele finalmente compreendeu a real dimensão do castigo imposto pelos deuses: ele tornara-se um espírito amaldiçoado... Um fantasma encarcerado no velho templo, condenado a vagar, eternamente, entre os anéis de troncos de carvalho, remoendo para sempre a culpa pelo torpe assassinato do irmão.

VIII

Para Melathor, os sacerdotes e os demais habitantes da aldeia de Wiltshire isso jamais aconteceu. Eles jamais viram os deuses. Jamais tiveram ciência do julgamento divino ou da condenação de Varek. Para eles, o recém empossado chefe da tribo foi explicitamente rejeitado pelos deuses como tal; e por essa única razão foi acometido de um mal súbito durante os ritos finais de sua posse, vindo a falecer.

Segundo eles acreditavam, o coração de Varek simplesmente parara, levando-o à morte em pleno “*Templo do Céu*”. E o altar estilhaçado, aparentemente atingido por um raio, foi visto como um prenúncio dos deuses para a decadência do lugar.

Ambos os fatos maculavam para sempre o caráter sacro do lugar, de modo que careciam de ser tomadas providências cabíveis com urgência. E uma nova assembléia entre os anciãos e os sacerdotes foi convocada para aquela mesma noite.

As festividades do “*Samhain*” foram abruptamente encerradas.

O povo, assustado e sem entender direito o que tinha acontecido, recolheu-se às suas tendas. Os sacerdotes retiraram o cadáver de Varek do meio do templo maculado e o entregaram às mulheres da tribo, a fim de que elas o preparassem para os ritos funerários que teriam lugar no dia seguinte.

Enquanto elas o faziam, os anciãos e os sacerdotes se reuniram em volta de uma fogueira, na tenda de Melathor. E, em decisão unânime e irrevogável, eles resolveram que o funeral de Varek deveria ser a última cerimônia a ser realizada no velho templo.

Depois disso, o antigo “*Templo do Céu*” seria abandonado. E, em substituição a ele, um novo santuário deveria ser construído em outro local.

IX

Para o espírito de Varek, no entanto, a realidade parecia cruel e dolorosa demais. Ele ainda se encontrava aturdido com a súbita compreensão de sua atual condição, quando foi submetido a um novo suplício: a mais dura provação de sua existência!

Algo que ele jamais esqueceria. E que, de tão bizarro, o chocaria a tal ponto que ele jamais se recuperaria plenamente...

A dor e o desespero de ser obrigado a presenciar o próprio funeral calaram fundo na atormentada alma do assassino. Foram momentos de extrema agonia que o pobre espírito jamais seria capaz de apagar de suas memórias.

Varek estava ao lado do tronco de carvalho mais alto do templo quando ouviu um som distante, suave e ao mesmo tempo melancólico. Olhou na direção da aldeia e vislumbrou o que se poderia chamar de procissão fúnebre seguindo em direção ao velho templo. Um jovem sacerdote vinha na dianteira da interminável fila de homens e mulheres, entoando um lamento em uma espécie de flauta de osso. Logo atrás dele, alguns dentre os mais valentes guerreiros da tribo transportavam uma padiola feita de madeira de salgueiro, com um corpo sobre ela. O seu corpo!

Ninguém precisava confirmar ao fantasma. Ele sabia que era o seu corpo...

Depois da padiola, finalmente vinham os demais sacerdotes e o restante do povo. Conforme os costumes herdados dos ancestrais, as mulheres da tribo haviam lavado o cadáver e o ungiado com essências aromáticas e salitre, preparando-o para o repouso eterno na “*Casa dos Mortos*”. O corpo vinha coberto da cabeça aos pés com uma pele de boi cozida, sobre a qual tinham sido colocados montículos de hera e alguns trevos

de quatro folhas, para darem sorte ao morto na outra vida.

Varek sorriu entristecido diante do paradoxo daquela situação. Afinal de contas, para ele só restara o azar do castigo eterno.

O curso fúnebre se aproximou e adentrou o templo pela “*Porta do Sol*”. Os dois homens depositaram a padiola ao centro círculo interior, onde antes existira o altar.

Melathor chorava e se lamentava desolado, apoiado em seu macabro cajado de ossos humanos. Entretanto, o fazia em silêncio, como ditava a tradição.

O povo, impedido de ultrapassar os limites do templo, permaneceu reunido em volta do santuário, igualmente honrando o morto com o seu silêncio.

Varek encarou estarecido o próprio corpo sem vida, esparramado tal qual um animal abatido, sobre a padiola. Era no mínimo estranho, para não dizer surreal, ele ter de assistir ao próprio funeral. Por diversas vezes ele tentou se comunicar com os conterrâneos, os amigos e os parentes, mas por alguma obscura razão ninguém era capaz de escutar o que dizia, mesmo que ele berrasse a plenos pulmões. Também não eram capazes de vê-lo. Era como se ele não existisse, como se não estivesse ali...

Após inúmeras tentativas, todas frustradas, Varek desistiu. E resignou-se em sua nova condição.

Ainda estavam no fim da manhã quando as despedidas terminaram. Nenhuma palavra foi pronunciada. O povo de Wiltshire simplesmente se despediu de seu líder e foi embora, deixando o corpo enrijecido sobre a plataforma partida do antigo altar, de só seria retirado ao crepúsculo solar.

E Varek viu-se obrigado a ter de suportar a funesta companhia do próprio corpo sem vida durante todo o resto daquele dia.

No cair da noite, o cadáver do assassino de irmãos foi enfim removido para a “*Casa dos Mortos*”, que ficava ao sul da aldeia, não muito longe dali, escondida sob o bosque de avelaneiras. Varek sabia que o seu corpo seria largado lá para apodrecer e

servir de alimento aos vermes, abutres, corvos e animais carnívoros da floresta. Era o costume do seu povo para com os mortos. Acreditavam que desta forma se fechava o ciclo da natureza e o espírito do falecido poderia descansar em paz.

Os dois guerreiros, os mesmos que o haviam trazido, ergueram a padiola outra vez e se encaminharam para a “*Porta do Sol*”, refazendo o caminho pelo qual tinham vindo com Melathor, o flautista e os demais seguindo-os em uma nova procissão.

E, um por um, os contemporâneos de Varek de Wiltshire deixaram o “*Templo do Céu*”, para nunca mais retornarem.

X

Vários séculos se passaram. E por muito tempo as únicas companhias do espírito guardião do velho “*Templo do Céu*” foram o remorso e as dolorosas lembranças de um passado distante e perdido, além de um jovem carvalho que floresceu, do nada, onde antes ficava localizado o altar do santuário abandonado, entre as duas metades da tábua-mor, partida pelo raio dos deuses.

Dos anéis concêntricos originais de troncos de carvalho, restavam apenas dois ou três troncos isolados que não haviam apodrecido totalmente por conta das ações do tempo e das intempéries climáticas. Ou seja, o antigo templo já não existia mais.

Em contrapartida, o poder invisível e místico que encarcerava Varek permanecia inabalável. O atormentado espírito fazia novas tentativas de deixar o santuário todos os dias, várias vezes entre o alvorecer e o crepúsculo. Todavia sempre tinha o intento malgrado pela intransponível barreira mágica. Não fosse o jovem carvalho a fazer-lhe companhia, Varek achava que teria enlouquecido. Muitas vezes, durante aqueles séculos de solidão e de abandono, ele se pegara conversando com a árvore. Ela foi sua melhor amiga. Desabafava com ela, contava-lhe a sua triste história, pedia-lhe perdão

pelas suas iniquidades e pelo crime que agora pagava, ria e chorava à sua sombra. E ela nunca retrucava ou o recriminava. Apenas escutava-o, atenciosa e muda.

E assim, vagando solitário e triste por entre a dimensão dos vivos e a dos mortos, apenas com o carvalho por fiel companhia, Varek se tornou um atento espectador da História.

Até que chegou a Idade do Bronze... E, com ela, iniciou-se uma nova era para o antigo monumento de adoração aos deuses de Wiltshire.

XI

Em algum momento próximo ao ano 3.000 a.C...

Varek não se recordava com exatidão quando, mas foi num determinado dia que eles vieram. Os novos habitantes de Wiltshire. E, sem mais nem menos, deram início às obras de edificação do “*henge*” – monumento megalítico – que hoje conhecemos.

Impossibilitado de se ausentar do templo, Varek limitou-se a observar etapa por etapa da construção.

Antes de começarem as obras de fato, os novos construtores decidiram que seria importante limparem o terreno. E fazendo uso de vários homens musculosos, alguns escravos e outros voluntários da própria tribo, eles arrancaram os poucos troncos de carvalho restantes do antigo templo. Contudo, nenhuma dor foi mais forte para Varek do que ter de assistir, impossibilitado de reagir por conta de sua condição etérea, ao seu fiel companheiro e confidente, o centenário carvalho, ser arrancado e levado para longe dali.

Por muito tempo, ele sofreu calado. Mergulhado na mais profunda dor, gerada pela ausência do amigo de tantas conversas e desabafos. Mas, com o passar dos anos, a dor foi amainando e Varek acabou superando o sofrimento da perda, passando a se

concentrar, exclusivamente, na fiel observância das obras do novo templo.

No princípio, o santuário não passava de um fosso circular delimitado por uma alta barreira de terra em seu interior e outra mais baixa no círculo exterior. No centro, os escravos de seus construtores escavaram um anel de buracos a fim de delimitarem a posição dos novos pilares que, segundo diziam eles, deveriam estar perfeitamente alinhados com os eventos celestes.

E então chegaram as primeiras pedras...

Os colossais blocos de arenito eram puxados sobre robustos trenós de madeira, tanto por bois como por homens que suavam e sangravam, a fim de trazê-los para dentro do perímetro do novo templo.

Vencida essa difícil etapa, com bastante sofrimento e entre erros e acertos, os construtores começaram a erguer as gigantescas pedras. Uma de cada vez. Era um trabalho árduo e complicado, que demandava muito tempo para ser concluído. Certos blocos precisaram de vários dias para ser movidos até seus respectivos lugares e outro tanto para serem retirados dos trenós e levantados com o uso de cordas puxadas por juntas de bois e homens até deslizarem para dentro dos buracos a eles destinados, a maioria ficando com a base totalmente enterrada.

A cada nova pedra que chegava mais impressionado e admirado o espírito ficava com o tamanho e o peso das mesmas. E quase não acreditou quando a pedra-mãe, ou “*Pedra do Sol*”, foi deixada no centro do lugar. A “*Hell Stone*”, como também passou a ser conhecida, necessitou do dobro de bois e de homens e do triplo de dias para ser deslocada até o lugar, retirada do trenó, erguida, ajustada e firmada.

O tempo transcorria normalmente. Distraído com o espetáculo de acompanhar de perto o andamento de tão maravilhosa obra arquitetônica, o fantasma não o sentia passar...

Varek divertia-se tentando adivinhar como os construtores fariam para cumprir

a próxima etapa. De que artifícios eles se utilizariam para erguer a próxima pedra. Ou que novas surpresas os aguardariam na próxima etapa.

Os anos passavam... Os séculos passavam... E ele não se importava.

Até que, em determinado dia por volta do ano 2.150 a.C. aconteceu algo notório: excepcionalmente chegaram do Ocidente algumas pedras azuis.

Varek logo se encantou com a beleza dessas novas pedras, pois nunca antes tinha visto algo parecido. Elas eram lindas e possuíam um magnetismo especial.

Os enormes blocos azuis, perfeitamente cortados e lapidados, foram erguidos em um duplo círculo. E, para a absoluta perplexidade de Varek, sobre os mesmos foram assentados magníficos lintéis*, ligando-os uns aos outros.

Ele ficava extasiado de admiração cada vez que os vislumbrava.

Nesta mesma época foi construída uma avenida de acesso ao novo monumento, marcada por valas paralelas, alinhadas com o sol nascente do primeiro dia do verão, sendo que também a entrada do templo foi alargada.

No entanto, para o desgosto do espírito guardião, em 2.075 a.C., apenas setenta e cinco anos após serem erguidas, as suas queridas pedras azuis foram derrubadas, cedendo o seu lugar para novas pedras, de exacerbadas dimensões: os famosos blocos megalíticos, com mais de cinco metros de altura e que pesavam cerca de vinte e cinco toneladas cada um. Os mesmos blocos que até hoje predominam na exótica paisagem de Stonehenge.

E a decepção de varek só não foi maior porque em algum momento entre os anos de 1.500 a.C. e de 1.200 a.C. aproximadamente sessenta daquelas pedras azuis de que tanto gostava foram restauradas e novamente erguidas no círculo interno, com outras dezenove velando-as em forma de ferradura, dentro do mesmo anel.

Foram aproximadamente trinta milhões de horas de exacerbado trabalho, desde

* **Lintéis** = blocos esculpidos na horizontal (nota do autor).

a retirada dos apodrecidos postes de carvalho do antigo “*Templo do Céu*”, para que o novo santuário finalmente ficasse pronto.

Varek sentiu-se feliz, pois acompanhara, passo a passo, todo o processo. E mais ainda porque ele sabia que aquele magnífico monumento seria o seu lar pelo resto da eternidade.

XII

Na noite do solstício de inverno do ano 1.200 a.C...

O povo daquela geração se reuniu em volta do “*Templo das Pedras Suspensas*” para celebrar a “*Festa do Imbolc*”.

Varek também estava lá. Observando tudo, animado e ansioso.

Naquele ano, a festa seria especial, pois marcaria o início das atividades no novo templo, com a sua consagração ritual. A noite da consagração mostrava-se propícia, pois fazia calor e não havia nuvens no céu.

O espírito não fazia a menor ideia de como seria a cerimônia, mas julgava que deveria ser como na sua época, com o sacrifício de sangue de um boi ou vitelo.

A única coisa que não se encaixava nas suas lembranças era a vala de um metro de comprimento por meio de largura e um de profundidade, escavada a dois passos da tríade de pedras azuis que compunha o altar central. Varek não conseguia sequer imaginar a que ela se destinava.

E a cerimônia teve início, quando uma fila de sacerdotes despontou ao longe, no começo da avenida de acesso. Eles andavam lentamente, entoando hinos e cânticos que o povo inteiro conhecia e acompanhava. Alguns sacerdotes portavam flautas e outros instrumentos musicais que o espírito de Varek jamais tinha visto, entretanto produziam belas notas.

As vestimentas longas da população e dos sacerdotes logo chamaram a atenção de Varek, pois não condiziam o calor que fazia. Eram peles grossas e compridas de animais e túnicas multicores, a maioria com capuzes que ocultavam as faces de seus donos, e muitas das quais ele não era capaz de dizer a qual animal havia pertencido.

Os sacerdotes adentraram os anéis de pedra pela “*Porta do Sol*” e posicionaram-se em meia lua ao redor do altar, retirando os capuzes.

Varek percebeu, estarrecido, que alguns dentre eles eram mulheres.

Mulheres agora entravam e saíam livremente do templo?

Mas perplexo de verdade, ele ficou quando observou que o líder dos sacerdotes igualmente era uma mulher!

Uma feiticeira que trajava uma capa inteiriça de pele de texugo, com um xale de lã de carneiro cobrindo-lhe a escassa cabeleira branca. Julgou tratar-se de uma bruxa, pois aparentava ser muito velha. Mais velha do qualquer homem ou mulher alguma vez já fora. Tão velha que era impossível calcular a sua idade.

A um sinal da sacerdotisa anciã, outro sacerdote, desta vez do sexo masculino, adentrou o círculo pétreo arrastando pela mão, o que Varek julgou ser um anão. Ele não tinha certeza que se tratava mesmo de um anão, pois o baixinho também estava encapuzado. Na outra mão o sacerdote portava um amedrontador machado de duplas lâminas, talhadas em pedra vulcânica e extremamente afiadas.

Varek fitou a arma, depois o anão; e teve um mau pressentimento...

Porém resolveu apenas observar sem tirar conclusões precipitadas.

Ao pararem na frente da feiticeira, a velha esticou as mãos e deitou o capuz do anão, revelando o rosto do pequenino.

Varek só não desmaiou de susto porque fantasmas não desmaiam.

O anão não era um anão, e sim uma criança! Um garotinho de tenra idade que, pelos sinais com que os sacerdotes se comunicavam com ele e vice-versa, deveria ser

surdo-mudo.

A bruxa o fez beber de uma poção esverdeada, que devia ser algum tipo de poção dos sonhos, e o deitou sobre o altar, de barriga para cima.

Varek olhou novamente para o machado na mão do sacerdote e seu olhar voltou-se para a vala perto do altar que lhe chamara a atenção instantes atrás.

E então ele compreendeu...

A infeliz criança, por ser deficiente, seria oferecida aos deuses, de modo que, ao ser sacrificada, ela tornar-se-ia mensageira dos deuses e guardiã do templo que estava prestes a consagrar com o seu sangue inocente.

Ele próprio era um fratricida, assassino de irmãos. Mas há muito vinha pagando por seus crimes, de modo que adquirira consciência do quanto era errado matar seus semelhantes. E se era errado matar um adulto, o que dizer da monstruosidade de se tirar a vida de uma criança inocente? Não. Ele não podia permitir que aqueles loucos prosseguissem com o ritual.

— Não deite aí! — Varek gritou para o garoto, antevendo o destino cruel que lhe estava reservado.

Nada. Ninguém o escutou. Frustrado, virou-se para os sacerdotes.

— Parem! Não façam isso, seus *molots*[†], assassinos de crianças!

Novamente ninguém o escutou. E o ritual prosseguiu.

O sujeito com o machado se aproximou do altar sem pronunciar palavra alguma, e se preparou para cumprir a sua obrigação, erguendo a arma com ambas as mãos. O menino parecia não se importar com o que estava ocorrendo, ou simplesmente não atinava para o que lhe aconteceria quando o machado descesse.

O povo todo estava em silêncio. Um silêncio ansioso. Um silêncio sepulcral. Um silêncio nefando, desejoso de sangue e de morte.

[†] **Molot** = expressão que significava “monstro” na língua natal de Varek (nota do autor).

Movido pelo desespero da situação, Varek jogou-se contra o assassino. Mas para a sua total incredulidade, passou através do homem, caindo no lado oposto do altar. Fato que só serviu para aumentar a aflição do espírito.

A feiticeira grunhiu algumas frases em uma língua estranha, que o espírito não conhecia. E, com um aceno de cabeça, deu o sinal verde.

Para Varek restou apenas assistir ao desfecho da tragédia, mergulhado na agonia da impotência e da inconformidade.

Quando o carrasco desferiu o golpe, Varek ainda tentou bloquear o avanço da lâmina de pedra vulcânica, mas foi totalmente incapaz, visto que a mesma atravessou a sua mão como se a mesma nem existisse e prosseguiu em seu curso até encontrar o objetivo. O sangue espirrou para todo o lado, enquanto a criança, com o crânio aberto ao meio, morria sem soltar sequer um som.

Varek não recordava mais o que aconteceu depois. Só que aquela noite macabra inaugurou uma fase negra na história de Stonehenge.

A hedionda fase dos sacrifícios humanos.

XIII

Em algum momento, por volta do ano 1.100 a.C...

— Até quando a matança vai durar? Até quando eles vão insultar os deuses com essas mortes? – o espírito de Varek se perguntava a cada nova consagração sacrificial realizada no santuário que ele jocosamente apelidara de “*Templo da Morte*”.

Cem anos já haviam transcorrido desde a fatídica noite do primeiro sacrifício. E a cada ano uma nova criança era assassinada na noite do “*Imbolc*” e outra na noite do “*Samhain*”. Duas crianças inocentes por ano...

O monumento inteiro cheirava a sangue. E ele indagava-se, saudoso de seu velho

companheiro, o carvalho com quem podia desabafar:

— Quando os malditos assassinos vão acordar para o fato de que os deuses não aprovam tais atos hediondos? Que os deuses não desejam, nem nunca desejaram, ser alimentados com sangue inocente? Que a terra sob este templo não pode e nem deve ser tingida de vermelho toda vez que uma cerimônia, seja de origem religiosa ou não, é realizada neste lugar?

De tanto implorar aos deuses para que fizessem cessar aquelas atrocidades, um dia Varek teve as suas preces atendidas.

De repente, sem explicação alguma, ninguém mais apareceu.

Os anos passaram. E o templo novamente foi abandonado.

Para o alívio de Varek foi o fim do “*Templo da Morte*” e da era dos sacrifícios...

Com o passar dos séculos, os anéis de pedra foram se deteriorando. Alguns deles caíram e outros racharam, sobrando apenas uns poucos de pé.

Varek presenciou, com o coração apertado, a queda de cada lintel e de cada bloco vertical, assim como o surgimento de cada rachadura nas pedras que se mantinham firmes. E acompanhou, entristecido, o crescimento da vegetação por todo o lugar.

Mas pelo menos ele estava novamente sozinho e em paz. A sua felicidade só não era completa por três fatores: continuava como prisioneiro das agora ruínas do antigo santuário, pelo remorso que ainda sentia pelo assassinato do irmão e por não ter mais o carvalho amigo para conversar e desabafar.

XIV

Em algum momento, subsequente ao ano 300 a.C...

A paz de Varek foi novamente ameaçada pela chegada de um novo povo, e com a retomada das cerimônias no templo.

Contudo a ameaça não passou disso, pois os Druidas, como eram conhecidos os sacerdotes do “*Povo Celta*”, logo o conquistaram pelo simples fato de que seus rituais possuíam cunhos pacíficos e de louvor à natureza. E, com eles, iniciou-se uma nova fase para o espírito: a fase do “*Templo da Vida*”.

As ruínas, entretanto, nunca mais foram restauradas. Nunca mais possuíram a glória e a beleza que haviam tido no passado. Apesar disso, Varek nunca foi tão feliz.

No “*Templo da Vida*” ele assistiu à ordenação de um Mago que mais tarde ficaria famoso por conjurar um encantamento em uma espada mística fincada numa rocha, de modo que somente um jovem rei de coração e alma nobres conseguiria retirá-la. De lá, Varek acompanhou a passagem de grandiosos exércitos pela planície em torno do monumento. Assistiu a ferozes batalhas. Presenciou assinaturas de tratados de paz e de armistícios. Comemorou os nascimentos e chorou as perdas de grandes heróis. Contemplou o amor de homens e mulheres. Testemunhou muitos dias de sol e noites tempestuosas. Encantou-se com os rituais místicos dos druidas de adoração à vida e à natureza. E presenciou inúmeras coroações, casamentos, ritos de passagem, funerais, comemorações de solstícios, rituais de colheitas, de cunho astrológico e astronômico nas ruínas que se transformaram em sua casa eterna...

Até que, por fim, tornou-se um prudente observador da evolução humana e um profundo admirador das tradições celtas.

Aquela foi, sem dúvida, a melhor fase de sua controversa existência...

XV

De volta ao presente...

Os primeiros raios do sol atingiram Stonehenge, banhando com a sua luz e o seu calor as “*Hanging Stones*”; e juntando-se a elas em sua eterna dança de gigantes.

Uma linda manhã de primavera despontava na planície de Salisbury, ao passo que outra lacônica noite de intensas recordações se findava.

Com o alvorecer do novo dia, as excursões logo começariam a chegar. E Varek, de súbito, se viu arrancado dos seus devaneios e lembranças, concluindo entristecido que, de sua época e da gloriosa época dos druidas até agora, tudo havia mudado.

Wiltshire deixou de ser o nome de uma acanhada tribo guerreira da Idade do Bronze para se tornar o epíteto de todo um condado. A sua antiga aldeia progrediu e atualmente se transformara no que conhecemos como “*Durrington Walls*”. A enorme barreira natural que existia em volta do “*Templo da Vida*” atualmente não passava de uma apagada sombra no chão. E Stonehenge, propriamente dito, já não era mais do que um aglomerado de ruínas megalíticas decadentes.

A maioria dos visitantes, por não conhecer a magnífica e controversa história do lugar, não lhe creditava o devido valor. Muitos ficavam desapontados com o estado de conservação deplorável em que o monumento se encontrava. Outros consideravam as ruínas assustadoras e enigmáticas. Já os mais esclarecidos, tinham-nas como uma admirável associação da enigmática e ousada arquitetura megalítica ancestral com os mais recônditos anseios da humanidade de se comunicar com os seus deuses.

Mas ele, apenas ele, Varek de Wiltshire, conhecia a verdadeira origem e história daquele fantástico monumento. E, ao que tudo indicava, apenas ele, por conta de sua condição de eterno prisioneiro das ruínas, seria testemunha do que o futuro ainda reservava para o fascinante lugar.

Afinal de contas, até o Fim dos Tempos e enquanto o mundo existisse, Varek de Wiltshire continuaria sendo...

“*O Espírito de Stonehenge*”.

O HOSPEDEIRO

Márson Alquati

Escuridão sem fim, sono eterno, desencarne, morte...

Para ele não importava a denominação, e sim a certeza de não mais fazer parte desta dimensão, e nem do mundo dos vivos. Fora assim que se sentira logo após o acidente com o avião em que restara como o único sobrevivente. E também durante todo o tempo em que permanecera desacordado, pairando entre as várias dimensões espirituais.

Mas eis que ainda não era a sua hora de deixar este plano e, involuntariamente, acabou retornando ao seu antigo e frágil invólucro carnal.

Frio, umidade, cheiro ruim. Uma leve ardência na região lombar e uma forte dor de cabeça. Encontrava-se deitado de bruços, rosto voltado para o lado. Tentou abrir os olhos e não conseguiu. Tentou mover os braços e igualmente sentiu-se incapaz. Da mesma forma, as pernas, assim como toda a parte inferior do seu corpo também se encontravam imóveis, totalmente enrijecidas como se não existissem e sem responder aos insistentes comandos enviados pelo seu cérebro.

Um súbito desespero dominou-o. Sentiu escorrerem gotas de suor pela testa. Tentou gritar, chamar por socorro. As palavras não saíram.

“Santo Deus!” – pensou. – “O que diabos está acontecendo comigo? Onde estou? E por que cargas d’água, não consigo mover músculo algum?”

Ainda de pálpebras cerradas, mergulhado no inexorável mundo das trevas, onde reinava absoluta a escuridão sem fim, como se cego estivesse, ele buscou na memória a reconstituição dos fatos que invariavelmente o haviam conduzido até aquele ponto.

24 horas antes...

Biólogo renomado, botânico por vocação e mestre docente em uma universidade federal altamente conceituada e prestigiada, ligada às ciências naturais, ele embarcara na viagem dos sonhos de qualquer biólogo ou botânico do mundo, rumo à parte ainda inexplorada da Floresta Amazônica. Ficava excitado, só de imaginar-se diante da ilimitada biodiversidade de espécimes animais e vegetais daquela região, muitas das quais, desconhecidas do homem, até então, esperando apenas serem encontradas e catalogadas.

Minutos após a decolagem do aeroporto de Manaus, o sono atrasado das várias noites em que a ansiedade o impedira de dormir, abatera-se sobre ele, conduzindo-o ao etéreo mundo dos sonhos.

Um tempo depois, de forma repentina, um forte estremecimento, aliado à brusca queda de altitude da aeronave fizeram-no acordar sobressaltado. Os acontecimentos posteriores precipitaram-se rápido demais para que pudesse registrá-los na íntegra. Fogo na turbina direita do avião, gritos dos seus colegas pesquisadores, a floresta aproximando-se à aterrorizante velocidade, sacolas, malas e bolsas caindo sobre as suas cabeças, máscaras de oxigênio descendo do teto...

E então, uma forte pancada, seguida de violenta explosão.

Medo, desespero, agonia e dor.

Escuridão novamente.

III

De volta ao presente...

Ruídos de passos e movimentação próximos fizeram-no prender a respiração.

Pela segunda vez, tentou comunicar-se verbalmente, e igualmente infrutífera revelou-se também esta tentativa.

O desconhecido aproximou-se. E, sem pronunciar palavra alguma, esfregou uma suculenta fruta tropical em seus lábios. Instintivamente, mordeu-a. E, de pedaço em pedaço, devorou-a toda. Tentou agradecer àquele que certamente o socorrera após o acidente e agora o alimentava. Mas, para o seu total desespero, embora conseguisse movimentar os lábios para comer, continuava incapaz de articular sons e, até mesmo, de executar simples movimentos como abrir os olhos, girar a cabeça ou mover os membros superiores e inferiores.

Uma fisgada como o inserir de uma agulha nas costas e ele, de súbito, tonteou. Uma sensação de dormência apoderou-se de todo o seu corpo e novamente caiu em sono profundo. Antes, contudo, ouviu os passos do desconhecido distanciando-se, até não mais sentir a sua presença.

De braços estava, de braços ficou.

IV

Dias se passaram e a rotina manteve-se inalterável. Trevas e imobilidade, sono e dormência, dores de cabeça e ardência nas costas. O tempo inteiro de braços, sem poder virar-se sequer uma vez. Em intervalos regulares, duas ou três vezes por dia, ele recebia a visita muda do tal desconhecido que sempre vinha acompanhada de alguma fruta, sempre inteira, nunca descascada ou partida.

Nas últimas vezes, no entanto, algo o intrigara sobremaneira: os sons de passos pareciam provenientes de vários pares de pernas e não de apenas um, o que remetia logicamente há mais de um visitante, ou um grupo destes.

Mas eles nunca falavam, nem o tocavam e, muito menos, o mudavam de posição.

Alimentavam-no e iam embora. Também havia as constantes e inevitáveis físgadas nas costas sempre após cada refeição, invariavelmente acompanhadas das incômodas sensações de tontura e dormência, conjuntamente à fatal indução de sono profundo.

Com o transcurso dos dias, embora jamais deixassem de existir, essas sensações começaram a perder gradativamente a sua intensidade habitual. Até mesmo o sono, antes tão profundo e duradouro, agora parecia mais escasso.

E eis que, no decorrer de uma noite como outra qualquer, ele surpreendeu-se ao conseguir abrir os olhos e enxergar, pela primeira vez, o local onde estivera por tanto tempo. Assustou-se. Pois se tratava de uma espécie de caverna ou gruta subterrânea, tenuemente iluminada por raros e ocasionais filetes de luz da lua, que chegavam até ali através de uma pequena abertura além da entrada da mesma. A umidade e o frio que sentira, principalmente nos primeiros dias, assim como nos dois últimos, deviam-se, em grande parte, às diversas infiltrações espalhadas por todo o lugar, aliadas à espessa vegetação trepadeira que se alastrava pelas paredes e teto, inclusive sob o seu corpo, estirado sobre uma espécie de solo rochoso.

Tentou virar-se de lado, mas continuava paralisado. Não se deixou abater, pois pelo menos agora podia ver. E isso já era um enorme progresso...

De repente, um leve movimento fora da caverna foi captado pelos seus olhos, coincidentemente voltados naquela direção. Um fio de esperança nasceu dentro dele. E então sombras disformes assomaram-se à entrada, delineando imagens distorcidas do que ele julgou ser os tais desconhecidos chegando para mais uma visita de rotina.

Pela primeira seria capaz de vislumbrá-los!

Coração em disparada e adrenalina ao nível máximo, esperou para ver os rostos daqueles que o tinham salvado da morte, cuidado e alimentado até então. Tencionava agradecer-lhes e, ato contínuo, pedir-lhes auxílio para retornar à civilização. Se não pudessem conduzi-lo à aldeia deles, coisa que já teriam feito, caso possuíssem uma,

poderiam, ao menos, ajudá-lo a mudar de posição, para uma menos desconfortável do que aquela em que se encontrava.

Porém, o destino lhe reservava uma terrível surpresa...

E qual não foi o seu espanto, ao divisar na entrada da caverna, no lugar de um bando de homens primitivos e autóctones, uma solitária, porém animalesca criatura, do tamanho de um cachorro de grande porte, sustentada sobre oito pares de patas e coberta de negros pêlos, com presas salientes e expostas e olhos amarelados.

Como biólogo, já tinha visto, estudado, dissecado e até pego na mão infinidades de seres aracnídeos como aquele, porém jamais imaginara que pudesse existir uma espécie de tão monstruosas proporções.

Tentou gritar por socorro e a voz ficou presa na garganta. Tentou se erguer e os seus braços e pernas não obedeceram.

E então em pânico, invadido por súbito medo e desespero, ele viu a abominável criatura avançar implacavelmente em sua direção.

V

Queria poder gritar, levantar e correr para longe dali, ou simplesmente estar em plenas condições físicas para, pelo menos, enfrentá-la de igual para igual, antes de ser devorado como um mero inseto aprisionado na teia.

Mas não podia... Inexplicavelmente encontrava-se com o corpo paralisado, o que o tornava, em relação à descomunal aranha, uma presa fácil e indefesa.

E assim, deitado de bruços no chão, impotente e desesperado, ele assistiu, sem nada poder fazer, ao inevitável avanço da gigantesca criatura. Até que, ao encontrar-se praticamente sobre a sua cabeça, a monstruosidade inesperadamente estacou.

Foi então, que ele a viu.

Desconcertante e impensável, beirando o inconcebível, a visão da fruta, intacta, entre as mandíbulas da colossal aranha, fê-lo arrepiar-se até o último fio de cabelo. A perplexidade de vê-la ali, só não foi maior do que a que sentiu ao observar a criatura levando-a até sua boca, a fim de alimentá-lo, como tantas outras vezes devia ter feito naqueles incontáveis dias em que ele permanecera imobilizado e sem poder abrir os olhos.

“Valha-me Deus!” – pensou, compreendendo que jamais existira tribo alguma de índios autóctones, como imaginara desde o princípio. Durante todo o tempo fora ela, aquela monstruosidade, que o cuidara e o alimentara. Uma aranha gigante, negra e peluda dotada de instintos solidários como nunca antes se ouvira falar!

Mas, por que um aracnídeo faria isso? Algo estava errado ali. Muito errado, pois pela lógica, não era natural. Ela deveria vê-lo como uma presa. E, segundo as leis da natureza, presas não deveriam receber alimento, e sim, servir como tal!

No entanto, aquela aranha, em específico, o trouxera até ali, o mantivera seguro e o alimentara durante incontáveis dias, duas ou três vezes a cada ciclo de vinte e quatro horas.

Por quê? Por quê? Por quê? Essa era a pergunta que não queria calar em sua mente. Foi quando sentiu uma comichão diferente nas costas, e que rapidamente se alastrou por todo o seu corpo, mas apenas na parte voltada para cima do mesmo.

Foi somente neste momento que um súbito pensamento lhe ocorreu, enchendo-o de terror.

Lembrou-se de certa vez quando ele e os seus colegas da faculdade resolveram estudar uma espécie específica de aracnídeo rara, que para se reproduzir buscava até encontrar uma presa, duas ou três vezes maior do que ele próprio. Ao achar a vítima ideal, atacava-a, inoculando uma pequena dose de veneno nela, não o bastante para matá-la, mas o suficiente para imobilizá-la. E então, arrastava-a até a sua toca, onde

passava a alimentá-la periodicamente, aplicando-lhe, com relativa frequência, novas doses de veneno, a fim de mantê-la imobilizada, enquanto dentro dela, milhões de ovos implantados ainda no primeiro encontro de ambos, lentamente se desenvolviam. A presa, em questão, tornava-se um hospedeiro com dupla função: pois além de gerar dentro de si milhões de novas aranhas, também serviria a elas, ao nascerem, como a sua primeira opção de cardápio. Resumindo: era devorada viva!

E foi assim, tão somente no microssegundo final de sua existência, que o nosso desesperado biólogo, em um átimo de lucidez, finalmente compreendeu qual o seu verdadeiro papel naquela macabra encenação da vida real:

Fora compulsoriamente escalado como...

O hospedeiro!

PACTO PARA O LANCEIRO NEGRO

Márson Alquati & Jaqueline Tonin Alquati

Eu vi corpos de tropas mais numerosas e batalhas mais disputadas, mas nunca vi, em nenhuma parte, homens mais valentes, nem lanceiros mais brilhantes que os da bela cavalaria rio-grandense, em cujas fileiras aprendi a desprezar o perigo e a combater dignamente pela causa sagrada das nações!

Quantas vezes fui tentado a patentear ao mundo os feitos assombrosos que vi realizar essa gente viril e destemida, que sustentou, por mais de nove anos, contra um poderoso império, a mais encarniçada e gloriosa luta!

[Giuseppe Garibaldi]

I

19 de Setembro de 1835...

Trinta homens a cavalo invadiram a Ponte da Azenha em Porto Alegre, que se encontrava guardada, naquela noite, por uma patrulha militar do governo provincial composta de duzentos homens, chefiados pelo Visconde de Camamu.

Durante o combate que se seguiu Camamu foi ferido e fugiu, carregando consigo os seus comandados... E cedendo a primeira grande vitória aos rebeldes republicanos.

II

20 de setembro de 1835...

Os Farrapos entraram em Porto Alegre, com o General Bento Gonçalves à frente das tropas rio-grandenses. Iniciava-se o movimento separatista que, posteriormente,

viria a ser conhecido como Guerra dos Farrapos ou Revolução Farroupilha.

III

25 de Julho de 1836...

Bonifácio Tavares chicoteava o lombo do cavalo, enquanto o animal corcoveava ensandecido tentando derrubá-lo. Como escravo na estância do major veterano da Guerra Cisplatina, Joaquim Teixeira Nunes, sua principal tarefa era a doma de potros xucros.

Firmemente agarrado aos arreios, o negro manteve-se irredutível sobre o animal até que este finalmente cedeu e parou de corcovear, deixando-se conduzir por ele.

Foi quando um garotinho surgiu gritando:

— Bonifácio, o patrão mandou chamar-te!

— Tu sabes o que ele quer comigo, guri?

— Acho que é sobre a revolução... – o menino confidenciou. – Pelo que eu ouvi, parece que o patrão resolveu tomar o partido dos republicanos e ele quer todo mundo lá na casa grande!

Meia hora depois, Bonifácio apresentava-se na sede da fazenda, juntamente com os demais escravos da estância. Foram todos conduzidos para o gramado em frente à casa, onde durante uns quarenta minutos, os negros ouviram um inflamado discurso sobre a conturbada situação política e econômica pela qual a Província de São Pedro do Rio Grande do Sul vinha passando, proferido por um cidadão bem vestido que fora apresentado antes dele chegar e agora acompanhava o major Teixeira Nunes no alto da varanda frontal da residência. O sujeito – que somente muito mais tarde Bonifácio viria a conhecer como Antonio de Souza Neto, o famoso General Neto – também falou sobre os ideais republicanos, sobre liberdade e sobre a própria revolução que já estava

acontecendo. Mas ele só conquistou a atenção definitiva da plateia ao anunciar que o major estava convocando todos os escravos do sexo masculino de sua propriedade para lutarem em prol dos farroupilhas. E que, em troca, ao término da revolução, lhes seria concedida a tão sonhada liberdade. Que cada combatente receberia a sua carta de alforria das mãos do próprio major Joaquim Teixeira Nunes. Mas para tanto, eles precisavam provar serem merecedores de tal dádiva no campo de batalha.

O general Neto explicou então que estava formando um corpo militar composto exclusivamente por negros, o qual deveria ser comandado por renomados oficiais do exército republicano, dentre os quais o patrão deles.

Movidos pelo entusiasmo do momento todos os escravos aderiram à convocação, de bom grado, incluindo-se Bonifácio. A visão do prêmio no final da estrada ofuscava-lhes o longo e tortuoso caminho a ser percorrido para alcançarem-no.

Naquela mesma noite, Bonifácio encontrou-se com Rita de Cássia, a bela mulata com quem pretendia se casar e que trabalhava na cozinha da casa grande da fazenda.

— Fiquei sabendo que tu também te alistaste no exército republicano – disse ela, com uma ponta de tristeza no olhar.

— É verdade – respondeu o negro. – Porém fiz isso pensando em nós. Vou para a guerra em troca da nossa liberdade. Quando voltar serei um homem livre, e então te libertarei também e poderemos nos casar.

— E se tu morrer durante os combates? O que será feito de mim? – ela indagou, não conseguindo mais reter as lágrimas.

— Não morrerei! – ele afirmou categórico, numa vã tentativa de tranquilizá-la. – Todavia, se tiver de entregar a minha vida pela causa, o farei de bom grado, como um homem livre e honrado que luta por ideais nobres de justiça e de liberdade!

— São palavras bonitas, mas que não podem garantir a tua vida... – alegou Rita.

— Ritinha, tu confias em mim? – Bonifácio segurou as mãos da amada, olhando

diretamente nos olhos dela.

— Confio, mas...

— Prometo que voltarei para ti, são e salvo! – ele declarou, abraçando-a.

— Está certo. Não morrerás... – a moça enfatizou ainda abraçada ao amado, mas com uma sinistra expressão a desenhar-se no belo rosto, ao mesmo tempo em que parava de chorar e estreitava o olhar, sussurrando a um fio de voz quase inaudível. – Pois eu não permitirei!

— O que tu pretendes fazer? – Bonifácio indagou preocupado.

— Não te aflijas, meu querido! – ela explicou. – Apenas apelarei aos espíritos dos nossos ancestrais para que te protejam. Vai para a tua guerra e luta com afinco, mas cuida-te e lembra de mim todos os dias! Quando voltares, eu estarei esperando.

IV

28 de Julho de 1836...

No meio da madrugada um vulto de baixa estatura, camuflado pelas sombras da noite e totalmente encoberto por uma longa capa negra com capuz, deixou a estância sorrateiramente.

Cerca de uma hora e meia depois, algumas batidas secas na porta de um casebre rústico de madeira, construído em meio à floresta nativa que cercava o município de Piratini, acordaram a índia Guaraci.

A bugra, já idosa e com uma aparência desagradável aos olhos – que lhe conferia a justa fama de bruxa –, ergueu-se do pelego onde dormia e atendeu à inconveniente visita.

— Tu? O que te traz aqui a uma hora destas? – indagou assim que reconheceu o rosto por baixo do capuz.

— Desculpe incomodar, mas estou desesperada! A senhora precisa me ajudar... —

Rita de Cássia apelou.

— Ajudar-te? Como?

A velha índia charrua escutou atentamente o que a garota pretendia fazer e, ao final, interpelou-a séria:

— A menina tem certeza de que é isso mesmo o que quer? Devo alertar de que mexer com certas coisas pode desencadear sérias consequências. Por isso, volto a te perguntar: estás disposta a pagar o preço pelo que desejas?

— Faço qualquer coisa para obter o que lhe pedi — confirmou Rita.

— Muito bem. Então retorne aqui na sexta noite a partir de hoje e traz contigo uma galinha viva, juntamente com uma mecha de cabelo, um pedaço da roupa e um objeto de uso pessoal daquele que será o alvo do ritual.

Assentindo em concordância e se despedindo, a jovem retornou à fazenda.

Naquela mesma noite, Rita de Cássia dirigiu-se, silenciosa como um fantasma, ao enorme galpão onde a peonada descansava. Entrou sorrateiramente e procurou até encontrar o namorado.

Bonifácio dormia profundamente, enrolado num grosso pelego, no canto oposto do galpão. Ela aproximou-se, pé ante pé. Abaixou-se e, sem acordá-lo, o descobriu e passou a mão na adaga do negro, com a qual cortou uma pequena mecha de sua longa cabeleira e depois um pedaço da barra do bichará (poncho de lã) que o mesmo usava como travesseiro. Colocou tudo num saco, inclusive a adaga. E então, certificando-se de que ele nada percebera, de modo que continuava a dormir como antes, cobriu-o novamente e deixou o galpão.

Da mesma forma evasiva como saíra, ela retornou aos seus aposentos na sede da fazenda.

03 de Agosto de 1836...

Poucas horas antes do nascer do dia, ainda escuro, as duas mulheres reuniram-se sob a luz da lua cheia, nos recônditos mais escuros da floresta onde a bruxa residia. Ambas vestiam trajes longos e pretos.

— Tens certeza de que é isso mesmo que quer? – indagou a índia novamente.

— Sim! – respondeu secamente a outra.

— Muito bem... Que seja feita a tua vontade!

E elas deram início ao ritual.

Enquanto a menina limitava-se a assistir, convicta de estar fazendo a coisa certa, a velha índia degolou a galinha que ela havia roubado da estância, recolhendo todo o sangue da mesma em uma rústica vasilha de cerâmica arredondada. Feito isso, com um galho seco de árvore, a bugra lentamente desenhou um pentagrama no chão de terra batida, cujo diâmetro era do tamanho de uma pessoa adulta, sobrepondo a ele um enorme círculo. Depois, arrumou todos os objetos de culto em torno do desenho cuidadosamente traçado. Após posicionar os cinco itens – a adaga, o pedaço de tecido do bichará e a mecha de cabelo de Bonifácio, a vasilha com o sangue da galinha e uma assustadora estátua de um demônio desconhecido para Rita – sobre as cinco pontas da estrela, a mulher cobriu todas as linhas da imagem com sal.

Concluída esta primeira etapa do ritual, a bruxa passou a recitar as palavras de invocação, acendendo cinco velas, uma branca e quatro negras, posicionando-as uma em cada ponta da estrela, junto ao objeto de culto ali colocado. A vela de cor branca foi deixada ao pé da estátua do demônio com chifres e patas de bode.

— Dispa-te completamente, entra no círculo e deita com a cabeça para o Sul e os pés para o Norte! – ordenou a bruxa.

Embora estivesse assustada, a garota prontamente obedeceu. Sentiu intenso frio ao retirar a roupa, mas não reclamou e nem hesitou em fazê-lo. Em seguida, adentrou o círculo, nua, deitando-se de costas no chão de terra batida, sobre o pentagrama e na posição que a outra lhe ordenara.

Tudo pronto, o verdadeiro ritual teve início. Com os dedos indicador e médio da mão esquerda unidos e os demais recolhidos, a bruxa tocou a própria testa; e então a região genital, levando os dedos em seguida para o ombro direito.

Depois, sem retirar os dedos do ombro direito, repetiu a operação com a outra mão, encerrando o movimento no ombro inverso. Cada movimento era acompanhado pela voz grave da mulher recitando um antigo cântico de invocação aos espíritos das trevas:

— *Oiad... Exú... Molap... Bageoubi... Iehusoz... Gaoachma!*

E então ela abriu os braços em forma de cruz, abaixou-se e apanhou a adaga do chão, traçando um pentagrama invertido no ar, recitando, ao concluir cada ponta da estrela, o nome de uma besta infernal:

— *Belial... Apollyon... Lúcifer... Baphomet... Satã!*

Deitada no centro do pentagrama, Rita de Cássia tremia de medo, mas retirava da obstinação em ter seu desejo realizado, a força necessária para suportar a pressão do ritual.

Prosseguindo com a cerimônia, a bruxa largou a faca em seu respectivo lugar no pentagrama e foi até a próxima ponta do mesmo. Apanhou a tigela com o sangue da galinha. Tomando o cuidado de não invadir as linhas demarcatórias do pentagrama, ergueu-a em direção ao centro da estrela de cinco pontas, que coincidia exatamente com a região genital de Rita de Cássia, que naquele momento servia ao ritual como uma espécie de altar humano.

Feito isso, a índia bebeu um generoso gole do sangue. E, com o líquido quente

ainda a escorrer pelos lábios, despejou o restante sobre uma atônita Rita de Cássia, que de tanto medo foi completamente incapaz de movimentar qualquer músculo de seu corpo. A garota ficou inteiramente lambuzada com o líquido viscoso, sendo que as últimas gotas foram aspergidas sobre o pedaço de tecido do bichará e sobre a estátua do demônio com patas de bode ao mesmo tempo.

Naquele instante, um sinistro trovão ribombou ao longe, ao que um forte vento soprou, de súbito, na clareira onde as duas se encontravam, fazendo com que o corpo da escrava gelasse novamente.

— Pronto, está feito! — a bruxa anunciou. — Agora faz o teu pedido.

Assustada, a jovem, banhada em sangue dos pés à cabeça, precisou de todo o seu autocontrole emocional para proferir aquelas balbuciantes palavras.

— Q-quero apenas proteção para o meu amado Bonifácio... Que ele não morra e nem seja ferido enquanto durar esta amaldiçoada guerra! Eu estou disposta a pagar o preço que for necessário...

— Assim seja feito! — sentenciou a bruxa, esticando ambos os braços em direção ao céu e proferindo as palavras que havia aprendido com uma bruxa de além mar que algum tempo atrás conhecera. — *Shemamforash Heil Satan!*

Outro trovão, ainda mais forte que o primeiro, se fez ouvir. No mesmo instante, o vento cessou, cedendo lugar a um desconfortável silêncio.

Haviam terminado. O ritual estava completo. O pacto estava selado.

Ao comando da bruxa Guaraci, Rita de Cássia levantou e banhou-se rapidamente no córrego que passava ao lado da clareira onde o ritual fora executado, livrando-se do sangue que maculava a sua pele morena. Vestiu-se e ajudou a velha índia-bruxa a limpar o local. Por fim, pagou a quantia previamente combinada à mulher e retornou confiante de que tinha feito a coisa certa para a estância.

Ao despontar do sol daquele mesmo dia, a recém constituída tropa dos Lanceiros

Negros de Teixeira Nunes iniciou a longa marcha rumo à primeira batalha.

VI

11 de Setembro de 1836...

Cerca de quatrocentos lanceiros negros, comandados pelo então tenente-coronel Joaquim Pedro Soares e subcomandados pelo major Teixeira Nunes, formavam a imponente cavalaria farroupilha que cruzou o arroio Seival e adentrou os Campos dos Menezes.

Bonifácio Tavares, assim como a maioria dos negros, montava a cavalo em pêlo, à moda charrua. Como armas, trazia apenas uma comprida lança e um facão, já que a sua adaga sumira. O negro também dominava o manejo das temidas boleadeiras que trazia atadas à cintura. Não utilizava qualquer espécie de escudo de proteção, mas no lugar disso, trazia o grosso poncho de lã enrolado no braço esquerdo que, quando não estava em combate, lhe servia também como cama, cobertor e proteção contra o frio e a chuva. Nos pés, calçava sandálias de couro cru. E, sobre as pernas, um velho xiripá de lã ou a bombacha esfarrapada que usava na lida da fazenda. Sobre o peito, nos dias frios, camisa e poncho de lã, e nos quentes, quando o mesmo não se apresentava nu, ostentava somente uma espécie de colete, cobrindo-lhe o tronco. E, para finalizar, na cabeça, exibia a tradicional “vincha” (espécie de braçadeira) vermelha, como símbolo da República Rio Grandense.

Os lanceiros negros eram rústicos e disciplinados. Nunca se queixavam. Comiam apenas se houvesse alimento disponível; dormiam em qualquer local, geralmente ao relento, tendo como teto o estrelado firmamento do Rio Grande do Sul; e vestiam-se com roupas velhas, rasgadas e sujas.

Mais tarde, seriam justamente essas vestimentas sujas e esfarrapadas, utilizadas

pelo exército republicano, que lhes renderia o epíteto de “Farrapos”.

Mas, voltando à nossa história...

A manhã já estava no meio e o estômago de Bonifácio Tavares roncava de fome. Fazia dois dias que não comia. Mas habituado à dura rotina dos lanceiros negros, ele não reclamava. Seguia firme no seu lugar da fila, quando avistou ao longe o inimigo, que marchava diretamente para eles. As tropas imperiais pareciam mais numerosas e melhores equipadas. Porém ainda se encontravam longe o bastante para que a linha de frente dos farrapos pudesse se organizar a tempo.

Ao avistarem o inimigo, os comandantes da tropa rio-grandense ordenaram de imediato a formação de combate.

Bonifácio preparou-se. Aquela seria a sua primeira batalha! E ele estava deveras ansioso. Medo? Nem um pouco. Sabia que poderia sucumbir nas próximas horas. Mas se fosse esse o fardo que o destino lhe reservara, o negro estava decidido a cumpri-lo de bom grado, como um homem livre e honrado. E isso, para ele, assim como para os demais companheiros de armas, não tinha preço. Ter essa consciência era o principal combustível que o impelia ao combate e a seguir em frente sem olhar para trás.

Ergueu a lança e aguardou.

No entanto, a esperada batalha não aconteceu.

Os imperiais, de súbito, desapareceram por trás de um elevado, de modo que os generais farroupilhas deduziram que os “caramurus”, como eram chamados, haviam seguido em outra direção. Mas mantiveram as tropas em formação.

Alguns batedores foram enviados para a elevação. Mas nada encontraram. Nem sinal do inimigo. Horas se passaram e, aos poucos as tropas relaxaram. E por fim, os comandantes decidiram acampar ali mesmo, sobre a coxilha.

Mas apenas dois terços da cavalaria farroupilha permaneceu no acampamento.

A terceira parte da tropa, composta pelos lanceiros negros de Teixeira Nunes, da

qual Bonifácio fazia parte, posicionou-se estrategicamente na retaguarda das outras duas, como uma espécie de tropa-reserva.

Enquanto aguardavam a retomada da marcha, comeram uns pedaços de charque seco com pão, acalmando os estômagos vazios.

A manhã findou-se.

A tarde chegou... E com ela vieram as tropas imperiais!

Até hoje ninguém soube de onde eles saíram. Mas a verdade seja dita: quando os generais farroupilhas se aperceberam do ataque, o inimigo já os havia alcançado. O entrechoque dos dois exércitos foi violento. Muitos bravos soldados perderam a vida logo nos primeiros instantes da contenda.

Os sons da batalha ganharam os ares e o sangue maculou de vermelho o chão outrora verde da coxilha.

A tropa reserva foi imediatamente acionada e, em instantes, juntou-se à batalha.

Bonifácio usava o poncho enrolado no braço esquerdo para amortecer ou desviar os golpes das lanças e das espadas inimigas, enquanto contra-atacava com a lança em uma mão e o facão na outra.

A sua primeira vítima foi um oficial inimigo, que morreu sem saber direito o que atingiu. Depois vieram outros. Até que a lança do negro encontrou o tórax de um cabo inimigo de peito largo e força sobre-humana. A lança perfurou-lhe o coração, contudo acabou partindo-se em duas ao arrancar o sujeito de cima do lombo do cavalo. Com a violência do choque, o próprio Bonifácio também perdeu o equilíbrio e caiu ao chão. Mas ele não se abalou. Mesmo desmontado, o corajoso lanceiro negro partiu para o corpo a corpo contra o inimigo. Com o facão em uma mão e a lança do inimigo morto na outra, o jovem escravo de 22 anos lutou bravamente. Cortou e feriu um expressivo número de inimigos, abreviando as vidas de outro tanto. Mas sem sofrer sequer um mísero arranhão.

Entrementes, a despeito da valentia demonstrada pelos lanceiros negros, foram os imperiais que se impuseram no combate e, em pouco tempo, adquiriram enorme vantagem sobre os cavaleiros farroupilhas, que acabaram acuados e cercados ao pé de um pequeno promontório rochoso.

Bonifácio se encontrava entre eles. Lutava com afinco e destreza, contudo tinha a consciência de que, em questão de pouco tempo, se nada acontecesse para mudar a dramática situação, os lanceiros negros seriam derrotados e mortos.

Quando tudo parecia perdido, porém, algo totalmente inusitado aconteceu...

De repente, Bonifácio acreditou que estava tendo uma alucinação. Pois em meio à luta com um caramuru, ele viu um estranho ser etéreo, envolto em sombras negras, simplesmente brotar do chão, próximo ao assustado cavalo do comandante imperial, que naquele instante se encontrava do outro lado da escaramuça.

A criatura avançou até o equino e, com um golpe seco de suas garras, arrebitou o freio da montaria, açoitando o lombo do garanhão em seguida. Em um ato reflexo, repentinamente descontrolado e ensandecido, o animal disparou a toda velocidade, para um ponto qualquer além do campo de batalha, dando a impressão de fuga do comandante imperial, até mesmo para os seus próprios comandados caramurus que, convenientemente, a partir daí se desconcentraram da luta.

Bonifácio eliminou o adversário, sem acreditar no que estava vendo...

Do nada, dezenas de outras criaturas de sombras se materializavam (!) por toda a coxilha. E, como carneiros invisíveis, passaram a eliminar com suas garras afiadas, um a um, os soldados imperiais. Só ao findar da batalha, quando já não restava mais nenhum inimigo de pé, foi que voltaram para as profundezas de onde tinham saído.

O resultado disso foi que a tropa dos lanceiros negros do major Teixeira Nunes permaneceu quase intacta, enquanto o restante dos destacamentos farroupilhas havia sofrido inúmeras baixas. Já os imperiais, haviam sido sumariamente aniquilados.

Somente mais tarde, Bonifácio iria descobrir que ninguém mais, além dele, vira os tais seres de sombras. E o negro julgou serem os demônios frutos de uma ilusão de guerra. Uma peça de mau gosto pregada por sua mente, afetada pelo calor da refrega.

Mal sabia o ex-escravo que aquilo era fruto de um pacto satânico de sua amada para lhe angariar proteção. Muito menos, que ainda voltaria a ver os tais “demônios das sombras” em ação, tantas outras vezes.

VII

Neste mesmo dia, na estância do Piratini...

A escrava Rita de Cássia viu-se subitamente acometida por uma grave doença degenerativa. Depois disso, embora se esforçasse para manter a sua rotina normal, ela jamais voltaria a se recuperar plenamente, nem se livrar dos incômodos sintomas da doença. As persistentes dores passariam a assombrar, de modo cruel e progressivo, os seus dias e noites.

VIII

12 de Janeiro de 1840...

Após acirrado combate campal em Santa Catarina, o destacamento dos lanceiros negros do recém promovido Coronel Joaquim Teixeira Nunes viu-se quase dizimada por completo pelos imperiais. Dos quatrocentos e cinquenta e um combatentes que a compunham inicialmente, apenas cinquenta sobreviveram e conseguiram voltar para Lages.

Entre eles, se encontrava Bonifácio Tavares. O negro, outra vez, saiu ileso e sem nenhum arranhão do violento confronto. Fato este que somente se concretizou devido

à providencial interferência dos “demônios das sombras” no último instante.

Os seres ergueram-se do chão enquanto eles eram perseguidos pelos imperiais, formando uma barreira de névoa entre os dois exércitos. O que serviu para encobrir a fuga dos lanceiros negros sobreviventes.

E, como da vez anterior, Bonifácio foi o único capaz de enxergá-los.

Esta foi a segunda aparição das misteriosas criaturas que apenas ele via. A partir daí, o negro haveria de se acostumar a ser salvo por elas a cada nova batalha.

IX

Enquanto isso, no Rio Grande do Sul...

A já fragilizada saúde de Rita de Cássia piorou consideravelmente.

De súbito, a jovem escrava foi acometida por uma inexplicável febre, de origem desconhecida, acompanhada por insuportáveis dores de cabeça e pelo surgimento de manchas avermelhadas por todo o seu corpo.

Receosos de que pudesse se tratar de uma moléstia infecto-contagiosa, os atuais mandatários da estância do Piratini ordenaram que a enferma fosse imediatamente transferida para a antiga senzala da propriedade, há tempos desativada e que agora funcionava como celeiro de grãos.

X

14 de Novembro de 1844...

O tempo foi passando para Bonifácio Tavares e os seus companheiros. Muitas batalhas foram ganhas e outras tantas perdidas. Mas, de todas elas, o lanceiro negro saía intacto. Dentre todos os lanceiros, apenas ele continuava ileso, sem nenhum

arranhão ou cicatriz. Sim. Ele sabia o motivo, embora não fosse capaz de explicá-lo: os “demônios das sombras”. Os assustadores seres das trevas que apareciam do nada, quase sempre nos momentos em que ele se encontrava em maior perigo e, por alguma razão que ele mesmo até então desconhecia, o salvavam.

Bonifácio até já se acostumara com a presença deles. Mas, por questões óbvias, jamais comentava sobre os seus “protetores do além” com os demais companheiros de armas ou com quem quer que fosse. Em alguns momentos, tinha a nítida impressão de estar perdendo o juízo. Porém logo se conformava e seguia em frente.

Naquele dia, no entanto, as coisas fugiram do controle.

A revolução farroupilha encontrava-se em pleno armistício e o seu malgrado fim começava a ser posto na mesa de negociações pelos líderes de ambos os lados.

O que não impediu que a tropa de lanceiros negros do Coronel Teixeira Nunes que acampava no cerro de Porongos, em uma curva do arroio de mesmo nome, sob o comando do General David Canabarro, fosse covardemente atacada de surpresa, pelas hostes imperiais de Francisco Pedro de Abreu, o *Moringue*.

O corpo de lanceiros, cerca de uns cem homens foi pego desprevenido. De mãos livres e desarmadas, os negros tentaram resistir como puderam ao imprevisto ataque. Contudo, acabaram subjugados e derrotados pela ampla superioridade inimiga e pelo fator surpresa. Os seus integrantes foram quase todos mortos.

Bonifácio Tavares foi um dos poucos que reagiu e conseguiu eliminar um grande número de soldados imperiais, com o facão que afiava quando o ataque teve início. Mas, em determinado momento, também ele foi subjugado.

De súbito, o valente negro se viu cercado por cinco lanceiros caramurus.

Naquele instante, achou que a sua hora finalmente havia chegado. Mas decidiu que morreria lutando, como um homem livre e honrado. E empunhou o facão, pronto para a peleja.

Só se lembrou dos “demônios das sombras” ao vê-los emergir do solo, atrás dos soldados, enfiando-lhes as garras nas costas e drenando-lhes suas energias vitais até a morte. Em frações de segundos, observou os cinco homens caírem sem vida aos seus pés.

Atônito, Bonifácio viu que uma das criaturas tencionava se comunicar com ele. A sombra apontava para um reduzido grupo de sobreviventes dos lanceiros negros que corria desesperado para além da curva do arroio.

Bonifácio entendeu o recado e prontamente também debandou naquela direção.

Enquanto corria, com os cinco demônios das sombras flutuando ao seu redor a fim de fornecerem-lhe proteção e camuflagem, o ex-escravo percebeu que ninguém, fosse amigo ou inimigo, podia enxergá-lo. Era como se os demônios lhe encobrissem com uma espécie de manto mágico da invisibilidade.

E, graças à providencial ajuda do Inferno, ele foi um dos poucos que sobreviveu à histórica chacina dos lanceiros negros que teve lugar no cerro de Porongos.

XI

Naquela mesma tarde, na estância do Piratini...

Rita de Cássia sofreu um avassalador derrame vascular cerebral que lhe deixou, como principal consequência, a paralisia total de ambas as pernas e de todo o lado esquerdo do seu corpo. Ninguém, nem mesmo os médicos, ou os curandeiros negros e índios que a visitavam regularmente em seu leito de doente, improvisado na antiga senzala, conseguia explicar a razão de ela ainda permanecer viva e lúcida, apesar de tudo.

XII

26 de Fevereiro de 1845...

Após se reagruparem e serem enviados pelo General David Canabarro para uma importante ação na retaguarda inimiga, os poucos lanceiros negros remanescentes da trágica batalha no cerro de Porongos encontravam-se em marcha, recuando para o noroeste do estado do Rio Grande do Sul, num local próximo ao Arroio Chasqueiro, situado no atual Distrito de Arroio Grande.

Mas eis que, durante uma rápida parada, foram alcançados por um esbaforido mensageiro que trazia cartas para vários deles, inclusive uma para o negro Bonifácio. Foi apenas neste momento que as terríveis informações sobre o grave estado de saúde da amada chegaram ao destemido lanceiro. E chegaram de modo avassalador.

Ao receber a carta, pediu ao mensageiro que a lesse para ele, pois não sabia ler.

E o rapaz o fez, sem poupá-lo de nada.

Ao tomar conhecimento dos fatos, Bonifácio inicialmente ficou arrasado. Depois, ao digeri-los melhor, o ex-escravo entrou em desespero absoluto. E, sem conseguir raciocinar direito, solicitou uma audiência urgente com o seu comandante, o coronel Joaquim Teixeira Nunes.

Foi prontamente recebido pelo superior hierárquico. Após cumprimentar o ex-patrão, Bonifácio foi diretamente ao ponto. Explicou-lhe a gravidade da situação em que se encontrava Rita de Cássia e solicitou a liberação para se deslocar até a fazenda a fim de revê-la, nem que fosse pela última vez.

Condoído pela dramática situação do intrépido soldado que aprendera a admirar e a respeitar por conta de seus feitos, o coronel farroupilha imediatamente consentiu que ele partisse, mas com a condição de que retornasse tão logo fosse capaz.

Bonifácio mal recolhera os seus pertences, preparando-se para a longa viagem de volta à estância do Piratini, e eles foram novamente atacados, de maneira torpe e

covarde, pelas tropas imperiais de *Moringue*.

Assistiu-se então, a uma repetição do recente episódio de Porongos. Com apenas uma única diferença: desta vez os lanceiros negros foram acuados, impedidos de fugir e totalmente destroçados. A contenda que se seguiu foi deveras terrível e feroz.

Dos cinquenta e quatro integrantes que ainda restavam do legendário corpo de lanceiros negros, apenas meia dúzia sobreviveu a esta última e derradeira batalha, travada já durante as tratativas finais de paz.

O coronel farroupilha Joaquim Teixeira Nunes, um dos maiores lanceiros de seu tempo, como em uma implacável ironia do destino, terminou tombando mortalmente ferido por uma estocada da lança manejada pelo braço vigoroso do Alferes Imperial Manduca Rodrigues.

Enquanto assistia, impotente e perplexo, ao fim do seu comandante, Bonifácio Tavares, mais uma vez foi salvo da morte pelos seus sobrenaturais amigos do Inferno. Os “demônios das sombras” que, desta feita, não intervieram de forma mais ativa no desfecho do combate, limitando-se a agarrar e a arrastá-lo, literalmente, para fora do campo de batalha, ocultando-o por entre as sombras de que eram feitos das vistas dos imperiais.

Paralelo a isso, uma densa e providencial névoa caiu sobre o Arroio Chasqueiro.

Assim que se viu livre das criaturas, Bonifácio Tavares aproveitou para emboscar um cavaleiro inimigo que inadvertidamente galopava em sua direção. Derrubou-o do cavalo com uma estocada de lança certa no ventre, que o arrancou da cela. Tomou-lhe a montaria e partiu rumo à estância do falecido coronel Joaquim Teixeira Nunes no Piratini, sem olhar para trás.

Enquanto isso, na estância do Piratini...

Rita de Cássia, por sua vez, no mesmo instante em que o seu Bonifácio era salvo da morte pelas criaturas das sombras novamente, piorou ainda mais.

De súbito, ao tossir, ela sentiu o inconfundível sabor de sangue na boca. Alguns segundos depois, o líquido vital passou a escorrer-lhe pelo nariz, pelos ouvidos e pelo ventre, em um nítido sinal de que principiava um irreversível quadro de hemorragia interna, o qual culminaria por condená-la a um estado semivegetativo.

XIV

01 de Março de 1845...

Nove anos e alguns meses após o início da revolução heroicamente sustentada, a ferro e a fogo, pela insuperável determinação dos bravos guerreiros farroupilhas, foi finalmente assinado um tratado de paz que culminaria no fim da guerra, pelo General Farroupilha David Canabarro, no acampamento imperial de Carolina, localizado na região de Poncho Verde.

Neste mesmo dia, o valente lanceiro negro Bonifácio Tavares chegou à estância do finado coronel Teixeira Nunes.

O ex-escravo galopava veloz em direção à antiga senzala, onde lhe informaram que Rita de Cássia se encontraria, quando algo, que ele não foi capaz de identificar naquele momento, subitamente materializou-se à frente de sua montaria, assustando-a. O animal relinchou e empinou-se sobre as patas traseiras, tão abruptamente, que o negro, mesmo a despeito de toda a vasta experiência que detinha na doma de potros xucros, acabou se desequilibrando e caiu de bruços no chão.

E então, antes que o rapaz tivesse tempo de esboçar qualquer reação, aconteceu a verdadeira tragédia...

Mesmo sem ninguém sobre o lombo, o cavalo continuou na trajetória para trás, desabando com todo o seu peso sobre o pobre Bonifácio, que teve a maioria dos ossos do tórax inexoravelmente esmigalhados.

Antes de dar o último suspiro, porém, ele vislumbrou o que assustara o animal daquela maneira, a ponto de induzi-lo a reagir tão violentamente.

Surpreso, deparou-se com um dos espectros de sombras, que tantas vezes antes o haviam salvado da morte. O etéreo ser encarou-o, por uma interminável fração de segundo, antes de voltar a desaparecer chão adentro.

E assim, de maneira tão vil e cruel, se deu o trágico fim de Bonifácio Tavares, o mais valoroso e destemido de todos os lanceiros negros...

XV

Do seu leito improvisado sobre um grosso pelego na senzala abandonada, Rita de Cássia assistiu a pavorosa cena da morte do amado, dominada pela estupefação, que terminou por evoluir numa terrível sensação de impotência e inconformismo.

Tentou gritar... Tentou levantar-se... Tentou chorar... Tentou esticar a mão para o seu amor... Tentou morrer...

Mas não conseguiu fazer nada disso.

Impossibilitada por conta da enorme fraqueza causada pela recente hemorragia, a moribunda permitiu-se uma única lágrima solitária, em meio a um mudo lamento de dor.

Enquanto assistia ao amor de sua vida ser esmagado sob o cavalo, mentalmente, a desconsolada jovem interpelava-se do porquê de tamanha desgraça...

Foi neste momento que uma voz distorcida e gutural ecoou diretamente em seu cérebro, ao mesmo tempo em que uma sinistra figura etérea materializava-se ao seu

lado.

“O pacto foi cumprido. O teu lanceiro negro foi protegido da morte enquanto a guerra durou. Contudo, agora ela terminou... Portanto, minha cara, chegou a hora do nosso acerto de contas”.

Sem mais, a criatura enterrou as afiadas garras na combalida garota, sugando-lhe o pouco que ainda restava da sua energia vital.

Mais tarde, a jovem escrava foi encontrada morta na antiga senzala...

O que ninguém jamais ficou sabendo, porém, é que nesse mesmo dia a torturada alma de Rita de Cássia tornou-se a mais recente conquista do Inferno!

A LENDA DA FADA DO DENTE

Jaqueline Tonin Alquati

Numa época muito anterior à nossa, em que ainda se media o tempo por Eras, e os seres humanos dividiam o mundo com toda sorte de criaturas místicas...

I

A minúscula fadinha observava, oculta em meio a um trevo de quatro folhas, ao romântico e apaixonado casal de namorados beijarem-se ardorosamente.

Foi quando uma lágrima solitária, com sabor de ciúmes, banhou a entristecida face enrugada e decrépita da elemental, ao observar o amado tocar em outros lábios que não os dela.

Pela primeira vez, em mais de um milênio de existência, ela sentiu ódio e rancor de um ser humano. E um repentino arrepio percorreu-lhe o espírito, enquanto dava vazão a um sinistro pensamento.

Remoeu aquela ideia por muitas luas...

E então, obcecada por aquele amor impossível, que a consumia dia e noite, pôs-se a executar o seu maquiavélico plano.

Sim, ela estava ciente das consequências.

Mas com a decisão já tomada, não podia, e nem desejava mais voltar atrás.

Encontrou-os dias depois, no mesmo lugar. Esperou até que eles finalmente se separassem. E, com os últimos raios de sol ainda no horizonte, resolveu seguir atrás da rival.

Enquanto a perseguia pela floresta, com um encanto, criou uma forte névoa que escureceu a trilha por onde a moça seguia, impedindo que qualquer outra pessoa visse

o que estava prestes a acontecer.

Sem conseguir enxergar direito o caminho devido à nevoa, a moça foi obrigada a reduzir o ritmo, sendo rapidamente alcançada pela mal intencionada fadinha.

Aproveitando-se de um raro momento de distração da rival, a criatura elemental materializou-se na frente dela, em sua forma humana.

Agarrando a atônita garota pelos ombros, cravou as unhas compridas na pele da mesma, de modo a imobilizá-la e a toldar-lhe qualquer chance de reação. E então, se aproximou do rosto dela com ameaçadora expressão.

O primeiro reflexo da moça foi o de tentar gritar por socorro. Porém, mal abriu a boca, a sua energia vital passou a ser sugada pela malévola criatura ancestral.

Em questão de poucos segundos, o corpo jovem e altivo da moça foi murchando e enrugando; os sedosos cabelos negros foram ficando sem cor e os olhos perdendo o brilho da vida... Até que a sua força vital se extinguísse por completo e a sua carcaça, esquelética e deformada desabasse inerte na relva úmida.

A sua assassina, em contrapartida, sofreu um processo inverso. Ao sugar para si a energia vital da garota humana, rejuvenesceu, voltando a ter a formosa aparência que possuía quando ainda era jovem.

Ao concluir a metamorfose, a fadinha, agora plenamente rejuvenescida, afastou-se do cadáver retorcido flutuando a centímetros acima do chão, enquanto diminuía gradativamente de tamanho, retornando à sua forma original de fada.

Embora não sentisse remorso algum pelo assombroso crime recém cometido, a elemental jurou para si mesma que aquela seria a primeira e a última vez que faria aquilo. Jamais tornaria a abreviar, de forma intencional, a existência de outra criatura da Mãe Natureza.

E a sua mente instintivamente retornou ao passado, ao momento exato em que ela teve o seu coração de fada arrebatado pelo jovem humano.

II

A pequena elemental estava cumprindo com as suas obrigações para com a Mãe Natureza, quando ao passar por uma clareira da floresta em que vivia, ouviu algo que atraiu a sua atenção: o choro de uma criança.

Não resistindo à curiosidade, ela voou para o alto de uma árvore, de onde podia espionar sem ser vista.

Na clareira, um esbelto e gracioso menino, de aproximadamente sete primaveras de vida, encontrava-se no limiar de se submeter a um importante rito de passagem da infância. O seu primeiro dente de leite encontrava-se prestes a cair e a mãe tentava convencê-lo a deixar que o arrancasse. Ele recusava-se, chorando copiosamente.

Para aliviá-lo do medo que sentia por uma suposta dor, que nem sabia se sentiria ou não, a mulher inventou-lhe uma linda fábula, onde prometia que se ele colocasse o dentinho recém extraído debaixo do tapete de folhas em que dormia, durante a noite uma fada viria buscá-lo; e, em seu lugar, deixaria uma saborosa fruta. Inocente como toda criança de sua idade deveria ser, o menino acreditou. E, por fim, permitiu que a mãe procedesse à extração do dente, suportando a dor corajosamente.

Comovida com a linda história que acabara de ouvir, a fadinha decidiu abraçar, para si, a incumbência de torná-la real. Procurou até encontrar a mais suculenta fruta da estação. E, durante a noite, depositou-a ao lado do menino, tomando o cuidado de levar consigo o dente de leite, que posteriormente transformaria num lindo amuleto.

Na manhã seguinte, não resistiu e retornou à clareira dos humanos.

Ansiava por ver a reação da criança ao acordar e encontrar a recompensa por sua coragem.

Conforme o previsto, ao acordar, o garoto imediatamente divisou o presente ao

seu lado. Sentou-se na cama de folhas e procurou pelo dente de leite recém extraído.

Não o encontrando ali, onde o mesmo fora deixado na noite anterior, o menino soltou uma exclamação de felicidade tão vibrante e verdadeira que fez com que a fada se emocionasse. E com os olhos brilhando de satisfação, saltitante de alegria, mostrou a fruta para todas as outras crianças da tribo antes de devorá-la.

A fadinha nunca soube como começou exatamente, mas, aos poucos, ela acabou fatalmente se apaixonando pelo jeito alegre e doce daquele garoto, passando a visitá-lo, em segredo, todas as noites. Passava horas e horas velando o seu sono; afastando os mosquitos e todo e qualquer perigo que o ameaçasse.

Com o passar do tempo, o que no início era apenas uma inexplicável paixão, se transformou em amor, no sentido mais sublime da expressão. Ela tornou-se a sua protetora particular; o seu anjo da guarda invisível, passando a vigiá-lo de longe vinte e quatro horas por dia.

III

Os anos passaram... E o doce e franzino menino transformou-se em um garboso rapaz, virtuoso e de semblante sereno. Aos dezessete anos já era um homem feito.

O sentimento que a fadinha tinha por ele também evoluiu, tornando-se cada vez mais acentuado. Até que, numa noite de luz nova, não mais suportando aquele amor platônico, ela tomou uma importante decisão. E, sem racionar direito, solicitou uma audiência com os anciãos do Reino das Fadas.

Na primeira noite de lua cheia depois, uma tumultuada assembléia teve início na copa do mais alto e antigo carvalho da Terra. Não somente fadas, mas seres místicos de toda sorte, se agrupavam em torno do Conselho dos Anciãos, ansiosos para ouvir o que tinha a dizer aquela que os convocara.

A fadinha estava deveras nervosa a respeito do que poderia acarretar o seu tão aguardado pronunciamento. Mas agora ela não podia mais voltar atrás...

A assembléia teve início. Após as considerações básicas, o mais velho dos anciãos a convocou e cedeu-lhe a palavra.

Ela não se fez de rogada. Apresentou-se e, logo em seguida, começou a relatar a história de como conhecera aquele por quem se apaixonara perdidamente. A mera revelação de que o eleito de seu coração era um ser humano causou o maior rebuliço entre a assistência dos elementais. Contudo, ela não se permitiu abater... E foi além, solicitando a permissão do Conselho dos Anciãos para assumir a sua forma humana e viver, na plenitude, o seu amor.

A assembléia explodiu diante de tamanha blasfêmia.

Onde já se viu uma elemental se apaixonar por um ser humano? Nunca antes se registrara algo semelhante! Ela tinha ficado louca, totalmente desequilibrada! Aquilo era um disparate!

E a floresta inteira estremeceu com a ira da Mãe Natureza diante de tal pedido, culminando em uma terrível tempestade que desabou sobre a conferência dos seres místicos naquele instante.

Só algum tempo depois, quando os ânimos se acalmaram e a situação voltou a normalizar-se, foi-lhe exposto pelos anciãos, que qualquer tipo de relação física entre elementais e seres humanos era terminantemente proibida. E eles enumeraram uma lista sem fim de objeções e razões que justificavam essa proibição.

Como resposta, a fadinha contrapôs cada uma delas, enfatizando que se o amor fosse verdadeiro e recíproco, certamente superaria todos os obstáculos.

E assim, a assembléia mística prolongou-se, ininterrupta e turbulenta, por vários dias a fio. Até que, vencidos pelo cansaço e pela irreduzível determinação da pequena elemental, os anciãos optaram por ceder. E concederam-lhe a permissão para viver,

na plenitude, o seu inusitado amor. Mas alertaram-na de que a sua insensata união poderia trazer indesejáveis implicações, tanto para ela própria quanto para os demais envolvidos.

Totalmente obliterada pelo ardente desejo que a consumia, ela simplesmente os ignorou, deixando o topo do carvalho feliz da vida; ansiosa para realizar o seu grande sonho de amor...

O que a fadinha não imaginara, nem em seus piores pesadelos, era que, durante a sua breve ausência, o rapaz humano que lhe arrebatara o coração se enamoraria por outra humana.

Ela o constatou, assim que adentrou a clareia onde a tribo do amado habitava.

O choque de flagrar o amor de sua vida nos braços de outra, nublou o seu senso de discernimento, abalando de forma irreversível as suas estruturas emocionais. E o ciúme a dominou a ponto de cegar a sua razão, levando-a a articular o assassinato da sua rival.

Observou o casal durante o seu passeio matinal pela campina; arquitetou o plano de aniquilar a inimiga e algumas luas mais tarde, quando surgiu a oportunidade, deu prosseguimento ao crime anteriormente descrito.

IV

De volta ao presente...

Consumado o hediondo ato criminoso, a assassina transmutou-se para a forma humana e apresentou-se na clareira como a única sobrevivente de uma comunidade extinta. A sua beleza e jovialidade contagiaram a todos e ela foi de imediato aceita na Tribo da Clareira.

Pouco tempo depois, através de uma série de encantamentos, já havia assumido

o lugar da rapariga morta – dada como desaparecida pelos membros da tribo – no coração do rapaz.

Dez luas depois, no início do outono, eles se casaram, em meio a uma festança sem precedentes.

Muitas outras luas se passaram, e a fada disfarçada de humana descobriu, para a felicidade do amado e de todos os demais integrantes da tribo, que trazia no ventre um minúsculo ser, fruto de seu controverso amor.

V

.

A primavera chegou. E com ela, as primeiras contrações. Em polvorosa, toda a tribo reuniu-se em volta das parteiras, para recepcionar o novo membro que estava para nascer.

Enquanto isso, nas copas das árvores mais altas em volta da clareira, o Reino das Fadas igualmente se fazia presente ao inusitado parto, representado por milhares de minúsculos elementais que a tudo assistiam ansiosos.

Todos estavam radiantes e felizes.

No entanto, algo não saiu como o esperado...

Inexplicáveis complicações, que ninguém jamais soube explicar, prejudicaram o desfecho daquele tão esperado evento que, de alegre e festivo, transformou-se, num piscar de olhos, em momentos de puro terror e agonia.

Do nada, uma grave hemorragia interna teve início, drenando as forças da fada convertida em mulher, que morreu antes mesmo de expelir o feto.

Previendo que não conseguiriam salvar as duas, as parteiras optaram pela que tinha mais probabilidades de sobreviver: a criança.

De posse de uma pedra pontiaguda e extremamente afiada, elas não pensaram

duas vezes: rasgaram o ventre ensanguentado da parturiente, retirando algo que, em hipótese alguma poderia ser descrito como um lindo bebê.

Muito longe disso, o pequeno ser revelou-se a mais hedionda aberração da Mãe Natureza, provocando asco e repulsa nos adultos, medo nas crianças e perplexidade nos elementais.

Com o rosto retorcido, corpo deformado, dentes salientes, olhos cor de sangue, e garras no lugar das mãos e dos pés, o recém-nascido ser soltou um ganido estridente, causando arrepios até no mais corajoso dos presentes.

Desesperado com a inevitável morte da esposa e, mais ainda, com a aberração que concebera, o pai da criança-monstro deixou a clareira aos prantos, lançando-se, antes que pudessem impedi-lo, no precipício que ficava além da mesma.

Supersticiosa ao extremo, a tribo recolheu os seus pertences e deixou a clareira naquela mesma noite, para nunca mais voltar.

Quanto à criança-monstro, foi abandonada à própria sorte, literalmente largada sobre a pegajosa poça de sangue que se formara ao redor do corpo sem vida da mãe. Não fosse pela compaixão dos elementais que, apesar da sua horripilante aparência, o recolheram, o bebê certamente não teria sobrevivido.

VI

Contrariando todas as expectativas, a menina sobreviveu e cresceu, tornando-se uma mescla adulta de fada, monstro e mulher. Apesar da sua horripilante aparência, ela acabou revelando-se dona de um coração bom e justo.

E, com muito gosto, algum tempo depois resolveu retomar a surpreendente obra que um dia a sua mãe começara.

Desde então, a fada-monstro dedica-se exclusivamente a recolher os dentes de

leite recém extraídos das crianças do mundo inteiro, deixando como retribuição uma simbólica recompensa. No início era uma fruta, uma pele para aquecer o corpo no frio do inverno ou um odre de água fresca para aliviar o calor do verão... Entretanto, com o tempo, as crianças mudaram, viraram capitalistas; e a fada passou a deixar, ao invés dos antigos presentes, uma moeda ou uma nota de baixo valor.

Mas uma coisa nunca mudou e jamais mudará: ela só vem à noite, para que não a flagrem, por causa da sua medonha aparência.

Até hoje, poucas crianças a enganaram e a viram. Destas, nenhuma sobreviveu...

Eis a verdadeira origem da famosa lenda da “Fada do Dente”!

O GUARDIÃO DO SHEOL

Márson Alquati

Domingo, 02h50min...

Meia dúzia de viaturas policiais, com os giroflex ligados, se aglomerava diante do clube da alta sociedade onde acontecia a tradicional festa de formatura do curso de Direito de uma conceituada universidade federal. Os policiais tentavam, a todo custo, colocar ordem no tumulto gerado pelos formandos, familiares e convidados que se atropelavam para ver o corpo estirado no estacionamento sobre uma gigantesca poça de sangue, atrapalhando o trabalho da perícia.

O cadáver pertencia a uma mulher loira, jovem e atraente, mas que agora não passava de um reles amontoado de carne inerte, cuja condição deplorável intrigava sobremaneira os peritos encarregados de estabelecer as circunstâncias da sua morte.

Aparentemente, a vítima havia sido, de alguma forma inexplicável, literalmente rasgada de dentro para fora, na altura do peito, onde restava uma imensa cavidade aberta, através da qual era possível vislumbrar os órgãos internos da moça.

Embora a arma do crime não tivesse sido localizada, havia um suspeito: o rapaz de olhar perdido e feições abaladas que era mantido sob custódia, isolado da multidão para evitar que fosse linchado.

Um investigador da polícia civil o interrogava.

— Vamos lá, garoto... Você já está bastante encrencado, de modo que continuar a omitir a verdade só piorará as coisas para o seu lado! Eu vou perguntar pela última vez: o que aconteceu aqui?

O rapaz encarou o policial com os olhos vermelhos, marejados de lágrimas e um semblante de consternação. Respirou fundo e, munindo-se de coragem, destrinchou a sua versão dos fatos...

II

Sábado, algumas horas antes...

Após a cerimônia de colação de grau, os formandos, parentes e convidados se dirigiram para o clube onde seria realizada a festa de formatura.

Raúl adentrou o salão com um amplo sorriso de vitória estampado na face.

Afinal de contas, a despeito de todos os desafios que tivera de enfrentar na vida, ele conseguira se formar. Órfão de pai e mãe, Raúl acabou sendo criado numa casa de triagem do governo. Aos dezoito anos, porém, foi solto nas ruas, com uma mão na frente e a outra atrás. Campeou um emprego de garçom em uma churrascaria, onde trabalhou duro por sete anos para pagar os estudos. E eis que agora ali estava ele: o mais novo advogado do Brasil.

Raúl não tinha convidados nem familiares na formatura, mas decidiu curtir a festa assim mesmo. Planejou beber todas, dançar até cair e se divertir muito com os demais formandos até o sol raiar, posto que havia terminado com a namorada apenas duas semanas antes.

Pouco mais de uma hora se passou, quando após outro drink, o rapaz foi puxado pelos amigos para a pista de dança. Foi neste momento que ele reparou na loira, nada discreta, que o observava atentamente no extremo oposto do salão. A garota era uma verdadeira beleza: deslumbrante, linda e carismática. Usava um vestido preto curto, chamativo e sensual, que realçava as curvas de seu corpo, deixando visíveis as pernas bronzeadas e bem torneadas.

Ela o cumprimentou com um sorriso e um aceno de cabeça.

Raúl perdeu o fôlego. E, meio sem jeito, respondeu ao cumprimento, tentando se lembrar, em vão, de onde conhecia a garota. Somente algum tempo depois, o rapaz

chegou à conclusão de que nunca a vira antes. A moça devia ser convidada de algum formando, o que era estranho, visto que se encontrava isolada, em um canto à parte, afastada de todos os demais presentes.

Ela se aproximou, fazendo o coração do jovem disparar. Parou diante dele, no meio da pista, e começou a dançar de forma discreta, porém sedutora. Os amigos de Raúl prontamente se afastaram, deixando os dois sozinhos, no exato instante em que a banda mudava para uma balada romântica.

Desinibida, a garota abraçou Raúl, passando as mãos pelo pescoço dele, que por sua vez, não se fez de rogado e aproveitou o momento para se aconchegar juntinho ao escultural corpo da loira.

Cochichando baixo, um ao ouvido do outro, eles se apresentaram e conversaram sobre diversos assuntos, a maioria amenidades, até que finalmente rolou o primeiro beijo, um verdadeiro “amasso” de tirar o fôlego.

Ao colar os seus lábios nos de Kelly, Raúl sentiu as pernas fraquejarem como se tivesse as forças subitamente drenadas pelos lábios carnudos e sensuais da garota. Mas ela o sustentou de pé, afastando-se dele e convidando-o para saírem da pista de dança.

De mãos dadas, os dois pombinhos se deslocaram até um sofá vazio, num canto escuro, e estrategicamente reservado do salão, onde permaneceram durante a maior parte da noite, trocando carícias e “amassos”.

III

Domingo, por volta de 01h30min...

A sessão de “amassos” prosseguia arrebatadora. Raúl sentia-se no paraíso, com a plenitude das realizações o abraçando naquela gloriosa noite. Não bastasse para ele

ter realizado o sonho de formar-se advogado, também acabara ficando com a gatinha mais ferosa e sensual da festa.

Todavia, como nada é eterno, de uma hora para a outra, tudo mudou.

De repente Kelly afastou-se, assustada, olhando em volta como se tivesse visto um fantasma.

— O que foi? — Raúl indagou surpreso, voltando-se para trás e deparando com um sujeito mal encarado e assustador, enfiado em um sobretudo surrado de couro preto, que destoava com o ambiente fino e elegante e, principalmente, com o forte calor que fazia. Mas não foi isso que perturbou o formando, e sim o fato de que o ditocujo os observava, a ele e à Kelly, insistentemente do outro extremo do salão.

Kelly pareceu não ter visto o homem. Era como se olhasse através dele e só Raúl fosse capaz de vê-lo.

— Nada. Tive uma sensação ruim, só isso. — ela respondeu, disfarçando o pânico inexplicável que subitamente a possuía. — Que tal sairmos um pouco para pegar um ar? Está muito abafado aqui dentro...

Raúl concordou. E quando se virou novamente, o tal sujeito mal encarado não estava mais lá, e em nenhum outro lugar do salão, de modo que, por alguma razão desconhecida, ele resolveu não mencioná-lo para Kelly.

O casal deixou o salão de baile. Raúl e Kelly foram direto para o estacionamento do clube, por sugestão da garota, que deixou transparecer a intenção de avançarem mais um passo no relacionamento.

Com a libido a ponto de explodir e os seus pensamentos voltados apenas para o que estava prestes a acontecer, Raúl a seguiu sem questionar. Ele só conseguia pensar no ato sexual que culminaria no ápice daquela noite mágica, sem se importar com as prováveis consequências ou as indispensáveis precauções que a situação requeria.

Àquela hora, o estacionamento do clube encontrava-se repleto de carros, mas

completamente vazio de presenças humanas. Eles logo encontraram um canto isolado e escuro, propício a lhes proporcionar a privacidade de que necessitavam.

Raúl mal podia conter-se de tamanha excitação, tanto que não foi sequer capaz de perceber a sutil mudança no olhar de Kelly, que de apaixonado passou a sombrio.

Quando ele se deu conta de que algo estava errado, já era tarde demais...

Assim que foram envoltos pelas sombras, a garota subitamente estacou, adquiriu feições sinistras e começou a se retorcer como se tivesse sofrendo um ataque epilético.

Raúl, petrificado de susto, não acreditou quando vislumbrou Kelly ser rasgada ao meio, de dentro para fora, como se tivesse sendo cortada em duas por uma espécie de motosserra invisível. Um átimo de segundo depois, a bela e atraente loira cedeu lugar a uma criatura demoníaca que saiu de seu peito dilacerado e cresceu acima de Raúl, envolvendo-o em uma teia de sombras, impossibilitando qualquer reação por parte do atônito rapaz.

O corpo humano e despedaçado da loira caiu aos pés de Raúl, enquanto ele era agarrado e imobilizado pelo espectro nebuloso.

— Vocês humanos são tão fáceis de manipular — o demônio rugiu com voz grossa e gutural.

Aproximou a bocarra deformada da boca de Raúl e, ato contínuo, passou a sugar a energia vital do rapaz. Raúl sentiu, de súbito, uma fraqueza avassaladora, seguida por fortes tonturas, náuseas, pulsação acelerada, pânico desenfreado e perda parcial da capacidade de raciocínio.

O rapaz estava prestes a perder a consciência, quando um grito ecoou na noite. Pelo canto do olho, ele vislumbrou algo que, se não fosse pelo bizarro da situação que vivenciava, teria deixado-o ainda mais perplexo.

Saltando por cima dos veículos estacionados, vinha em seu socorro o tal sujeito mal encarado que ele avistara na boate poucos minutos atrás. Aquela até poderia ser

uma visão aceitável, não fosse pelo simples fato de que o indivíduo empunhava uma poderosa espada flamejante e um espantoso par de asas emplumadas que, totalmente abertas, ocupavam o espaço de dois carros cada uma, brotava de suas costas.

A súcubus[‡] soltou o rapaz, urrando de ódio e frustração por ser interrompida. E também desembainhou uma comprida espada flamejante, só que com chamas negras, partindo para o confronto.

Atordoado e muito fraco para fugir, Raúl limitou-se a sentar-se de costas para o muro que delimitava a propriedade, de onde observou a violenta batalha que passou a ser travada entre as duas entidades sobrenaturais.

Os entrechoques das espadas produziram faíscas que macularam a escuridão da noite. Os golpes eram duros e calculados, mas ambos os contendores eram excelentes guerreiros. E, somente depois de um bom tempo, que ao jovem espectador pareceu uma eternidade, e muita luta foi que o anjo finalmente conseguiu, num movimento rápido e preciso, desarmar o adversário.

E então, com um gesto ensaiado, o celestial produziu uma enorme esfera de luz brilhante na palma da mão, arremessando-a de encontro ao inconformado demônio. A esfera luminosa atingiu a criatura infernal, em cheio, aprisionando a súcubus em seu interior.

Só então, o anjo virou-se para Raúl, dirigindo-lhe a palavra pela primeira vez:

— Não se preocupe, meu jovem. Você ficará bem... Por sorte, eu cheguei a tempo de impedir que o maldito demônio sugador o despojasse de uma quantidade letífera de sua essência energética vital.

— O-obrigado, mas quem é você? – Raúl esforçou-se para se fazer ouvir, sem conseguir tirar os olhos da esfera luminescente com o espectro aprisionado dentro. – E o que foi isso tudo?

[‡] **Súcubus** = demônio feminino de aparência sedutora que se alimenta da energia vital dos homens.

O anjo suspirou resignado, explicando-lhe:

— De tempos em tempos, o Sheol, ou Inferno, abre os seus portões para receber novas almas condenadas e, eventualmente, alguns demônios inferiores se aproveitam disso para escaparem. Então nós, os Guardiões do Sheol, somos acionados e enviados para a Terra com a finalidade de persegui-los e aprisioná-los novamente. Contudo, só podemos fazê-lo quando eles abandonam os corpos terrenos usados como disfarces, assumindo as suas formas originais, o que acontece apenas no momento em que estão se alimentando, ou seja, sugando a energia vital dos mortais.

— O que teria acontecido comigo, se você não tivesse chegado a tempo? – Raúl perguntou, a um fio de voz.

— O súcubus teria se alimentado da sua energia até não restar mais nenhum vestígio dela, levando-o à morte, para depois se apossar do seu invólucro carnal, até encontrar uma nova vítima – o guerreiro alado respondeu, guardando a espada de fogo na bainha. – Agora preciso ir. Tenho uma entrega para fazer no Sheol.

Dizendo isso, o anjo abriu as enormes asas e alçou voo, arrastando consigo a esfera luminosa com o demônio recém capturado.

Ainda recostado ao muro, Raúl observou-os sumirem no horizonte.

Então, não aguentando mais, ele desmaiou ao lado do corpo sem vida da jovem belidade que um dia se chamara Kelly.

IV

Domingo, 03h20min...

— Você realmente espera que eu acredite nisso? – o policial encarou Raúl, com uma expressão nada amigável.

— Não. Mas é a verdade... – respondeu o rapaz, com o olhar distante.

— Muito bem. Vamos ver o que o juiz vai dizer sobre isso – o policial encerrou o interrogatório, prendendo ambos os pulsos de Raúl em um par de algemas.

E conduziu o rapaz para a viatura mais próxima. Ao deixarem a cena do crime, eles passaram pela caminhonete do IML, que permanecia estacionada bem no centro da confusão.

Enquanto os funcionários do instituto recolhiam o cadáver destroçado de Kelly, permaneciam sob a constante vigilância dos curiosos de plantão, que não arredariam o pé dali até tudo se resolver.

Raúl suspirou desanimado, desejando, do fundo da alma, que o demônio tivesse conseguido completar o seu intento. Pelo menos, se tivesse morrido, não precisaria ter de conviver, o restante dos seus dias, com aquela história maluca e inverossímil.

* * *

Moral da história: preste sempre o máximo de atenção a todos com quem você se relaciona. A pessoa que você menos imagina pode ser um fugitivo do Inferno. Um súcubus ou um incubus, cujo único objetivo é sugar a sua energia vital, para depois se apossar do seu corpo até encontrar uma nova vítima...

SAMANTA

Márson Alquati & Jocir Prandi

Sexta-feira – 23h10min...

O carro devorava o asfalto, quilômetro a quilômetro. Mãos ao volante, Samanta piscava os olhos de quando em quando, tentando afugentar o sono. O mais prudente seria estacionar e dormir um pouco, mas a garota persistia firme, consciente de que logo adentraria a cidade. Em poucos minutos ela estaria em casa, daria um abraço apertado no pai, e poderia enfim refestelar-se à vontade no aconchego de sua cama.

Mas eis que, de repente, numa das últimas curvas do caminho, surgiu um vulto cambaleante no meio do asfalto. Quando Samanta o enxergou, foi tarde demais.

Ela pisou forte no freio. O veículo, descontrolado, derrapou na pista molhada. Um baque violento e seco. Um corpo estatelado no chão. E o carro finalmente parou.

Samanta desceu atordoada e se aproximou, a fim de socorrer a vítima. Abaixou-se ao lado do atropelado e assustou-se ao perceber que ele exalava um mau cheiro terrível. E, mais ainda, ao reparar em seu aspecto. Todo deformado e ensanguentado, o homem parecia morto.

– Meu Deus, o que foi que eu fiz? – ela indagou-se aflita.

De súbito, um movimento. Ele abriu os olhos. E Samanta sentiu um arrepio.

Aquele olhar vítreo... A expressão faminta... A cor acinzentada da pele... O cheiro pútrido, de cadáver em decomposição... Enfim, tudo naquele estranho sujeito fazia lembrar um...

Um maldito zumbi!

Expressão faminta, pele pálida, movimentos grotescos, ele tentou se erguer e agarrá-la, grunhindo, feroz e selvagem como um bicho. Ato reflexo, Samanta jogou-se

para trás. Desequilibrada, ela caiu sentada.

Mas o monstro, para a sorte da garota, não conseguiu se levantar. Parecia estar com a coluna vertebral partida.

Samanta respirou aliviada.

Preparava-se para levantar-se e fugir dali, quando um barulho atrás de si atraiu a sua atenção. Ao se virar, a garota sentiu uma mão em seu pescoço. Uma mão fria, áspera, que a puxou. E outra, em sua face. Mais uma, na cintura. E antes que pudesse esboçar qualquer reação, inúmeras outras mãos agarram-se a ela com violência.

II

Sábado – 01h40min...

Marcos Brenner caminhava de um lado para o outro da sala, preocupado com a filha. Samanta já devia ter chegado da viagem à cidade vizinha, onde fora visitar a mãe. Desde que ele e a mulher se separaram, há quatro anos, somente os dois, pai e filha, viviam naquela casa; e somente em Samanta ele concentrava o seu afeto e as suas preocupações.

Na televisão, o apresentador Jô Soares entrevistava mais um escritor de ficção fantástica em início de carreira, quando o programa foi bruscamente interrompido, cedendo lugar a um informe urgente, cujo enfoque baseava-se na assombrosa invasão de estranhas criaturas em uma pequena cidade do interior no outro lado do país.

Marcos se deteve diante do aparelho, atraído pela surrealidade da notícia. No início ele até achou tratar-se da divulgação de um novo filme sobre zumbis ou algo do gênero. Mas logo descobriu que não era nada disso...

Enquanto o apresentador falava com voz grave, um vídeo de baixa qualidade, certamente produzido com um celular, mostrava seres grotescos que pareciam morto-

vivos atacando um homem. Eles o derrubaram e passaram a devorar o seu cérebro. E então o repórter anunciou o pior: aquela macabra situação parecia estar se repetindo em todo o continente. As autoridades já estavam falando em uma espécie de epidemia sintomática altamente contagiosa. Contudo, não se tinha ainda informações concretas sobre a causa, ou as causas, desse terrível problema. A imagem passou a saltar de uma cidade para outra, até passar por um grande número de capitais, mostrando o caos e a desordem que naquele exato instante as assolavam, causados pelas terríveis criaturas devoradoras de cérebros. Incêndios, destruição e morte... Pessoas correndo e fugindo desesperadas, muitas sendo perseguidas e mortas...

Brenner assistiu, pasmo, ao informe. A inquietação com a inexplicável demora da filha aumentou ainda mais. Tentou ligar pela enésima vez para ela, mas o celular de Samanta continuava fora da área de cobertura ou sem sinal. Foi até a janela e não viu nada de anormal lá fora. Eles moravam no interior, e o sítio todo se encontrava na mais absoluta paz. Nenhum movimento estranho do lado de fora.

De súbito, ouviu barulho de vidro quebrado nos fundos da casa. Correu para lá, e o que viu deixou-o perplexo: um homem de pele acinzentada, todo esfolado, sem a mandíbula inferior e coberto de sangue encontrava-se com meio corpo para dentro da janela. O monstro também o viu e fez menção de atacá-lo. Num impulso de desespero e de autodefesa, o dono da casa apanhou uma cadeira de abrir e a quebrou no rosto deformado da criatura, que momentaneamente desapareceu da janela.

— Por tudo o que é mais sagrado, o que foi isto? — Marcos indagou-se, ainda tremendo de susto. E só respirou aliviado quando olhou pela janela e constatou que a criatura havia sumido.

Mas o seu alívio durou pouco. Enquanto ele estava nos fundos da casa, outros zumbis, que não sabia dizer de onde haviam surgido, arrombaram a porta da frente e invadiram a residência. Os mortos-vivos vieram cambaleantes em sua direção com os

braços esticados, em meio a grunhidos selvagens.

Apavorado, Brenner não pensou duas vezes e correu para o quintal. De esguelha, avistou o machado na meia-água da lenha. Apanhou-o e se voltou para os zumbis com um sorriso no rosto.

– Muito bem, seus nojentos... Venham tentar me pegar! – gritou.

Os zumbis se aproximaram. E uma acirrada batalha teve lugar no quintal do sítio dos Brenner. Com uma dúzia de golpes certos, visando quase sempre à cabeça das criaturas, Marcos conseguiu livrar-se rapidamente de sete mortos-vivos. Mas, quando se virou, pronto para eliminar o oitavo, estacou ante a visão mais dramática de toda a sua vida. Por um momento ele não acreditou nos próprios olhos...

O machado permaneceu erguido, enquanto lágrimas se formavam nos olhos de seu dono.

Diante dele, agora transformada em uma daquelas horripilantes criaturas, estava a sua filha adorada.

Samanta... A sua querida Samanta era agora um maldito morto-vivo sem alma nem coração!

III

Segunda-feira – 20h30min...

Marcos Brenner assistia apreensivo o telejornal local, atento à entrevista coletiva cedida por um grupo de renomados cientistas do governo federal sobre a epidemia dos zumbis. Eles afirmavam que os infectados buscavam cérebros para comer por mero instinto de sobrevivência, já que era a única maneira de se manterem vivos. A boa notícia era que já estava em fase final de testes um antídoto capaz de reverter a tão devastadora doença. Seria apenas uma questão de dias até a vacina ficar pronta e

ser distribuída. Mas até lá as fronteiras do continente sul americano ficariam fechadas para o resto do mundo, como medida preventiva para se evitar o alastramento do mal. Que as pessoas deveriam estocar alimentos e permanecer em suas casas. E se zumbis os atacassem, deveriam fazer o possível para não serem mordidos pelas criaturas, o que fatalmente poderia transformá-las em novos morto-vivos. E então passaram às dicas de como eliminar os devoradores de cérebros.

Ao final da reportagem, Brenner levantou-se e foi aos fundos da casa, até onde ficava a despensa. Tirou a chave do bolso e destrancou a porta, espiando Samanta.

Ao notá-lo, a garota morta-viva encarou-o salivante, parecendo faminta. A zumbi debateu-se com ferocidade e rosnou para o pai qual um animal selvagem, tentando libertar-se das grossas cordas que a prendiam. Alheia à dor, ela forçava as cordas e, a muito custo, conseguiu soltar uma mão, tendo parte da carne da mesma arrancada pelo esforço. Tentou agarrá-lo. As cordas não permitiram. Tentou soltar a outra mão, mas não foi capaz. Gritou, esperneou e guinchou. Tudo em vão. E aos poucos, foi se aquietando novamente.

Hesitante, Marcos entrou no quartinho, para prendê-la novamente. Sentia um aperto na garganta, ao ver a filha naquele estado monstruoso. Se pudesse ajudá-la... Pelo que ouviu na televisão, sabia que a garota não resistiria além de dois ou três dias, a não ser que fosse alimentada com o único cardápio que sua espécie tolerava. Mas ele sabia que isso não podia ser arranjado assim tão facilmente, pois cérebro humano não era um item comum de se encontrar no comércio tradicional.

Arquejante, a garota-zumbi manteve a cabeça baixa, parecendo chorar, enquanto ele entrava na despensa. Brenner baixou a guarda e se aproximou, comovido. Levou a mão trêmula em direção aos cabelos da filha.

Bruscamente, Samanta retornou à sua condição de morta-viva e impulsionou a mão ainda livre em sua direção. Ela só não conseguiu agarrá-lo porque as cordas que

a prendiam limitaram os seus movimentos.

Com o coração aos pulos, e entre lágrimas, Brenner saltou para trás, assustado. Por um momento, precisou repensar em como fazer para dominá-la sem ser mordido ou se deixar contagiar pela doença que a assolava. E nisso estava, quando escutou a campainha tilintar, seguida por insistentes batidas na porta da frente.

Rezando para que Samanta se mantivesse em silêncio, limitou-se a encostar a porta da despensa e foi atender a indesejada visita.

Tratava-se de um senhor de meia idade, o caseiro da chácara vizinha, conforme se apresentou. O homem disse ter ouvido gritos durante a noite anterior e como ele estava passando, resolveu parar e ver se estava tudo bem.

Marcos pensou em dar uma desculpa qualquer para livrar-se dele. Entrementes, um rápido vislumbre da situação o fez hesitar, enquanto uma série de pensamentos macabros bombardeava a sua cabeça.

Consciente do que estava prestes a fazer e das suas consequências, convidou o sujeito para entrar. E o conduziu ao depósito de mantimentos onde se encontrava a filha doente.

Gritos oriundos do recinto sobressaltam o velho caseiro, que invadiu o depósito, dando de cara com a garota zumbi. Um empurrão o fez cair ao lado dela. Samanta usou a mão livre para agarrá-lo, puxando-o para junto de si.

O homem gritou e, no auge do desespero, com um forte puxão, conseguiu livrar-se da garota, correndo em direção à porta.

Mas para sua aflição, teve o caminho subitamente bloqueado pelo dono da casa.

No semblante de Brenner, angústia e desespero. Em suas mãos, um pedaço de pau, com o qual atingiu o velho no estômago, fazendo-o dobrar-se de dor. E, antes que o caseiro pudesse reagir, teve o crânio esfacelado pelo porrete, sendo jogado de volta para as garras de Samanta.

Com as feições desoladas, porém com a resignação e a firmeza de quem acredita estar apenas cumprindo com o seu dever de pai, Marcos Brenner o imobilizou pelas pernas, enquanto Samanta devorava com voracidade animal o seu cérebro.

IV

Terça-feira – 09h15min...

Ainda sujo de sangue e terra, após ter dado o devido sumiço nos restos mortais do vizinho, Marcos Brenner foi ver a filha. Ela agora parecia mais calma, com a fome saciada.

Ele sorriu satisfeito. Trancou a despensa e retornou para a sala de estar. Dirigiu-se à mesinha do telefone e apanhou a agenda telefônica onde mantinha os contatos de todos os amigos, parentes e vizinhos. Folheou-a. Selecionou um nome aleatoriamente. E fez a ligação.

— Bom dia, é o Marcos, tudo bem? Preciso falar com você urgentemente. Será que daria para passar aqui em casa mais tarde? Ok, até a noite então.

Por mais horror e repugnância que isso lhe causasse, era a sua obrigação pensar na próxima refeição da filhinha querida.

SÍNDROME DE AFRODITE

Jaqueline Tonin Alquati

O dia estava claro, sem nuvens, e o sol brilhava radiante sobre as cabeças das inúmeras pessoas que passeavam pela rua, seguiam para o trabalho ou para as suas respectivas casas, sem darem a menor importância ao vulto solitário que permanecia de pé no parapeito do 42º andar do edifício que ostentava o número 847 na fachada.

Helena era o seu nome.

Ela olhava lá de cima, com o olhar fixo, mas resoluto, que nada via a não ser a intenção de dar um basta ao insuportável sofrimento. A face desfigurada encontrava-se banhada em lágrimas inconformadas de dor e desespero.

O medo do que viria a seguir toldava-lhe os sentidos, porém a decisão já estava tomada. E era irremediável... A pretensão de livrar-se para sempre daquele pesadelo sobrepujava todos e quaisquer sentimentos de apego à vida que porventura a moça ainda pudesse ter.

Helena respirou fundo pela última vez. E, de forma abrupta, precipitou-se para o vazio, simplesmente deixando-se cair em direção à calçada.

Enquanto despencava, rumo à morte certa, vislumbrou, em um flash, os eventos mais significativos da sua efêmera existência.

II

Helena nasceu no seio de família de muitas posses. Desde menina, sempre foi obcecada por padrões de beleza e de perfeição. A formosa garotinha de longos cabelos negros como a noite e de brilhantes olhos azuis como o céu adorava se arrumar e se

vestir bem, com as últimas novidades da moda. Ela jamais deixava de se preocupar com cabelo e maquiagem.

Aos sete anos de idade ganhou um concorrido concurso de beleza na escola em que estudava, o que serviu para deixá-la ainda mais envaidecida.

Sim, a vaidade era reconhecidamente o seu maior defeito.

Outros concursos vieram e ela ganhou todos. Foi a mais bela da escola, a mais bela do bairro, da cidade e do estado onde morava.

O tempo passou. Helena envelheceu; e a sua beleza só fez aumentar, em razão diretamente proporcional à sua arrogância e prepotência. Fator que foi determinante por ela nunca ter se casado, pois achava que homem algum estava à sua altura.

Os seus amigos costumavam dizer que ela era quase tão bela quanto Afrodite, a deusa grega da beleza. E a jovem Helena acabou aceitando isso como verdade.

Aos vinte e sete anos formou-se médica, especializando-se em cirurgia plástica, e foi imediatamente admitida nos quadros de um conceituado hospital de sua cidade natal.

Neste momento, ela visualizou a fatídica noite em que tudo mudou...

Foi durante um dos tumultuados plantões de fim de semana no pronto socorro do hospital, no qual pessoas esfaqueadas, baleadas e acidentadas chegavam a todo instante. A madrugada já ia longe. Passava das cinco horas da manhã, quando a coisa começou a acalmar... Exausta ao extremo, Helena resolveu descansar um pouco e se retirou para a sala dos médicos, onde repousou o corpo “literalmente moído” no sofá de três lugares.

Mal fechou os olhos e a porta se abriu novamente. Um indivíduo acidentado dera entrada no pronto socorro, com toda a parte inferior do corpo queimada e precisavam que ela o examinasse.

Mal humorada, Helena foi ao encontro das suas obrigações.

Ao chegar ao pronto socorro constatou tratar-se de um rapaz de pele bronzeada, de excelente aparência, porte atlético, cabelos loiros e olhos azuis. Um verdadeiro deus grego que lhe despertou estranhos e inoportunos desejos, como ela nunca antes havia sentido por homem algum. E aquilo a incomodou. Contudo, o profissionalismo falou mais alto; e Helena imediatamente se pôs a examiná-lo.

O rapaz estava inconsciente, provavelmente sedado devido à dor e à gravidade das queimaduras.

A médica examinou-o e orientou as enfermeiras nos procedimentos de rotina para queimados a serem realizados. E já estava saindo, quando o rapaz acordou.

Ele voltou e sorriu-lhe.

— Olá como você está? – a moça indagou-lhe com uma presteza que dificilmente dedicava aos seus pacientes.

— Afrodite... – ele sussurrou ao vê-la.

Desconcertada, ela lhe disse o seu nome e o que fazia ali.

— Helena, desculpe a minha confusão... De onde eu venho, beleza como a sua é algo raro de se ver. Por isso, a confundi com a deusa grega da beleza – ele emendou, readquirindo a lucidez.

— Eu fico muito lisonjeada... – Helena brincou, sem falsa modéstia. – Não é a primeira vez que isso acontece. Os meus amigos também têm o costume de comparar a minha beleza com a de Afrodite.

— Eles não estão equivocados. Você é realmente tão bela quanto Afrodite. Não... Eu ousou ir além: em minha opinião, você é ainda mais bela do que a deusa!

No que ele disse isso, um ensurdecedor trovão ribombou no céu lá fora, no exato instante que Helena foi chamada através do sistema de comunicação do hospital para atender as vítimas de um grave acidente automobilístico.

A médica se despediu do rapaz e saiu, deixando-o aos cuidados das enfermeiras.

III

Na projeção mental de sua vida, o tempo passou novamente e Helena não voltou mais a ver o paciente queimado. Contudo, a médica jamais foi a mesma. Após aquela madrugada, a impressão que ela tinha era de que alguma coisa dentro de si mudara radicalmente.

Helena continuava linda, e dona de inigualável beleza, mas agora aos seus olhos nem tudo estava perfeito.

Com o passar do tempo, ela foi ficando cada vez mais exigente consigo mesma e com o próprio corpo, começando a vislumbrar aquelas imperfeições comuns a toda mulher; e que antes passavam despercebidas pela sua inexaurível vaidade feminina. Por alguma inexplicável razão, que a jovem médica não era capaz de compreender, progressivamente Helena começou a queimar cada vez mais horas diante do espelho, procurando, e normalmente encontrando, todos aqueles minúsculos defeitinhos que a maioria das mulheres acredita ter; e que, aos olhos da nova Helena, passaram a adquirir titânicas proporções.

— Olha só essa gordurinha extra na minha cintura... Os meus seios são pequenos demais... A minha pele está ressecada... O meu cabelo está muito ressecado... O meu bumbum está flácido... Cruzes, que varizes horríveis... Meu Deus do Céu, que rugas enormes... — assim ela permanecia se lamentando diante do espelho por horas a fio.

E antes que pudesse impedir, o seu maior dilema passou a ser a eterna, porém inatingível, busca pela perfeição, também conhecida como “*Síndrome de Afrodite*”.

Mais um salto no tempo e Helena se viu na mesa de cirurgia, onde pretendia dar uma recauchutada geral no visual. Iria trocar as próteses mamárias por outras de 50 ml maiores, mudaria o nariz e faria outra lipoaspiração.

Essa seria a quarta cirurgia plástica a que ela se submetia.

O processo operatório durou várias horas e foi um sucesso. Inicialmente, Helena recobrou a autoestima e voltou a sorrir diante do espelho.

Alguns dias depois de restabelecida, no entanto, ao retornar para casa ao fim de uma estressante noite de plantão no hospital, a médica sofreu um terrível acidente automobilístico. Chovia muito e uma forte neblina baixara sobre a cidade, quando um pneu inexplicavelmente estourou e o carro de Helena ficou desgovernado, chocando-se violentamente contra um poste, antes de incendiar-se com a moça dentro.

IV

Dois meses depois...

Helena recobrou a consciência em uma cama de hospital. Tentou se mexer e não conseguiu. Tentou falar e igualmente foi incapaz. Só então, a pobre moça reparou que se encontrava com o corpo inteiramente envolto por bandagens, como uma múmia egípcia. E lembrou-se do desastre com o carro...

Nos dias que se seguiram, ela teve de suportar dores atrozes, provocadas pelas queimaduras de terceiro grau, fraturas expostas e escoriações adquiridas no acidente. Aos poucos foi readquirindo a capacidade de sentar e de andar. Mas somente após algumas semanas as suas ataduras foram retiradas e ela foi autorizada a encarar um espelho.

Qual não foi o seu espanto e desespero ao mirar-se no reflexo e deparar com sua imagem completamente desfigurada. O rosto estava repleto de horrendas cicatrizes. A boca, os olhos e o nariz haviam praticamente desaparecido, cedendo lugar a horríveis cavidades, sobre as quais pendiam os raros e esparsos fios de cabelo que restaram da sua antiga cabeleira, de forma que ela, como a boa cirurgiã plástica que era, sabia que

seria impossível recuperar a sua tão cultuada beleza anterior. E, em um lampejo de lucidez, ela soube que jamais voltaria a mesma de antes.

Helena gritou, chorou, esperneou e se descabelou diante do monstro em que se transformara, tomando naquele instante a decisão de se matar assim que recebesse a alta hospitalar...

E era exatamente nisso que estava pensando, quando finalmente se esfacelou no asfalto, pouco antes de ter os seus restos mortais esmagados sob os rodados de um pesado caminhão-tanque.

Tudo aconteceu rápido demais... Em uma ínfima fração de segundo, o corpo de Helena desintegrou-se em meio a uma gigantesca poça de sangue.

V

Enquanto isso, no Olimpo...

Afrodite ria histericamente, regozijando-se ao observar a terrível cena. E então, a deusa refletiu sobre como os mortais podiam ser tão facilmente manipulados pelas suas emoções e desejos, e principalmente por sua vaidade.

De súbito, o semblante da deusa ficou sério.

E da sua linda e cobiçada boca jorraram as desconcertantes palavras que, sem remorso algum, ecoaram por todo o Olimpo:

— Nenhuma criatura, seja mortal, deus ou semideus jamais poderá ter a sua insignificante beleza comparada à de Afrodite, mesmo que por terceiros! Todo aquele que ousar, enfrentará a minha ira, pois eu fui, sou e sempre serei a única “*Deusa da Beleza*”!

O LEGADO ANUNNAKI

Márson Alquati

A verdade pura e simples, raramente é pura e jamais será simples...

(Oscar Wilde)

I

Em algum lugar da Mesopotâmia, nos dias atuais...

Sob o sol escaldante do deserto, os trabalhadores labutavam, escavando as areias ferventes em busca dos resquícios de um passado há muito relegado ao esquecimento. O arqueólogo e financiador do projeto – um homem alto e idoso, culto e de aparência cansada, pele clara, olhos escuros como a noite e cabelos grisalhos – descansava em sua tenda de campanha, meditando sobre os progressos da empreitada que já durava quase um ano e cinco meses, quando teve a concentração subitamente interrompida pelo supervisor-chefe das escavações.

– Encontramos algo, senhor! – disse o árabe de pele escura e sotaque carregado, enfiando a cabeça através da abertura da tenda.

Minutos depois, os dois chegaram ao sítio arqueológico. Eles desceram por uma escada de madeira até o fundo de uma gigantesca cratera circular, escavada no meio do deserto. O trabalhador responsável pela descoberta sorriu em júbilo, apontando para a parede de mármore negro, amparada por duas colunas altas, que acabara de encontrar.

Foram necessários três homens robustos, munidos de picaretas e pás, para que uma porta fosse aberta na parede sólida, revelando o interior de um templo sumério ancestral, totalmente coberto de pó e teias de aranha. Estátuas dos deuses Anu, Enki, Enlil, Ninharsag, Inanna, Marduk e vários outros, de menor relevância no panteão

sumério, rodeavam, lado a lado com uma série de colunas igualmente depredadas pela inevitável ação do tempo, uma enigmática cripta retangular de mármore, coberta por uma reluzente tampa de ouro decorada com pedras preciosas diversas.

O artefato deveria valer uma verdadeira fortuna. Mas não era isso que o velho arqueólogo procurava. Com o coração disparado e a emoção toldando-lhe os sentidos, ele se aproximou. E, em atitude de reverência, empurrou a cobertura de ouro, que deslizou suavemente para o lado. Os olhos brilharam de satisfação ao contemplarem o objetivo real de sua busca de tantos anos: uma rara coleção de tabuinhas de argila, perfeitamente conservadas e cuidadosamente acondicionadas no interior do rústico recipiente pétreo.

Horas mais tarde, já de volta à sua tenda de campanha, o pesquisador iniciou o processo de tradução dos pictogramas sumérios que tão bem conhecia, mergulhando em uma torrente de lembranças que julgava enterradas para sempre nas profundezas mais recônditas de seu subconsciente. Mas que, de súbito, jorraram em sua mente, fazendo-o recordar-se de cada detalhe do próprio passado.

Nostálgico, ele lembrou um tempo longínquo e há muito esquecido, em que deuses e homens coabitaram harmoniosamente sobre a face da Terra... Até o advento do monoteísmo judaico-cristão mudar tudo. Lembrou-se então, com enorme pesar, da violenta contenda em que os primeiros foram miseravelmente sobrepujados pelo Onipotente Deus Único da nova crença, sendo banidos da esfera divina e relegados ao esquecimento.

Mesmo depois de tanto tempo, ainda não compreendia direito como as coisas haviam chegado aquele ponto. E, para tentar entender, ele começou o árduo trabalho de organizar os fatos por ordem cronológica, unindo suas lembranças às informações obtidas através dos relatos gravados nas tabuinhas de argila recém descobertas...

450.000 a.C.

Nibiru, um distante membro de nosso sistema solar, estava enfrentando a cruel possibilidade de uma vagarosa extinção devido à deterioração progressiva da sua atmosfera. Alalu, o antigo governante nibiruano foi deposto por Anu, sendo obrigado a fugir do planeta condenado em uma espaçonave. E encontrou refúgio na Terra, cuja similaridade com Nibiru permitiu que o antigo regente sobrevivesse. Decorrido um tempo, Alalu acabou descobrindo que a Terra era rica em ouro e em outros minérios que, após minuciosos estudos, revelaram-se plausíveis de serem usados na confecção de uma camada protetora artificial para a atmosfera de seu planeta natal, evitando a completa destruição do mesmo.

Os Anunnaki, como se autodenominavam os habitantes de Nibiru, foram postos a par da descoberta de Alalu. E, em 445.000 a.C., liderados por Enki, um dos filhos de Anu, eles finalmente aterrissaram em nosso planeta, fundando o “Eridu” – a Estação Terra I, com a intenção de extraírem os minérios de que tanto necessitavam das águas profundas do Golfo Pérsico.

O tempo passou e, em 416.000 a.C., devido à crescente queda na produção de ouro no Golfo Pérsico que, após prolongar a vida de Nibiru, se transformara em uma valiosa moeda corrente para o povo Anunnaki, o próprio Anu resolveu vir à Terra, trazendo consigo o filho Enlil, irmão de Enki e legítimo sucessor do trono nibiruano.

Já na Terra, ficou decidido, em uma assembléia geral presidida por eles, que os minérios, vitais para a sobrevivência da economia nibiruana, passariam a ser obtidos por mineração tradicional, no sul da África. Os dois filhos de Anu tiraram a sorte para decidir quem ficaria com qual tarefa. Enlil venceu e ganhou o comando do “Projeto Terra”, enquanto Enki precisou se contentar em ficar com a África e a ingrata missão

de comandar os trabalhos de mineração.

A vida seguiu seu curso normalmente, sem qualquer contratempo. Até que, por volta de 300.000 a.C., os Anunnaki que trabalhavam nas minas africanas, fartos da árdua rotina de trabalhos pesados e das privações das minas, se rebelaram. Algum tempo e muitas mortes depois, na esperança de darem um fim ao impasse, Enki e sua irmã cientista Ninharsag resolveram testar, na prática, uma das suas controvertidas teorias genéticas.

Eles capturaram e fertilizaram artificialmente várias mulheres macaco, nativas do planeta-colônia, com os embriões geneticamente modificados de duas dúzias de jovens Anunnaki voluntários, concebendo uma nova raça de seres híbridos dotados de grande força física, vigor e longevidade, porém destituídos de inteligência superior e da capacidade de procriação. Esses novos seres, metade primata e metade Anunnaki, foram relegados à condição de escravos, assumindo as penosas tarefas braçais dos mineradores Anunnaki. Com isso, a rebelião dos mesmos perdeu a razão de ser e, por conseguinte, deixou de existir. A paz novamente voltou a reinar.

Um novo salto no tempo e, em 240.000 a.C., aproveitando a ausência de Enki e de Ninharsag, que visitavam o pai em Nibiru, o irmão de ambos, Enlil, movido por ganância e sede de poder, resolveu invadir as minas africanas e capturar alguns dos espécimes da raça “*Adamus*”, como passaram a ser denominados os escravos criados pelos Anunnaki. E os levou, na surdina, para o “*Edin*” ou “*Éden*”, a principal sede dos Anunnaki na Mesopotâmia, entregando-os nas mãos dos seus próprios cientistas.

Após uma série de experiências fracassadas, finalmente os geneticistas a serviço de Enlil conseguiram desenvolver, a partir das matrizes capturadas, uma nova raça de escravos, agora dotados da capacidade de procriação e de uma inteligência mediana.

E assim surgiu o primeiro ancestral do Homo-Sapiens atual, o primitivo Homem Cro-Magnon, que rapidamente procriou e se multiplicou, espalhando-se por todo o

globo terrestre.

Mas em 200.000 a.C. a vida na Terra, de forma geral, regrediu assustadoramente durante um inesperado período glacial, que durou exatos 100.000 anos. Com isso, os escravos da segunda geração e os Anunnaki acabaram se separando.

E só em 100.000 a.C. o clima lentamente começou a retornar ao seu estado de normalidade, voltando a aquecer o planeta e permitindo que as duas espécies, deuses e homens, tornassem a se encontrar. E junto com o clima, o coração dos Anunnaki também se aqueceu, de forma que eles deram mais liberdade aos humanos, mas em contrapartida começaram a se casar com as descendentes dos homens, que, por sua vez, haviam evoluído exponencialmente e se transformado em formosas criaturas.

Todavia, essa conspurcada união inter-racial, que ocorreu sem o consentimento de Enlil, acabou causando-lhe grande irritação, pois o soberano não via com bons olhos a pureza da sua raça maculada pelo que considerava lixo genético descartável. Não obstante, para não provocar uma nova rebelião entre os seus, Enlil adotou uma postura pública condescendente. Porém, secretamente, o príncipe nibiriano começou a arquitetar um plano para exterminar a “praga” humana.

E por volta de 75.000 a.C. o herdeiro do trono nibiriano vislumbrou a primeira oportunidade real de consumir o seu intento. Nesta época, teve início uma nova era glacial, eliminando a maior parte dos humanos e forçando os poucos sobreviventes a vagarem, a esmo, pela Terra congelada em busca de alimento e de calor.

Entrementes, contrariando todas as expectativas do regente nibiriano, o homem não apenas sobreviveu, mas fixando-se em vários pontos-chave diferentes do globo e formando pequenos agrupamentos nômades, que posteriormente se transformariam nas primeiras vilas e cidades, o ser humano primitivo deu um grande passo rumo a sua evolução.

Vinte e cinco mil anos se passaram, e o ódio de Enlil pela raça humana atingiu o

ápice, quando em 49.000 a.C. Enki e Ninharsag o desafiaram abertamente, colocando humanos comuns em cargos de governança em Suruppak, um dos primeiros vilarejos mistos da história.

Enfurecido, Enlil mais uma vez tramou o fim da humanidade.

Porém, foi em 13.000 a.C. que o perverso Anunnaki vislumbrou a oportunidade perfeita para levar adiante os seus malignos planos homicidas. Descobrimo, quase que por acaso, que a próxima passagem de Nibiru pelas cercanias da Terra, aliada ao inevitável derretimento das gigantescas calotas polares originadas durante as duas eras glaciais recentes, provocaria um avassalador maremoto, de proporções globais, que devastaria toda a extensão do globo, eliminando por completo a vida terrestre no planeta azul, Enlil convocou uma assembléia do Conselho Regente da Missão Terra.

Nesta reunião, politicamente articulada e conduzida, ele conseguiu a maioria de votos e com isso decretou a proibição, sob pena de morte para qualquer Anunnaki que o desobedecesse, de alertar a espécie humana sobre a terrível calamidade que, em breve, se abateria sobre a Terra.

Revoltado com a decisão do Conselho, Enki resolveu não manter o juramento feito ao irmão. E, em 11.000 a.C., já às vésperas do terrível acontecimento, ele passa a viajar aos quatro cantos do globo, contatando alguns poucos humanos de sua inteira confiança, escolhidos a dedo, a fim de alertá-los a respeito do que estava por vir. Não contente em avisá-los, Enki foi além e forneceu-lhes as especificações técnicas para que construíssem enormes embarcações capazes de salvá-los da grande inundação juntamente com a flora e a fauna da região em que habitavam.

Assim, Noé, Ziuzudra, Utnapishtim e vários outros representantes da fragilizada raça humana começaram a construir as famosas arcas.

Conforme havia sido previsto, o Dilúvio veio e varreu a Terra, matando milhões e destruindo todas as civilizações que haviam surgido e se desenvolvido antes dele.

Os Anunnaki, por sua vez, assistiram a tudo do espaço, na segurança das suas naves, impotentes e inconformados. Ao ver a destruição da Terra, Enlil se arrependeu e jurou, perante os irmãos, que a partir daquele momento passaria a proteger e ajudar os sobreviventes humanos salvos pela coragem e ousadia de Enki, perdoando-o por tê-lo desobedecido.

Pela primeira vez, os Anunnaki das duas vertentes se uniram e, assim que as águas baixaram e as arcas assentaram sobre terra firme, eles voltaram, se separando e fornecendo a estrutura necessária para que a raça humana pudesse se reerguer: as sementes, as ferramentas e o conhecimento sobre todas as áreas, indispensáveis para qualquer civilização progredir e se desenvolver.

Pouco tempo depois, em 10.500 a.C., três importantes regiões da Terra foram concedidas aos sobreviventes do Dilúvio: a Mesopotâmia que foi drenada por Ninurta – filho de Enlil – e se tornou novamente habitável. O Vale do Nilo, recuperado por Marduk – filho de Enki. E a Península do Sinai, que ficou nas mãos dos Anunnaki, pois eles pretendiam construir ali um novo espaçoporto para substituir o antigo, que foi destruído no Dilúvio. O novo Centro de Controle da Missão Terra foi instalado no cume do Monte Moriá.

O tempo passou e, em 7.400 a.C., os Anunnaki resolveram conceder importantes avanços biológicos aos seres humanos, dotando-os de maior inteligência. E o fizeram, mas, por precaução, reduziram drasticamente a sua expectativa de vida e também a sua imunidade bacteriológica. Foi quando começou o período Neolítico e surgiu o Homo-Sapiens propriamente dito, cuja longevidade não alcançava agora nem dez por cento da capacidade vital original.

E a vida seguiu o seu curso. Até que, em 3.800 a.C., a civilização urbana teve início de fato, na Suméria, ao serem restabelecidas as antigas cidades de “Eridu” e de “Nippur”. Mais tarde, Anu veio à Terra para uma visita de estado e uma nova cidade,

“Uruk”, foi construída em sua homenagem, juntamente a um esplendoroso templo-palácio que se tornaria a morada de sua amada e protegida neta Inanna – filha de Enki – também conhecida como Ishtar. Também foi nesta época que os Anunnaki regentes de todas as culturas ao redor do mundo passaram a ser encarados como deuses poderosos e sobrenaturais. Eles gostaram disso e nada fizeram para impedir a adoração e a idolatria que rapidamente tomaram conta dos núcleos humanos. Pelo contrário, descobriram nelas uma importante arma de domínio sobre as massas, e passaram a incentivar os cultos em sua homenagem e a punir quem não os venerava adequadamente. Criaram as leis e as regras sociais e teológicas, além de uma série de rituais que mais tarde resultariam nas famigeradas religiões pagãs.

Todas as culturas floresceram e se expandiram. E como não poderia deixar de ser: com o progresso, vieram os problemas. As guerras por poder e domínio tiveram início; e os Anunnaki as enxergaram, inicialmente como jogos divertidos em que os humanos eram meros peões. Por conta disso, para preservar o sigilo das informações das facções rivais, surgiram infinitas de códigos secretos, dando origem a centenas de novas línguas, que passaram a ser faladas pelas mais diversas culturas.

Não obstante, os jogos, antes divertidos, acabaram se transformando em sérias rixas entre os próprios Anunnaki. Os seguidores de Marduk, de repente resolveram se conflitar em uma catastrófica rebelião contra os seus conterrâneos que defendiam a subjugação dos homens, mas cujo verdadeiro fim era conquistar o domínio sobre todo o mundo conhecido.

Mas eis que os rebeldes liderados pelo ambicioso filho de Enki perderam e foram expulsos da Suméria. Embora persistissem, mesmo no exílio, na luta por seus ideais revolucionários.

Aos poucos, com o fluir do tempo, eles arregimentaram um gigantesco exército, com o qual marcharam novamente contra seus inimigos. A guerra recomeçou e, pela

primeira vez chegou ao Sinai. Os Anunnaki de lá se viram forçados a, em 2.900 a.C., transferirem a Sede da Monarquia suméria para Uruk.

Despojada de seu antigo lar, Inanna/Ishtar foi deslocada para a quarta região, até então neutra no conflito. E assim começou, de fato, a civilização no Vale do Indo.

Paralelo a isso, uma nova era humana se iniciou com o nascimento de Abraão, em 2.123 a.C., na cidade de Nippur. Époça em que Ur foi declarada a capital do Novo Império e o humano Ur-Nammu ascendeu ao trono e passou a ser conhecido como “O Protetor de Nippur”. Pouco tempo depois, Terah, o pai de Abraão, outro ser humano fiel aos Anunnaki foi consagrado sacerdote, tendo de mudar para Ur, que servia de elo entre o centro religioso e a corte real dos nibiruanos.

Em 2.096 a.C., Ur-Nammu morreu em batalha contra as tropas de Marduk. O povo considerou a sua trágica morte uma traição dos Anunnaki e se aliou à Marduk, atacando os templos e sedes do governo. Terah obrigou-se a fugir com a família para Haran, onde Abraão cresceu e se tornou um adulto vigoroso e fiel aos deuses de seu pai: os Anunnaki regentes do Sinai.

Por volta de 2.055 a.C. os partidários de Marduk finalmente atingiram a entrada do Sinai, ameaçando a segurança da base de operações Anunnaki e do espaçoporto localizados no Monte Moriá. Abraão, agora um general das tropas de cavalaria sob o estandarte dos Anunnaki, recebeu ordens para partir imediatamente rumo ao sul de Canaã, onde deveria acampar com seu poderoso exército.

Neste meio tempo, formava-se uma coalizão de reis do leste sob o comando de Marduk, que marcharia, em 2.024 a.C., contra Canaã e a Península do Sinai. Com a ajuda do avançado poderio militar dos Anunnaki, Abraão logrou conter o avanço dos invasores na região de entrada do espaçoporto. Em contrapartida, aproveitando a distração proporcionada por seus aliados do leste no Sinai, Marduk invadiu a Suméria e assumiu o trono da Babilônia.

A dura contenda então se transferiu do Sinai para a Mesopotâmia, assumindo hediondas proporções; e só terminou quando o Conselho Anunnaki aprovou o uso de armamento nuclear. Enki, desde o início se opôs à ideia, mas foi derrotado outra vez na votação.

Enquanto as tropas de Marduk se preparavam para a investida final contra o espaçoporto no Monte Moriá, os Anunnaki se anteciparam e destruíram as duas mais importantes bases cananéias, pertencentes aos rebeldes.

A destruição de Sodoma e Gomorra pôs um fim à guerra. Todavia, por uma cruel fatalidade do destino, os ventos comuns da estação carregaram a nuvem radioativa para a Suméria, cuja população passou a conviver com uma calamidade terrível. Os animais pereceram. A água ficou envenenada. O solo se tornou estéril. As pessoas adoeceram e morreram.

Impotentes e inconformados com a própria estupidez, os Anunnaki assistiram à gradativa degeneração daquela que, no passado, havia sido a mais antiga e próspera civilização da Terra.

III

De volta ao presente...

O velho arqueólogo acondicionou a última tabuinha de argila dentro da enorme caixa de madeira, inteiramente protegida com plástico-bolha, a despeito de que cada uma delas também fora forrada com o material protetor.

Pouco depois, carregadores entraram na tenda e, sob a supervisão do homem, conduziram o pesado volume para a carroceria de uma potente caminhonete, que o transportaria até o aeroporto, de onde o mesmo seguiria para um renomado museu em Londres.

O veículo ainda afastava-se, em meio a uma nuvem de poeira, quando o ancião retornou ao aconchego de sua tenda. Ele tinha muito trabalho pela frente, afinal de contas, o seu relatório ainda estava pela metade. Mas como ele detinha todo o resto da história vívida em sua mente, através de recordações que jamais o abandonariam mesmo que vivesse por toda a eternidade, não tinha necessidade de conservar consigo as preciosas tabuinhas. Elas agora pertenciam aos habitantes da Terra: os homens. E que estes dessem a elas o destino que melhor lhes aprouvesse.

O velho sentou-se à mesa de ferro quadrada, já com o notebook ligado e pronto para receber os dados. Repassando as suas lembranças mais longínquas, de súbito ele regressou novamente ao passado. E reviveu cada sucinta passagem, desde o desastre nuclear da Suméria, até o imprevisto surgimento de um novo elemento no cenário.

Novo elemento este que selaria para sempre o destino dos orgulhosos Anunnaki, despojando-os de seus tronos divinos e enviando-os para o eterno exílio, às sombras da raça inferior que eles próprios criaram...

IV

Sem as tabuinhas para fornecerem uma orientação cronológica mais exata, as lembranças eram agora destituídas de datas, porém mantinham-se vívidas na mente do ancião.

Após a destruição das cidades de Sodoma e Gomorra, os Anunnaki viveram um longo período de paz, no qual dedicaram o seu tempo, integralmente, à evolução da espécie humana, assim como ao desenvolvimento tecnológico e social de suas cidades.

Ishtar fez progredir o Vale do Indo, enquanto os irmãos Enki, Enlil e Ninharsag se dedicaram exclusivamente ao Sinai, protegendo o Centro de Controle da Missão e o espaçoporto, ao mesmo tempo em que ajudavam no desenvolvimento dos inúmeros

povos vizinhos da base Anunnaki. Marduk, por sua vez, mudou-se para o Vale do Nilo, para onde foi exilado com o seu séquito após o término da malograda rebelião em ele que pretendia usurpar o trono da Terra, passando a governar com mão ferro o Egito e os povos que nele residiam como escravos.

Tudo ia bem para os Anunnaki, até que, de uma hora para a outra e sem nenhum aviso, despontou no cenário uma enigmática e misteriosa figura, destinada a alterar a História para sempre. O seu nome: Yaweh. Status: o deus do povo hebreu, na época, escravizado pelos egípcios. Um novo deus que ninguém sabia de onde surgira, mas que aparecera já causando o maior alvoroço.

Do nada, esse prepotente deus exigiu a total libertação do seu povo ou enviaria uma série de pragas sobre o Egito. Achando tratar-se de uma fraude criada pelo povo judeu para ludibriá-lo, Marduk – também conhecido como Rá, o deus-sol egípcio – orientou Ramsés, o então faraó, a desdenhar o pedido do tal Yaweh, feito pela boca de seu irmão adotivo Moisés, um paria hebreu criado como príncipe egípcio. Mas eis que as pragas realmente aconteceram, uma mais terrível do que a outra.

Todavia, Marduk ainda não estava convencido da divindade de seu oponente, julgando ele tratar-se apenas de alguém dotado de avançada tecnologia bélico-militar equivalente à dos Anunnaki. Alguém que utilizava o conhecimento ancestral como subterfúgio para se travestir de deus, da mesma forma como ele e os seus o haviam feito desde o princípio dos tempos.

Marduk não, mas o faraó sim, acabou se convencendo da divindade de Yaweh e, contrariando a vontade do deus Anunnaki, ele terminaria por libertar o povo hebreu após o morticínio dos primogênitos.

Quando Marduk ficou sabendo do êxodo dos israelitas, descobriu que eles já haviam partido da cidade de Succot na direção da Terra Prometida, escoltados pelo próprio Yaweh. Imediatamente, o encolerizado Anunnaki ordenou ao faraó que os

perseguisse e os trouxesse de volta, ao que Ramsés prontamente obedeceu.

Os soldados egípcios alcançaram o povo de Moisés junto ao Mar Vermelho. E, inexplicavelmente, o exército do faraó foi barrado por uma coluna de fogo surgida das entranhas da terra e que perdurou a noite toda. No alvorecer do dia seguinte, o servo de Marduk percebeu, com assombro e consternação, que as águas do Mar Vermelho haviam se retirado para que o povo escolhido pudesse cruzar à outra margem.

Sem pensar, ele mandou os seus carros de batalha, juntamente com o colossal exército egípcio, avançarem. Contudo, para sua surpresa e incompreensão, as águas, após o último hebreu cruzar por elas, subitamente retornaram ao seu lugar de origem, caindo ferozes e implacáveis sobre os soldados, afogando-os.

O desconhecido Yaweh vencera o poderoso Rá. Inconformado com a vergonhosa derrota, Marduk convocou uma assembléia urgente do Conselho dos Anunnaki, onde exigiu que o Povo das Estrelas interferisse e destruísse os israelitas, juntamente com o tal Yaweh. Mas acabou sendo convencido por seus conterrâneos a deixá-los em paz, por ora, pois os Enki e Enlil queriam saber antes de atacarem, com quem estavam lidando.

Enki foi enviado ao encontro do povo judeu, como observador. E foi na condição de espião que o veterano Anunnaki presenciou o que mais tarde seriam considerados verdadeiros milagres.

Assim que se juntou, disfarçado, aos israelitas, Enki viu o povo ser alimentado com uma substância mágica que toda noite caía do céu: o maná. Viu as nuvens de fogo que seguiam na frente e na retaguarda do povo hebreu, guiando-o pelo deserto. Viu Moisés receber as tábuas dos Dez Mandamentos e escutou o próprio Yaweh falando através da Arca da Aliança diversas vezes. Mas jamais conseguiu vislumbrar a face do misterioso deus dos israelitas ou conversar diretamente com ele.

Com isso, o mistério só aumentava. E os Anunnaki, em uma nova assembléia,

decidiram esperar mais um pouco, antes de partirem para a ofensiva final.

O tempo passou lentamente e, após quarenta anos de peregrinação pelo deserto, Enki e os hebreus finalmente chegaram à Península do Sinai. Conduzidos por Yaweh e auxiliados pelos incríveis poderes sobrenaturais do misterioso deus, aos poucos, os israelitas passaram a destruir, sistematicamente, todos os povos antigos que, sob a égide dos Anunnaki, ainda habitavam a região.

Uma nova guerra teve início.

Enki viu-se obrigado a retornar para o seu antigo lar, reassumindo seu posto no espaçoporto. Muito sangue foi derramado, antes de os Anunnaki se darem por conta de que travavam duelo contra um rival infinitamente mais poderoso e mais cruel, um adversário onipotente, onipresente e onisciente, praticamente invencível.

Gradativamente, os envelhecidos deuses sumérios foram sendo derrotados, um a um. E, como consequência, foram sendo eliminados do consciente coletivo humano. Os poucos que sobraram, para evitar uma morte terrível, retornaram para Nibiru ou se recolheram em um exílio forçado, abandonando os templos e palácios; e passando a viver incógnitos entre os homens.

Então, de repente e sem nenhuma explicação, surgiu outro personagem-deus nos palcos da antiguidade. E, num piscar de olhos, o maior inimigo dos Anunnaki, o misterioso e vingativo Yaweh, simplesmente desapareceu, cedendo lugar a *Abba*, um conceito inovador e polêmico de Deus-Pai amoroso, que acabou adquirindo forma e poder através da controvertida mensagem transmitida pelo seu filho, supostamente enviado à Terra para salvar a humanidade, redimindo-a de seus incomensuráveis pecados e iniquidades.

E foi através desse rebento do novo Deus *Abba* que Enki, na época um exilado, presenciou a história mais impressionante da sua vida. Uma sucessão de fatos e de milagres que mudou para sempre a sua concepção do termo “*Divino*”.

Por uma casualidade do destino, ele se encontrava em Jerusalém, por ocasião da Páscoa judaica e, totalmente sem querer, teve a sua atenção atraída para as escadarias do Templo, onde um homem de barbas e cabelos compridos, porte altivo e bastante carismático proferia um revolucionário discurso. Foram palavras e concepções novas que calaram fundo em sua alma, mudando para sempre a sua maneira de enxergar as coisas. No dia seguinte, ele assistiu ao mesmo homem de olhar brando e apaziguador perder a paciência, virar barracas e atacar com um relho um grupo de comerciantes que desrespeitosamente as haviam montado na área interna do recinto mais sagrado do Templo.

Hora depois, à noite, Enki presenciou a prisão e o martírio a que o tal sujeito foi submetido. E na manhã seguinte assistiu, desolado, ao julgamento público, no qual aquele ser iluminado que aprendera a admirar, acabou sendo condenado a morrer crucificado, tão somente por ter ousado autoproclamar-se “*Filho de Deus*”; e o que foi pior: condenado pelo próprio povo, as mesmas pessoas que dias antes o enalteciam como o “*Rei dos Judeus*”.

Mas foi só ao encará-lo na Via Dolorosa, com a coroa de espinhos perfurando-lhe a cabeça e o gigantesco *patibulum* nas costas, que Enki percebeu que aquele deveria ser o tal homem milagroso de que Marduk tanto lhe falara e que certa vez decidira confrontar no deserto, tentando-o de todas as formas a abandonar o seu deus *Abba* e se juntar aos Anunnaki. O sujeito, no entanto, resistira bravamente aos argumentos e às ameaças do filho de Enki e seguira resoluto o próprio caminho.

Impotente e inconformado, o Anunnaki limitou-se a acompanhar, oculto pelas sombras, o sofrimento do sujeito; e até o ajudou a carregar a cruz por alguns metros, quando, em determinado momento, este não suportara o peso do *patibulum* e caíra, protagonizando uma das mais célebres passagens da Via Sacra.

Enki viu-o ser crucificado e morrer. Ele estava presente durante o forte tremor e

o assustador temporal que se seguiram à morte do sujeito.

Mas, a bem da verdade, foi só depois da milagrosa e inexplicável ressurreição do Iluminado, que o espião Anunnaki também conferiu assombrado, que ele finalmente compreendeu que realmente existia um Deus verdadeiro, acima de todos os outros. Um Deus Maior e que era ao mesmo tempo Onipotente, Onisciente e Onipresente.

Quando caiu a ficha, Enki já se encontrava a meio caminho de formular a mais absurda das teorias, segundo a qual, durante toda a sua efêmera existência, ele e os seus irmãos Anunnaki, nada mais haviam sido do que meras engrenagens do Destino, que agora também ele reconhecia pelo verdadeiro nome: *Abba*; e que tudo pelo qual eles passaram ao longo daqueles milênios, tinha sido parte integrante de um plano divino maior para que a vontade dessa irrefutável Energia Cósmica Geratriz da Vida e Mantenedora da Paz e da Harmonia Universal se fizesse cumprir.

Convicto em sua nova ideologia filosófica, o Anunnaki deixou Jerusalém.

V

De volta ao presente...

Dias mais tarde, o Museu Britânico recebeu a caixa com a inestimável coleção de tabuinhas de argila, ao mesmo tempo em que os maiores e mais respeitados veículos de comunicação do mundo receberam cópias digitais da sua tradução.

Ao contemplar a polêmica reportagem sobre o Povo das Estrelas e a sua inegável influência na História da Terra, o velho arqueólogo sorriu satisfeito. Ele sabia que, em breve, a própria humanidade seguiria o seu exemplo. Com o avanço da tecnologia e com a nova passagem de Nibiru pelas proximidades da Terra, prevista para ocorrer em um futuro próximo, após 3.600 anos orbitando nos confins mais longínquos do Sistema Solar e de ter permanecido totalmente incógnito aos olhos do homem, logo o

planeta seria redescoberto pelos astrônomos de plantão. E quando isso acontecesse, o ser humano daria um novo salto rumo à própria evolução. E, a partir de então, aos poucos, o homem desvendará os mistérios do Universo, igualmente tornando-se deus, ou melhor, um mensageiro Dele nos mundos que indubitavelmente visitará.

O que o velho arqueólogo esperava de tudo aquilo, no entanto, era que aquele legado pudesse ensinar algo aos habitantes do planeta azul e, talvez, impedir que a humanidade cometesse os mesmos erros que os seus antigos deuses sumérios haviam cometido, no tempo em que ocuparam os tronos divinos, regendo tanto os destinos de Nibiru como o do nosso planeta.

E então, Enki – o Senhor da Terra, filho de Anu, pai da Humanidade e o último Anunnaki ainda vivo na Terra – entrou em sua nave e deixou o nosso planeta, para sempre, rumo a Nibiru. Mas ele partiu feliz e realizado por ter concretizado o seu maior sonho, cultivado por mais de dois mil anos: o sonho de ajudar o “Iluminado” a tornar pública a existência de *Abba* (o Deus Único e Verdadeiro), assim como a sua verdadeira mensagem, através daquela inusitada biografia terráqueo-nibiruana. A mesma que ele agora pretendia levar ao seu planeta natal e que futuramente haveria de ficar conhecida em ambos os mundos como...

“O Legado Anunnaki”.

O RITUAL DA PRINCESA

Jaqueline Tonin Alquati

Num tempo em que Elfos, Gnomos e Fadas ainda viviam na mesma dimensão que os seres humanos...

Uma bela princesa atravessava os seus piores dias. Loucamente enamorada, desde criança, pelo jovem príncipe de um reino vizinho, a garota sofria amargamente dos males do coração por saber que o seu amado estava em vias de se casar com outra e não com ela. Conforme os costumes da época, o rapaz havia sido prometido, desde o nascimento, à rival, também princesa, mas de um reino muito mais poderoso e rico do que o seu.

Com a proximidade do fatídico evento, em que perderia o seu primeiro e único amor para sempre, o desespero da princesa só piorava. A dor que sentia aumentara a tal ponto de inconformismo que durante um triste passeio pelo bosque real do reino, a vã tentativa de distrair-se um pouco terminou por levá-la a pensar em acabar com a própria vida. E então, movida por aquele destrutivo sentimento de autocomiseração, a jovem princesa planejou enforcar-se na árvore mais alta do reino.

À noite, naquele mesmo dia, após todos acharem que ela estava dormindo, a princesa saiu furtivamente do castelo por uma passagem lateral, fugindo dos guardas e das damas de companhia, e embrenhou-se sozinha no bosque. Trazia um resistente cordame consigo, o qual pretendia usar no suicídio. Andou até o frondoso carvalho secular que escolhera para servir de cadafalso. E quando estava prestes a escalar a árvore, viu o intento malgrado por um vulto conhecido que, de súbito, materializou-se à sua frente.

Tratava-se do curandeiro real. O velho mago de rosto magro, longas madeixas grisalhas, barba branca e corpo alquebrado pela impiedosa ação do tempo, dono de inigualável sabedoria, aproveitava o frescor da noite para colher algumas plantas e ervas que pretendia empregar em suas famosas poções medicinais. Ao perceber o que acontecia ali, ele se compadeceu da princesa e ofereceu-se para conversar.

A princípio a princesa mostrou-se reticente e hesitou, mas aos poucos, notando que não se livraria do incômodo intruso, acabou cedendo e desabafou. Contou sobre os motivos da sua aflição e o que pretendia fazer.

O velho mago, após refletir bastante, e condoído da triste situação da garota, lhe fez uma insólita proposta: se ela abandonasse a idéia do suicídio e lhe desse um voto de confiança, ele prometeu que a ajudaria a resolver o problema que a atormentava.

E então foi a vez dele contar-lhe que no passado também sofrera do mesmo mal; e após pesquisar durante muitas luas acabara encontrando um encantamento capaz de curar-lhe do terrível estigma.

Mas por uma infelicidade do destino ele não conseguira sequer realizar o ritual a tempo, visto que a sua amada acabara sendo vitimada por um mal súbito e morrera horas antes.

– Todavia sinto-me reconfortado de saber que agora os meus estudos finalmente serão úteis! – disse ele.

Empolgada com a possibilidade, a princesa o escutou atentamente.

II

Naquela mesma madrugada, pouco antes do surgimento dos primeiros raios de sol, devidamente instruída pelo velho mago-curandeiro, a princesa se colocou sob o secular carvalho.

Em sua mão direita uma adaga de prata feriu o ar com nove círculos perfeitos, enquanto ela proferia as palavras mágicas de invocação dos seres elementais. Aos pés do carvalho encontrava-se, ricamente ornamentada, uma baixela também de prata, com entalhes em ouro e pedras preciosas, cujo interior ostentava uma farta oferenda de mel com grãos de trigo. Oblação esta destinada a atrair a “fada realizadora dos desejos”.

Assim que a princesa terminou de proferir as palavras mágicas, um fino raio de sol transpassou a espessa folhagem do secular carvalho, iluminando um minúsculo ponto de grama próximo aos seus pés, o que fez com que ela desviasse o olhar por alguns instantes, para poder admirar o raríssimo trevo de quatro folhas que ali se materializara. Foi quando um suave som de flauta de pã preencheu a atmosfera e uma luz muito intensa se fez presente sobre a plantinha, dentro da qual surgiu a mais bela de todas as fadas. Pequeninha como o trevo, cabelos verdes como as folhas do carvalho, asas transparentes, pele clara como o dia que nascia e olhos azuis como o firmamento celeste.

Rapidamente, a princesa murmurou as palavras do encanto de aprisionamento que aprendera com o velho mago, ao que uma gota de orvalho caiu do carvalho sobre a fadinha, enclausurando-a em seu interior.

Neste momento, a princesa revelou o desejo que deveria ser atendido pelo ente elemental, para que ele pudesse ser liberto novamente.

A fada, assustada e coagida pela princesa, com um rápido movimento da varinha de condão prontamente a atendeu, ao que a gota de orvalho simplesmente explodiu em uma forte emanção luminosa. E ambas, assim como o trevo de quatro folhas que as sustentava e a baixela de prata com o mel e os grãos de trigo, desapareceram.

Atônita, a incauta princesa escutou uma voz que, num misto de tristeza e rancor, reverberou diretamente em sua mente.

“Está feito, o pedido foi concedido! Dentro de pouco tempo, os louros do amor lhe sorrirão. Mas lembre-se de que todo desejo realizado tem suas consequências...”.

III

Era véspera do grande dia. A ansiosa noiva experimentava, mais uma vez, o deslumbrante vestido que seria usado no dia seguinte, durante o seu casamento. Duas costureiras de confiança ajustavam os últimos detalhes, enquanto uma dezena de outras mulheres da corte se dividia entre suspirar ou sorrir falsamente, imaginando-se no lugar da noiva, lembrando do próprio casamento ou tentando disfarçar a inveja que sentiam da garota.

De repente, a janela da torre em que se encontravam se abriu com estardalhaço e um vento gelado inundou o aposento. Ato contínuo, a noiva sentiu uma forte dor no peito. Ela cambaleou e desabou. Quando chegou ao chão já estava morta.

IV

No mesmo instante em que a rival morria, uma forte tempestade se abateu sobre o bosque real onde a princesa se encontrava. Era uma simbólica forma de protesto da Mãe Natureza pela trágica morte de um ser humano inocente, causada pela magia de um elemental.

Em agradecimento por ter sido atendida pela fada, a princesa prosseguiu com o ritual, agora sem a intimidante presença do mago-curandeiro, que igualmente havia desaparecido e nunca mais foi visto por aquelas paragens.

Na egoísta pretensão de acorrentar o coração do príncipe amado ao seu, para todo o sempre, a impetuosa princesa lançou mão de um antigo encantamento de

atração. Despiu-se das suas vestes reais e deitou-se, o corpo nu, de pele alva e macia, sobre a relva fria e molhada, aos pés do enorme carvalho.

E então, com o sangue menstrual, que tão livremente fluía de seu ventre juvenil-adolescente, desenhou, uma a uma, as iniciais do nome do pretendente no próprio peito, exatamente sobre o coração, enquanto recitava a meia dúzia de expressões mágicas que ativariam o almejado sortilégio.

E, por fim, quando terminou, deixou-se banhar demoradamente pela água da chuva, que acabou levando embora todo e qualquer vestígio do ritual.

Somente depois de muito tempo, ela decidiu levantar. Vestiu-se e retornou feliz da vida para o castelo.

V

Algumas luas se passaram e o seu maior sonho finalmente se realizou.

Durante uma singela manhã de outono, como outra qualquer, chegou ao castelo um mensageiro que ao seu pai trouxe uma irrecusável proposta: o monarca do reino vizinho propunha um pacto nupcial entre os herdeiros de ambos os reinos, dizendo-se disposto inclusive a abrir mão do dote da princesa, em troca de ter a mão da jovem concedida em favor do seu varão mais velho e legítimo herdeiro, o príncipe.

O casamento propriamente dito não tardou a chegar.

O majestoso evento ocorreu nos imponentes jardins do palácio real do reino vizinho, na primeira noite de lua cheia da primavera seguinte.

Foi uma cerimônia fabulosa, seguida de um esplendoroso banquete. A princesa, agora casada com o grande amor da sua vida, sentia-se a mais feliz das criaturas.

Ela comeu, bebeu e dançou. Divertiu-se durante horas a fio, ao lado do marido, dos familiares de ambos e dos milhares de convidados que abarrotavam os luxuosos

salões.

Já era madrugada alta quando os noivos se recolheram aos seus aposentos.

A noite de núpcias foi primorosa e inesquecível. A melhor noite da sua vida.

VI

Dezessete luas depois, a princesa descobriu que estava esperando um filho.

Uma nova onda de alegria se alastrou pelos dois reinos, que passaram a contar os dias para a chegada do tão esperado herdeiro que os unificaria, pois seria o único e legítimo sucessor de ambos os tronos.

Aqueles foram os melhores meses da sua vida.

Mas eis que chegou a tão esperada hora...

O nascimento do primogênito da princesa se deu na lua nova. Não obstante, o que ninguém imaginava era que com as primeiras contrações também havia chegado o inevitável momento do acerto de contas com o passado.

Em meio a uma interminável noite de sofrimento e agonia, marcada por dores lancinantes, contrações, cólicas terríveis e muita aflição, a criança afinal resolveu dar o ar da graça. No entanto, aquele momento que deveria ser o ápice da realização para a princesa, o momento em que finalmente iria ter o prazer de aconchegar nos braços o produto final do seu amor com o príncipe, tornou-se o seu mais cruel e desesperador pesadelo.

De repente, começaram as complicações. Sangue e dor. Muito sangue e muita dor. As parteiras se condoeram, mas nada puderam fazer para aliviar-lhe o suplício. E, num ato reflexo, junto com a placenta ensanguentada, o seu corpo expeliu uma linda criança.

Todavia, o alívio durou apenas alguns segundos...

O grito de horror que partiu da boca da parteira-mor lhe arrepiou até o último fio de cabelo, no que a princesa se apercebeu de algo que lhe provocou calafrios de pavor: ela ainda não ouvira o choro da criança.

Ao virar a cabeça para o lado, compreendeu o motivo.

O bebê, que por nove meses carregara no ventre, fruto do seu controverso amor, viera ao mundo natimorto.

Em meio ao desespero, às dores que só aumentavam e às lágrimas, a princesa escutou uma triste voz. A mesma que lhe falara naquela insólita noite do ritual, em que capturara uma fada a fim de forçá-la a atender o seu egocêntrico desejo.

“Todo desejo realizado tem suas consequências”.

VII

Horas mais tarde, no crepúsculo daquele mesmo dia, o badalar melancólico e intermitente dos sinos da catedral anunciaria, para todo o reino, que a princesa e seu rebento estavam mortos...

PROJETO GÊNESIS

Márson Alquati

“Todo aquele que não possuir a capacidade de aprender com os próprios erros estará fadado a repeti-los”...

I

O Apocalipse não aconteceu como as Escrituras Sagradas haviam previsto.

Foi muito pior.

Embora houvesse inúmeros anúncios e avisos que alertassem para a necessidade de se preservar a natureza, o homem simplesmente ignorou-os. Advertiram que era preciso cuidar do meio ambiente, mas ninguém levou a sério.

O resultado disso foi que a degradação ambiental chegou a tal ponto que, aos poucos, as florestas deixaram de existir, cedendo lugar a imensos desertos por todos os continentes; a camada de ozônio reduziu-se dramaticamente; a maioria dos animais silvestres e domésticos entrou em sério risco de extinção ou foi totalmente extinta; as estações do ano e o clima mudaram drasticamente; e os rios, lagos, barragens, lagoas e mantos aquíferos de todo planeta foram secando, escasseando, sendo irreversivelmente contaminados, poluídos ou esgotados. Com o tempo, até mesmo os imensos oceanos e mares começaram a perder volume e a recuar nas regiões litorâneas, expandindo ainda mais as áreas desérticas pelo globo.

E em determinado momento, a água potável também se tornou tão escassa que iniciou-se um período de austera carência do líquido vital.

As consequências não tardaram a aparecer. Em pouco tempo, entrou em vigor um severo racionamento de água. Devido à drástica e forçada redução no consumo – que passou a ser de

apenas meio copo ao dia, por pessoa – as doenças renais, infecções gastro-intestinais, das vias urinárias e as enfermidades da pele se tornaram as principais causas de morte. Os banhos de qualquer natureza foram banidos. As pessoas tinham de se limpar com toalhas embebidas em azeite mineral. Homens, mulheres e crianças passaram a raspar as cabeças e os pêlos do corpo, a fim de manterem-se mais limpos e livres de parasitas.

As roupas passaram a ser descartáveis, o que aumentou astronomicamente a quantidade de lixo acumulada. E foi preciso voltar a utilizar as fossas sépticas nas grandes metrópoles urbanas, como no passado, porque as redes de esgotos simplesmente pararam de funcionar por falta de água.

Não bastasse tudo isso, as árvores e plantas morreram, porque quase nunca chovia. E quando chegava a ocorrer uma precipitação, normalmente era de chuva ácida. Sem contar as grandes variações térmicas em que era natural registrarem-se temperaturas médias acima dos sessenta graus durante o dia e algo em torno dos trinta e dois graus negativos à noite, fator que limitava consideravelmente as condições para a manutenção da vida vegetal e animal.

E então foi a comida que começou a rarear...

As plantações não vingavam. A pecuária deixou de existir. E o pouco alimento que ainda podia ser fabricado com a reduzida matéria prima restante passou a ser 98% sintético, capaz de manter o corpo humano, mas pobre em nutrientes.

Com o passar dos anos, a aparência da população também mudou. Para pior. Corpos flácidos, enrugados pela desidratação e repletos de chagas cutâneas devido à exposição aos raios ultravioletas, que não podiam contar mais com a camada de Ozônio para filtrá-los. Os inevitáveis ressecamentos de pele faziam os jovens de vinte anos aparentarem cinquenta. A expectativa de vida caiu rapidamente para os quarenta anos. E a taxa de mortalidade infantil e de gestações interrompidas subiu para níveis alarmantes, aproximando-se dos noventa por cento.

Alterou-se a morfologia genética dos espermatozóides de muitos indivíduos. E como

consequência disso, uma grande quantidade de crianças passou a nascer com insuficiências, mutações e deformações de todos os tipos. Pais assistiram a morte dos filhos sem nada poder fazer; filhos viram os pais morrerem de sede ou de doenças provocadas pela escassez de água.

A água doce tornou-se um tesouro muito cobiçado, mais do que ouro ou diamantes. As recém criadas indústrias dessalinizadoras não davam conta de atender à demanda cada vez maior do líquido vital e cobravam muito caro pela água potável que vendiam.

Guerras foram travadas entre os povos pela posse das raras nascentes ainda existentes. E milhões de seres humanos passaram a morrer diariamente em violentos conflitos armados por causa de alguns litros de água. O desemprego explodiu. A economia entrou em colapso e a atual ordem mundial começou a ser ameaçada.

Enquanto as pessoas rezavam dia e noite, implorando por uma intervenção Divina ou até mesmo por uma morte salvadora, cientistas de todas as nações estudavam possíveis soluções para o problema. Mas como não se podia simplesmente fabricar água do nada, a solução não vinha.

E foi neste momento crítico da história humana que se chegou a mais uma catastrófica conclusão: o oxigênio do planeta igualmente estava se extinguindo, uma vez que sem mares e rios e sem a fotossíntese das plantas a sua produção, já em vias de insuficiência, reduzia-se drasticamente dia após dia.

O mundo entrou em pânico. O desespero podia ser palpável em cada nação, em cada cidade, em cada rua e em cada lar. Era apenas uma simples questão de tempo, de uns poucos anos, para que a continuidade da vida na Terra se tornasse praticamente impossível.

O que significava, em outras palavras, a inevitável extinção da raça humana!

II

Mas eis que o destino havia reservado outros planos para o homem...

Em meio ao pânico explícito a que os religiosos de todas as vertentes chamavam de “*O Fim dos Tempos*” ou “*Últimos Dias*”, um renomado físico-astrônomo brasileiro descobriu, ao acaso, a existência de um pequeno planeta, na galáxia de Andrômeda, que até então passara despercebido, mas que, em uma primeira sondagem, apresentava características geológicas e atmosféricas semelhantes às da Terra.

Um enorme alvoroço tomou conta do meio científico. Foi constituída uma comissão de astrônomos, geólogos, biólogos, físicos, químicos, matemáticos e cientistas de todas as demais áreas do conhecimento humano a fim de se estudar o referido planeta.

Todos os telescópios do mundo se voltaram para ele.

Após várias semanas analisando, estudando e mapeando ininterruptamente o novo astro, as suposições iniciais do astrônomo brasileiro acabaram confirmando-se. E mais: descobriu-se água no pequeno corpo celeste!

As agências espaciais do mundo inteiro reuniram-se em prol de um objetivo comum: o “*Projeto Gênesis*”, que essencialmente consistia na concepção de uma tecnologia capaz de enviar, com sucesso e em curto prazo, uma avançada sonda de monitoração até o suposto corpo celeste a fim de se comprovar a veracidade das atuais descobertas; sem descartar-se a necessidade de posteriormente conduzir o próprio homem à “*Nova Terra*”, nome pelo qual passou a ser chamado o astro recém descoberto.

Mas como alegria de pobre dura pouco...

Enquanto os estudos e as pesquisas a respeito do promissor planeta eram concluídos de forma satisfatória, os relatórios atmosféricos recentes passaram a apontar para o preocupante fato de que o oxigênio na Terra se encontrava em vias de acabar, bem antes do inicialmente previsto. O ar que ainda restava duraria, na melhor das hipóteses, uns poucos meses apenas.

Em face disso, foram construídos monstruosos centros produtores de oxigênio artificial, dotados de gigantescos pulmões eletromecânicos que funcionavam através de energia solar e energia eólica. O ar não era de boa qualidade, mas se podia respirar. E conseguiu-se prolongar

por alguns meses a mais a duração do oxigênio terrestre.

Os sobreviventes de todo o planeta foram imediatamente removidos para estes centros. E os governantes passaram a cobrar pelo ar respirado, restringindo, ao máximo, a quantidade do mesmo para algo em torno de uns 140 m³ ao dia, por habitante adulto. Quem não tinha como pagar era simplesmente arrancado, com a respectiva família, das chamadas "zonas ventiladas", e deixado para morrer no deserto mais próximo.

Apesar de tudo, a solução era apenas provisória, visto que em pouco tempo, também o oxigênio artificial se esgotaria. Das duas uma: ou o "*Projeto Gênese*" deslanchava de vez e levava o homem para a "*Nova Terra*" a tempo, ou adeus à raça humana.

Pois é, costuma-se dizer por aí que quando a coisa aperta de fato, a solução aparece de onde menos se espera.

E assim foi...

A urgência da situação fez com que alguns cientistas chineses levassem apenas alguns meses para aperfeiçoar um avançado sistema de propulsão por íons que a agência espacial de seu país já vinha estudando a um bom tempo. Eles conseguiram desenvolver um sistema onde poderosos foguetes retiravam a sua energia de um reator nuclear compacto, do tipo "*fissão atômica*" que, através de pequenas explosões termonucleares, provocadas por ignição a laser e por elétrons relativistas, era capaz de transformar o combustível fóssil, baseado em hidrogênio líquido, hélio-três e deutério, em energia pura e limpa. Dessa forma, os veículos equipados com esse avançado sistema propulsor poderiam atingir velocidades muitas vezes superiores à própria velocidade da luz. E com uma autonomia de voo que, no espaço, sem as interferências das ações da gravidade e da desaceleração, acabaria se multiplicando em alguns milhares de vezes.

Uma solução viável para enviar uma sonda exploratória não tripulada, porém inviável para uma nave tripulada, uma vez que seres vivos de qualquer natureza, ao serem expostos a tais velocidades acabariam se desintegrando, conforme revelaram vários estudos realizados a

esse respeito.

E então, paralelamente aos preparativos para o lançamento da sonda, iniciou-se uma segunda fase de pesquisas, movida pela necessidade de se conceber uma tecnologia capaz de conduzir o ser humano através do espaço sideral até o novo planeta, sem aniquilá-lo durante o processo.

O tempo passou. Chegou o tão esperado dia... E a sonda foi lançada com sucesso.

Em poucas semanas, ela atingiu o seu objetivo. Começaram as análises e pesquisas que acabaram comprovando que todas as expectativas dos cientistas quanto à habitabilidade da “*Nova Terra*” estavam corretas. O corpo celeste, em questão, possuía água e vegetação em abundância, solo fértil e rico em minerais, força gravitacional e atmosfera compatíveis às da Terra. E, como esta, também orbitava em torno de uma estrela que lhe proporcionava luz e calor, de forma que o clima, as temperaturas, a duração dos dias e das estações do ano fossem aceitavelmente equivalentes. Ou seja, o referido planeta era perfeito para o “*Projeto Gênese*”, e totalmente propício à manutenção da vida humana!

Foram então desenvolvidos, por um grupo de cientistas da N.A.S.A., alguns modelos de propulsores movidos exclusivamente a hidrogênio, juntamente com o protótipo de um veículo espacial de grandes proporções, plenamente apto a transportar vida animal e vegetal, em uma velocidade análoga à da luz, sem destruí-la.

Os propulsores e o protótipo foram aprovados e saíram do papel. A gigantesca nave mãe, financiada por um consórcio entre nações e que posteriormente ficaria sendo conhecida como “*Arca II*”, passou a ser construída em uma base ultra-secreta, instalada no recente deserto sul americano que se formara no local onde, em outros tempos, havia existido a Amazônia.

A esperança e o otimismo retornaram à humanidade.

O homem, mesmo contrariando todas as expectativas, havia recebido uma nova chance.

E então, as “*zonas ventiladas*”, ao redor do globo, foram sacudidas por celebrações e comemorações de todos os tipos.

Mas como reza o célebre ditado popular: “*tudo o que é bom, dura pouco*”.

E assim foi...

Em vias da conclusão da construção da “*Arca Espacial*”, os cientistas anunciaram que somente haveria lugar na nave para duas mil pessoas. O restante do espaço disponível seria preenchido com combustível, alimentos, obras de arte, livros, mudas e sementes de todas as plantas da Terra e os genomas da maioria das espécies animais conhecidas do nosso planeta original. Para os demais, restaria apenas uma dolorosa morte por asfixia, lenta e desonrosa.

E mesmo para os dois mil hipotéticos viajantes, que deveriam ser escolhidos, ou melhor, apontados pelos governantes e progenitores do “*Projeto Gênesis*” dentre os pouco mais de quinhentos milhões de seres humanos restantes na Terra para perpetuar a espécie humana no novo mundo, as perspectivas não eram muito animadoras. Pois a tal viagem pelo espaço até a “*Nova Terra*” jamais seria possível de ser realizada em um tempo menor do que algumas centenas de anos terrestres, de modo que absolutamente ninguém daquela geração estaria vivo quando a nave chegasse ao seu destino final.

Após o anúncio, houve grande comoção mundial. Desordens e revoltas generalizadas tiveram lugar em praticamente todas as “*zonas ventiladas*” do globo. Protestos e acusações. Quebra-quebras e tumultos regados à violência. Desespero e aflição. Tudo em vão.

A espaçonave ficou pronta cerca de dois meses depois. Foi carregada com tudo aquilo que os cientistas julgaram necessário para a inusitada viagem e também para os primeiros passos da nova civilização que seria edificada no novo mundo.

Os dois mil homens e mulheres entre os mais sadios e destacados membros da sociedade mundial foram escolhidos para integrar a equipe dos viajantes. Cientistas e profissionais de todas as áreas do conhecimento, escritores, artistas, intelectuais, militares de alta patente, os principais estadistas políticos e os mais influentes empresários do mundo.

Dentre os que ficaram de fora da lista, a decepção foi geral. Eles sabiam que haviam sido sumariamente condenados à morte. Nos dias seguintes ao polêmico anúncio da lista dos dois

mil escolhidos, aconteceram novos protestos, tumultos, rebeliões e revoltas armadas por todos os continentes. Milhões morreram ou foram presos e banidos das “*zonas ventiladas*”.

Contudo, nada foi capaz de impedir a partida da “*Arca*” no dia e horário programados.

E, como forma de conter os protestos, um dia antes do previsto, os dois mil escolhidos foram retirados das respectivas “*zonas ventiladas*” e levados ao hangar secreto no deserto amazônico onde se encontrava a nave mãe.

Quando já estavam todos a bordo, cerca de uma hora antes da partida, os gigantescos pulmões artificiais de todo o mundo foram desligados. E os mais de quinhentos milhões de homens, mulheres e crianças que não tiveram a sorte de figurar entre os escolhidos para a insólita viagem morreram asfixiados em questão de minutos.

Por conta disso, exceto os dois mil “sortudos” viajantes que se encontravam no interior da colossal nave mãe, ninguém mais na Terra testemunhou a derradeira partida da raça humana do nosso planeta natal...

III

Os primeiros anos da longa viagem pelo espaço foram, sem dúvida, os mais difíceis. Os viajantes precisaram se readaptar a um novo estilo de vida, repleto de privações, negações e de desconfortos, no interior da nave mãe. Sem contar o lado emocional, terrivelmente abalado pelo remorso de terem abandonado os seus entes queridos, amigos, vizinhos e parentes não escolhidos na Terra, sabedores de que isso significara a morte deles. Alguns dentre os mais instáveis psicologicamente não foram capazes de suportar o fardo e se suicidaram em suas cabines privativas ainda nos primeiros meses da grande viagem. Outros enlouqueceram e, para a sua própria segurança e a de terceiros, tiveram de ser recolhidos para celas especiais, onde passariam os seus dias até morrerem. Quanto ao restante, viu-se obrigado a se resignar com o pesado jugo que o destino lhes lançara sobre os ombros e prosseguir em frente com as suas

vidas e obrigações.

Os únicos que não demonstraram qualquer resquício de remorso foram os líderes do “*Projeto Gênese*”, encarregados da ordem, das diretrizes da viagem, da segurança e de tudo o mais que se relacionasse ao bom andamento da missão que tinha como objetivo principal a preservação da espécie humana. A maior parte desta “elite” era composta por militares de alta patente, por políticos inescrupulosos e estadistas importantes, ou pelos cientistas encarregados da parte técnico-científica. Para eles, tudo o que importava era o sucesso do empreendimento.

Dia após dia... Semana após semana... Mês após mês... Ano após ano... E década após década... A viagem pelo espaço prosseguiu, sem maiores contratempos.

Aos poucos, um por um, os planetas do nosso antigo Sistema Solar foram ficando para trás. Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno, Plutão... E quando os viajantes deram por si, a Terra e os seus vizinhos cósmicos já não se encontravam mais em seu campo de visão.

O espaço sideral era agora a sua casa.

O tempo seguiu seu curso de forma implacável, transformando a longa viagem em uma infundável e monótona jornada pelos confins do Universo.

E eis que, conforme o previsto, aquela geração envelheceu e morreu. Porém não sem antes tomar o devido cuidado de transmitir as principais bases do conhecimento acumulado de vinte mil anos terrenos aos seus descendentes diretos, imputando a estes o pesado fardo de prosseguirem com a viagem e de garantirem a preservação da espécie humana.

E assim, sucessivamente, uma geração foi se sobrepondo à outra, até se completarem sete gerações...

Quando a sétima geração chegou ao comando da missão, muito daquilo que se sabia no início da viagem, em cada área do conhecimento, já havia se perdido, do mesmo modo que as avançadíssimas tecnologias produzidas pelos cientistas originais se encontravam, em grande parte, sucateadas, carcomidas pela avassaladora ação do tempo, pelo desuso e pela falta de manutenção regular. A produção de alimentos nos canteiros e hortas da nave caíra a níveis

extremamente preocupantes. A fome começou a mostrar a sua esquelética face. Não obstante, um curto circuito no purificador fez com que o aparelho parasse de funcionar. E a produção de água potável também passou a ser um problema.

A soma de tudo isso colaborou para que igualmente os espíritos dos viajantes sofressem perturbações com o passar do tempo. Aos poucos, a esperança foi minguando e o mundo azul que eles buscavam com tanto afincamento foi se transformando em algo inalcançável. Uma lenda. Mera utopia.

E então, quando ninguém mais acreditava que pudesse ser possível vislumbrar o famoso planeta salvador prometido pelos seus ancestrais, o milagre aconteceu...

Após centenas de anos viajando como nômades pelo espaço afora, finalmente chegou o esperado momento para a combalida colônia humana. Como em um passe de mágica, e sem nenhum aviso prévio, de súbito a “*Nova Terra*” materializou-se diante da gigantesca “*Arca*”, tão majestosa, esplêndida e bela como os ocupantes da nave mãe sempre sonharam que seria.

A estonteante visão do planeta azul fez transbordar de alegria os corações e almas dos astronautas sobreviventes, de modo que celebraram uma grande festa a bordo da nave mãe.

IV

Algumas semanas mais tarde, a “*Arca*” ultrapassou as duas gigantescas luas do planeta azul e entrou na órbita do mesmo, deixando-se capturar pelo campo gravitacional da “*Nova Terra*”.

Iniciaram-se então os preparativos para a reentrada e a aterrissagem. Todavia, como os pilotos e cientistas daquela geração jamais haviam passado por semelhante situação, os tais procedimentos lhes eram totalmente novos e desconhecidos. E, para piorar, as tecnologias de piloto automático e de pouso eletronicamente dirigido se encontravam desgastadas pela ação do tempo e pelo desuso, ou seja, estavam em precárias condições.

Resumindo: a aterrissagem foi um completo desastre.

A velha “Arca” desgovernou-se ainda na primeira etapa da reentrada, quando o motor principal explodiu e os motores auxiliares de frenagem pararam de funcionar, lançando-a em queda livre. Em seguida, os painéis de instrumentos entraram em colapso e algumas chapas da fuselagem se soltaram em decorrência da grande pressão gerada sobre elas.

Por sorte, o que os esperava abaixo das nuvens era um enorme lago, convenientemente situado no cume de uma alta montanha, que serviu para amortecer a queda e, assim, evitar que a espaçonave explodisse. Mas não foi capaz de impedir que a mesma ficasse completamente arruinada, destrocada e amassada, com a metade frontal submersa e apenas a parte traseira inclinada acima da água num ângulo de sessenta graus.

Pelo menos a água abafou as chamas dos motores e esfriou os reatores superaquecidos, evitando uma tragédia ainda maior. Mas muitos dos seus ocupantes perderam a vida com a violência do impacto; ou morreram afogados entre as ferragens submersas.

Conforme se constatou mais tarde, a quase totalidade dos comandantes e dos líderes do “*Projeto Gênesis*” se encontrava entre as vítimas fatais do terrível acidente. Exceto por três ou quatro exceções, salvaram-se ilesos somente os membros menos abastados da tripulação e alguns dentre os cientistas menos importantes da atual colônia humana. Os que no momento da queda se encontravam na parte traseira da nave.

Uma contagem superficial revelou que somente setenta e sete indivíduos, no total, entre homens, mulheres e crianças sobreviveram à desastrosa aterrissagem da “*Arca*”. Setenta e sete sobreviventes... Tudo o que restara de uma raça que, em seu auge, chegou a contar com sete bilhões de indivíduos. Setenta e sete seres humanos que, de uma hora para a outra, se viram predestinados a dar continuidade à própria espécie; e a recriar uma civilização que sequer chegaram a conhecer, em um mundo completamente inóspito e totalmente estranho para eles...

Não foi fácil, mas os viajantes, aos poucos, foram se adaptando ao lugar.

No princípio, resolveram se estabelecer ali mesmo, no topo da montanha, mantendo a nave semidestruída por perto. Retiraram dela tudo o que conseguiram salvar e que poderia ser útil. E explorando as proximidades do lago, cuja análise preliminar da água revelou ser a mesma potável, encontraram árvores frutíferas das quais passaram a se alimentar. Enterraram os mortos ao sopé da montanha e montaram acampamento com tendas de campanha e barracas militares improvisadas no cume da mesma. Trataram os feridos e a cada cair da noite acendiam uma fogueira para espantar insetos e animais. E sentavam-se em volta dela.

Foi numa dessas noites que um barulho na direção da encosta da montanha chamou-lhes a atenção. E ao voltarem os olhares para lá, assustaram-se ao vislumbrar as faces atônitas de meia dúzia de seres humanóides primitivos, sujos, descabelados e nus por entre as folhagens.

Os recém surgidos invadiram a clareira aos gritos. E, antes que os nossos viajantes das estrelas pudessem sequer pensar em reagir ao que pré-julgaram ser um ataque, aqueles seres não civilizados pararam, largaram as lanças, juntamente com tudo mais que traziam consigo, e prostraram-se diante deles, com os rostos rentes ao chão.

Naquele instante ninguém compreendeu absolutamente nada. Só algum tempo depois foi que a atitude dos nativos da “*Nova Terra*” fez algum sentido, quando se tornou possível o estabelecimento uma precária comunicação através da linguagem de sinais entre os grupos.

Os primitivos contaram que enquanto caçavam na floresta longe dali, haviam assistido a queda da espaçonave sobre a montanha. Inicialmente pensaram tratar-se de uma estrela que despencara do firmamento e decidiram verificar. Mas quando vislumbraram os astronautas em volta do fogo, com as suas vestes reluzentes e seus equipamentos eletrônicos, imediatamente os tomaram por “deuses celestiais” em visita ao seu mundo.

E desde então passaram a adorá-los como tal.

Aquele primeiro contato foi crucial para o rumo que as coisas tomariam no futuro...

Resumindo a história: os viajantes gostaram daquilo... E, em consenso, resolveram tirar proveito da situação. Eles não apenas permitiram que os nativos os adorassem como deuses das estrelas, como praticamente os forçaram, através da imposição do medo e do uso de sua avançada tecnologia militar, a alimentá-los e a servi-los em tudo o que desejassem.

Em contrapartida, ensinaram-lhes um pouco de tudo o que sabiam. Pouco a pouco, e em doses homeopáticas, transmitiram para aqueles homens, mulheres e crianças primitivos parte do conhecimento acumulado que detinham. Ensinaram-lhes a linguagem oral e escrita que eles próprios utilizavam. E passaram-lhes noções básicas de agricultura e de pecuária, de medicina, de astrologia, de astronomia, de engenharia, de sociologia e de matemática. Ensinaram-lhes a dominar o fogo, a pescar e a contar o tempo. Através de conceitos rudimentares de civilização e organização social, fundaram os primeiros povoados, em volta da montanha, que mais tarde se transformariam em vilas. E, posteriormente, nas primeiras cidades do novo mundo. Então difundiram a cultura e as artes, em todos os seus aspectos. Criaram códigos de conduta moral e um complexo sistema legal. Mais tarde institucionalizaram as religiões, em que eles próprios eram os “deuses e deusas”, como um eficaz instrumento de domínio e de manipulação das massas. E assim, mesmo que sob forma disfarçada, escravizaram os nativos, para sempre, ao seu bel prazer.

Transcorreram alguns anos. E em determinado momento, os viajantes constataram que, por conta de um defeito congênito originário das progressivas mutações genéticas sofridas por sua raça durante as sete gerações que perdurou a longa viagem pelo espaço, as suas mulheres haviam se tornado irreversivelmente estéreis.

Então, para garantirem a continuidade da sua semente, os pretensos “deuses” decidiram que os jovens ainda saudáveis de suas linhagens não apenas podiam, mas deveriam procriar com as fêmeas nativas.

E assim se sucedeu...

Os “deuses” passaram a tomar para si, todas as mulheres nativas que desejassem. E uma

nova raça híbrida surgiu dessa união forçada entre as duas espécies distintas.

Em pouco tempo, a raça recém criada se multiplicou e se expandiu por todo o planeta azul. Uma nova civilização floresceu e rapidamente evoluiu, deixando para trás, como parte de seu legado, uma controversa trajetória, repleta de erros e de acertos. Os deuses deixaram de ser deuses e os novos homens passaram a dominar o planeta. Impérios floresceram e outros decaíram. Reis foram entronados e outros depostos. Surgiram as religiões institucionalizadas. E os avanços tecnológicos rapidamente impulsionaram a nova raça para o futuro.

Em linhas gerais, tudo ia muito bem...

Até que a ganância e a irresponsabilidade dos seus incautos governantes os induziram à degradação progressiva dos inúmeros recursos naturais da “*Nova Terra*”. E, a exemplo do que acontecera anteriormente com a antiga Terra, o planeta igualmente entrou em colapso, dando início a um novo Apocalipse ambiental.

E a história, como não poderia deixar de ser, tornou a se repetir...